



SÉRIE
ESPADA DO
ESPÍRITO

ORAÇÃO EFICAZ

ALCANÇANDO UMA ORAÇÃO QUE FAZ A DIFERENÇA

COLIN DYE

Oração Eficaz

Série a Espada do Espírito

- 01 *Oração Eficaz*
- 02 *Conhecendo o Espírito*
- 03 *O Governo de Deus*
- 04 *A Fé Viva*
- 05 *Glória na Igreja*
- 06 *Ministério no Espírito*
- 07 *Conhecendo o Pai*
- 08 *Alcançando o Perdido*
- 09 *Ouvindo a Deus*
- 10 *Conhecendo o Filho*
- 11 *Salvação pela Graça*
- 12 *Adoração em Espírito e em Verdade*

www.swordofthespirit.co.uk

Copyright © 2007, 1997 by Colin Dye
Segunda edição
Kensington Temple
KT Summit House
100 Hanger Lane
London, W5 1EZ

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistemas de recuperação de informação ou transmitida, em nenhuma forma, ou por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, ou de outras maneiras, sem o consentimento prévio do autor.

As citações bíblicas são – salvo indicação em contrário – da Bíblia Almeida Revista e Atualizada – 2ª. edição – Sociedade Bíblica do Brasil.

Coordenação geral: Print International Brasil Editora Ltda.
Supervisor de tradução: João Guimarães
Tradução: Vera Jordan
Revisão: Edna Batista Guimarães
Diagramação: Rafael Alvares - alvaresdesign.com.br

Espada do Espírito

Oração Eficaz



Colin Dye

Sumário

Introdução		7
01	<i>A Oração no Antigo Testamento</i>	11
02	<i>A Oração no Novo Testamento</i>	27
03	<i>O Espírito e a Oração</i>	45
04	<i>Intercessão</i>	57
05	<i>Ação de Graças</i>	75
06	<i>As Orações de Paulo</i>	87
07	<i>Guerra Espiritual</i>	97
08	<i>O Jejum</i>	113
09	<i>Línguas</i>	123
10	<i>Rumo à Oração Eficaz</i>	137

Introdução

Quase todo mundo ora a Deus quando tem uma grande necessidade. Não importa se é um cristão, um agnóstico ou um ateu; homens, mulheres e crianças pedem a ajuda divina quando estão em dificuldades.

Para muitas pessoas, a oração é o último recurso. Elas oram somente quando estão desesperadas. Não estão certas a quem estão se dirigindo nem o que devem esperar de sua oração. Se a necessidade continua, é “prova” de que não há Deus. Se a necessidade desaparece, Deus é esquecido até a emergência seguinte.

Para os cristãos, deveria ser exatamente o oposto. Orar deveria ser tão natural e instintivo quanto respirar, e não ser restrito apenas a pedir que Deus supra necessidades; deveria ser também a expressão de um íntimo relacionamento com Deus.

Este livro sobre a oração tem três objetivos. Primeiro, ajudá-lo a descobrir e a entender o ensinamento bíblico sobre a oração. Segundo, apresentá-lo a uma empolgante vida de oração. E, em terceiro lugar, encorajá-lo e equipá-lo para transmitir a outros seu entendimento e entusiasmo por ela.

Estou certo de que você não precisa saber que deveria orar mais! Todos os cristãos, em todo lugar, se sentem assim, qualquer que seja sua maturidade espiritual. Conheço várias pessoas que têm ajudado a um grande número de crentes a orar com mais eficácia, mas nenhuma delas está totalmente satisfeita com a qualidade de sua própria vida de oração.

Ainda que saibamos que deveríamos orar mais, podemos não estar tão certos *por que* deveríamos orar mais, *como* deveríamos orar, ou, *o que* deveríamos orar. Esta é a razão deste livro ter

como objetivo, tanto ajudá-lo a aprender sobre oração na Bíblia, como orar segundo os princípios bíblicos.

Na época dos eventos registrados em Lucas 11, os discípulos tinham estado com Jesus por um período considerável. Eles o haviam observado em ação. Eles próprios tinham pregado, curado os enfermos e visto demônios se submeterem. Desde a infância haviam orado nas sinagogas judias e no Templo. Tinham até mesmo estado com Jesus quando Ele orou. Ainda assim, sentiram necessidade de pedir. "Ensina-nos a orar".

A sua paixão por Jesus e o exemplo da oração dele inspiraram os discípulos a desejarem aprender a orar. Eles compreenderam que, apesar dos anos com Jesus e da experiência ministerial que tinham, eram principiantes na oração, e necessitavam aprender do Mestre, Jesus.

Muitos de nós aprendemos a orar ouvindo outros orarem. Esta é a razão por que os cristãos de certas tradições e denominações oram sempre de maneira semelhante. Mas se nossa vida cristã, pessoal e corporativa deve ser madura e à semelhança de Cristo, precisamos basear cada aspecto dela, mais na palavra de Deus, do que na experiência humana.

Em 2Timóteo 3:16-17, Paulo nos lembra de que "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra".

Este livro é essencialmente destinado àqueles crentes que estão preparados para colocar de lado suas próprias ideias sobre a oração, bem como estudar a Palavra de Deus para descobrir os princípios bíblicos de Deus. Por favor, assegure-se de ler cada referência bíblica antes de continuar. Leia também cada pergunta e reflita sobre cada ponto, à medida que ela é formulada. Antes de passar para uma nova seção, atenção, pense cuidadosamente sobre as implicações do que você tem estudado, para si mesmo e para as pessoas que estão com você. Permita que Deus fale com você enquanto você estuda Sua Palavra.

Estabelecer um estilo de vida de oração bíblica é fundamental

para desenvolver o relacionamento com Deus. Oro para que, à medida que você estuda este livro, experimente uma nova qualidade de oração que venha a ter excelentes e profundas consequências para a sua vida, de sua família, e das pessoas necessitadas ao seu redor.

Colin Dye

Parte Um

A Oração no Antigo Testamento

Ao longo da Bíblia, a palavra “oração” é usada para descrever todo tipo de comunicação do homem e da mulher com Deus. Por exemplo, a canção de Ana, em 1Samuel 2, é introduzida como uma oração, embora seja um agradecimento. E Habacuque 3 é descrito como uma oração apesar de estar escrito como um salmo.

Há aproximadamente 85 orações no Antigo Testamento, e elas incluem oração de adoração, confissão, louvor, súplica e agradecimento.

Qualquer oração pode ser toda de agradecimento, ou toda de adoração, ou toda de súplica. Ou uma oração pode incluir muitos aspectos diferentes de orar. Leia Isaías 63:7-64:12 e veja como louvor, agradecimento, intercessão, confissão e súplica estão misturados. As orações do Antigo Testamento também podem incluir elementos de revelação profética, declaração de fé, pronunciamentos de bênção ou maldição, declarações de guerra, advertência e repreensão, e chamados ao arrependimento.

Muitas das orações do Antigo Testamento dizem respeito às necessidades físicas e dificuldades práticas. Ao contrário do Novo Testamento, poucas orações do Antigo Testamento focalizam assuntos espirituais e morais. Entretanto, o Antigo Testamento enfatiza três princípios na oração.

Apesar de as Escrituras nunca declararem isso explicitamente, elas sempre sugerem que

- Deus ouve orações
- Deus é tocado pela oração
- Deus não concede toda petição

Termos para oração no Antigo Testamento

O Antigo Testamento usa seis verbos hebraicos principais para descrever as maneiras diferentes de homens e mulheres orarem a Deus. As versões variadas da Bíblia não traduzem sempre esses verbos hebraicos com as mesmas palavras, assim é difícil apreciar as variações de significado.

Qara - chamar por

Este é o termo mais antigo e mais simples para invocação ou oração. Gênesis 4:26 é a primeira menção bíblica de oração, e mostra que o povo começou a orar ao invocar o nome de Deus. apelou diretamente para Deus ao usar Seu nome sagrado. Podemos ler sobre isso em Gênesis 12:8 e 21:33.

Isso significa que há certa simplicidade, objetividade e familiaridade nas orações primitivas. Podemos ver isso em Gênesis 15:2-8; 18:23-33; 24:12-14.

O povo de Deus *chamava pelo nome do Senhor* por todo o Antigo Testamento. Há exemplos disso em 1Samuel 12:17; 2Samuel 22:4; 1Reis 18:24; 2Reis 5:11; Salmos 116:4,17; Isaías 12:4; Jeremias 33:3; Joel 2:32 e Zacarias 13:9.

O povo de Deus continuou a chamar pelo nome de Deus no Novo Testamento, por exemplo, em Atos 2:21 e 9:14. Sendo assim, hoje, quando oramos, sabemos que devemos orar ainda *em o nome de Jesus*.

Palal – orar

Este é o termo hebraico mais comum para oração. Entretanto, ele significa, literalmente, orar com habitualidade ou orar repetidamente. Quando o povo prometeu *palal* não estava prometendo orar uma oração, estava prometendo continuar a orar, a

perseverar. A palavra é usada especificamente para expressar o 'interceder' ou, 'pedir em nome de outra pessoa' em Gênesis 20:7.

Ela foi usada primeiramente para descrever a oração de Abraão em Gênesis 20:17 e, então, descrever a oração de Moisés em Números 11.2. Deuteronômio 9:25-26 deixa claro que há uma persistência na oração *palal* bíblica, assim também 1Samuel 1:10-12.

O povo de Deus orou por todo o Antigo Testamento. Você pode apreciar isso em 1Samuel 7:5; 1Reis 8:28-54; 2Reis 4:33; Esdras 10.1; Neemias 1:4-6; Isaías 37:15; Daniel 9:4,20, e Jonas 2:1.

O Novo Testamento continua com a mesma ênfase na necessidade de se persistir na oração, exemplo, em Lucas 18:1-8 e 1 Tessalonicenses 5:17.

Paga – aproximar-se a fim de suplicar

A forma Qal dessa palavra em hebraico é *se encontrar, encontrar e alcançar*. Na forma Hiphil ela pode significar *causar para pedir*, como em Jeremias 15:11.

Esse é o termo para a forma mais forte de súplica do Antigo Testamento, e é com frequência traduzido como *interceder* ou *rogar*. Ela também pode significar *aproximar-se com violência*, ou como em Jó 36:32, *para fazer ataque, assaltar ou marcar*.

A ideia geral que obtemos dessa palavra do Antigo Testamento Velha é que intercessão é uma intervenção violenta, uma forte forma de pleitear para e em nome de outro. Veremos isso com detalhes na Parte Quatro, quando estudarmos intercessão.

Os profetas eram as únicas pessoas que intercediam a Deus no Antigo Testamento, visto que só eles tinham a unção necessária do Espírito, que os habilitava a aproximarem-se da presença de Deus. Podemos ler sobre o relacionamento entre os profetas e a intercessão em Gênesis 20:7 que usa o termo *palal* e nas seguintes referências que contêm outras palavras do Antigo Testamento para oração. Isaías 64:1, Jeremias 14:7-8 e Daniel 9:1-3.

Isaías 53:12 mostra que a intercessão é fundamental no ministério do Messias, o Servo Sofredor de Deus. Ela continua no Novo Testamento, onde Hebreus 7:25 e Romanos 8:34 descrevem a obra de Cristo como o Intercessor eterno dos santos.

Shaal – pedir, pedir para, inquirir

Esta é a palavra que o Antigo Testamento usa para descrever a oração por questões como graça, livramento, informação e orientação. Foi utilizada como palavra para oração em Números 27:22, e em Juízes 1:1, quando os israelitas necessitavam de orientação para a guerra contra os cananitas.

O povo de Deus *pediu* a Deus por todo o Antigo Testamento. Há exemplos dessa atividade de oração em 1 Reis 3:5; Salmos 2:8; Isaías 7:11-12 e Zacarias 10:1.

De novo, esse tipo de oração continua no Novo Testamento. Em Lucas 11:9 e João 14:13, Jesus deixa claro que Deus quer que continuemos a pedir a Ele tudo aquilo que necessitarmos.

Chalah – rogar

Esse é um termo não muito comum utilizado para orar a Deus, e literalmente significa *alisar a face de Deus* ou *tornar a face de Deus agradável ou doce*. Significa *pedir, pacificar ou satisfazer*. Traz a ideia de induzir alguém a mostrar favor em lugar de ira e castigo, mas está normalmente traduzido como ‘pedir’, que é usualmente traduzido por rogar. *Chalah* parece falar doce e tranquilamente com Deus, argumentando gentilmente com Ele, em oposição ao ruído e violência implicados em *paga*.

Moisés orou assim em Êxodo 32:11, quando parecia que Deus estava a ponto de consumir o povo de Israel. Essa espécie de oração é também descrita em 1Reis 13:6; 2Reis 13:4; Jeremias 26:19 e Malaquias 1:9.

A associação entre oração e incenso nasceu desse tipo de oração. À medida que o povo compreendia que Deus se deleitava nas orações de seu povo, incenso, uma doce fragrância, era oferecido a Deus pelos sacerdotes, com as orações. Salmos 141:2 mostra que alguma oração (*palal*), eventualmente veio

a ser considerada como incenso. Essa associação se repete em Apocalipse 8:1-6.

Zaaq – chorar, clamar, chamar

O Antigo Testamento utiliza esse termo para descrever a oração que pede a Deus para corrigir algo errado ou para livrar Seu povo de algum problema. A palavra relacionada a este termo em árabe sugere que 'soa como trovão'.* Os filhos de Israel sempre *clamavam* pelos seus problemas, por exemplo, em Êxodo 2:23; 14:10. Juízes 3:9,15; 6:6-7.

Esse é um tipo muito comum de oração do Antigo Testamento e parece, essencialmente, uma maneira ruidosa e desesperada de orar. Podemos ler exemplos dela em 1Samuel 7:9; Neemias 9:4; Salmos 107:13; Joel 1:14 e Miquéias 3:4.

Em Romanos 8:15 e Gálatas 4:6, Paulo sugere que o Espírito é que nos induz a clamar a Deus em oração.

Posições para orar usadas no Antigo Testamento

O Antigo Testamento não só utiliza muitas palavras diferentes para descrever muitos tipos de oração, mas mostra também que o povo adotava posições diferentes quando orava. Não havia uma maneira correta de orar.

- Em pé. No Antigo Testamento, normalmente, o povo se colocava em pé para orar. Você pode observar isso em Gênesis 18:22 e 1Samuel 1:26. Marcos 11:25 mostra que Jesus presumia que Seus seguidores se colocariam em pé para orar.
- De joelhos. Os joelhos podem mostrar o relacionamento entre pessoas. Por exemplo, elas podem se dobrar por terror ou em homenagem a alguém superior. No Antigo Testamento, o povo se ajoelhava em oração e adoração para demonstrar tanto seu temor a Deus quanto a superioridade Dele. Podemos observar isso em Salmos 95:6; 1Reis 8:54; Esdras 9:5 e Daniel 6:10. Em Atos 9:40; 20:36 e 21:5, Paulo e Pedro se ajoelham para orar em ocasiões especiais.
- Prostrado. Em ocasiões de grande reverência no Antigo Testamento, diante de Deus, o povo se prostrava com o rosto no

chão. Você pode observar isso em Números 16:45 e 1Reis 18:42. Mateus 26:39 mostra que Jesus orou dessa maneira em Sua hora mais urgente, no Getsêmani.

- Sentado. 2Samuel 7:18 é o único exemplo bíblico de alguém que se senta para orar. Esse não era o costume judeu. Atualmente, muitas tradições e culturas ainda usam posições diferentes para orar. Deus está mais interessado em nossas atitudes e nossos motivos do que em nossas posições.
- Mãos levantadas. O Salmo 63:4 descreve as mãos sendo levantadas para Deus em oração; talvez como um gesto de rendição a Ele. Êxodo 9:29 e Isaías 1:15 falam de oração com mãos estendidas, com as palmas para cima, o que sugere receber de Deus. Paulo instrui Timóteo a orar assim em 1Timóteo 2:8.

A oração no Pentateuco

Os primeiros cinco livros da Bíblia são com frequência chamados de “o Pentateuco”, embora os judeus comumente se refiram a eles como “a Lei”, ou a Torá. Exceto por Deuteronômio 26:1-15, não há *ensino* sobre oração com regras detalhadas e regulamentos que Deus deu a Israel por intermédio de Moisés. Entretanto, podemos tomar conhecimento de seis tipos de oração registrados no Pentateuco.

Conversa com Deus

Muitas das orações feitas são conversas entre o ser humano e Deus. Essas não são meramente ocasiões quando o povo se achega a Deus para falar; são também ocasiões quando Deus se achega ao Seu povo para revelar Seus propósitos. Há exemplos dessas conversas em Gênesis 15:2-8; 18:23-33; 24:12-14, e Êxodo 3:1-4.17.

Intercessões importantes

Muitas das orações que estão registradas no Pentateuco são intercessões importantes. Abraão intercedeu por outros em Gênesis 17:18; 18:23-32 e 20:7. Moisés intercedeu para que

Faraó fosse livre das pragas em Êxodo 8:12; 9:33 e 10:18; e, com frequência ele intercedera por Israel sempre que este murmurava contra Deus e se rebelava, por exemplo, em Êxodo 32:11-13.

Pedidos pessoais

Entretanto, várias orações pessoais também estão registradas no Pentateuco. Abraão orou por uma criança, em Gênesis 15:2; Eliezer orou por uma jornada bem-sucedida, em Gênesis 24:12; Jacó orou quando estava com medo, em Gênesis 32:9-12; Moisés orou, tanto quando estava perplexo, em Êxodo 5:22, como quando ficou frustrado, em Números 11:11-15.

Bênçãos familiares

Quando um pai abençoa seu filho, como em Gênesis 49:1-28, isso é, essencialmente, uma visão profética do propósito de Deus para a pessoa que está sendo abençoada. Mas Deuteronômio 33 mostra que é também uma forma de oração, pois a Deus está sendo pedido que efetue aquilo que revelou.

Juramentos e votos

O Pentateuco descreve diversas pessoas fazendo juramentos e votos. Abraão fez seu primeiro juramento em Gênesis 14:21-24, e é evidente que isso é uma forma de oração. Juramentos como o de Jacó, em Gênesis 28:20-22, se tornaram muito comuns, e são muito usados, até mesmo pelo próprio Deus, como em Deuteronômio 32:40.

A oração sacrificial

No Pentateuco, a oração estava intimamente ligada ao sacrifício. Vemos isso em Gênesis 13:4; 26:25 e 28:18-22. O oferecimento de uma oração, no contexto de se fazer um sacrifício, sugere completo abandono a Deus e total submissão à Sua vontade.

Entretanto, o fato de que a oração não é mencionada naquelas partes do Pentateuco que descrevem rituais de sacrifício, indicam que o sacrifício sem oração era mais comum.

A oração nos livros do Reino

Seguidos ao Pentateuco, há doze livros que registram a história de Israel, de Josué a Ester. Esses livros descrevem eventos importantes no seu desenvolvimento, de Juízes, passando por Reis, até a volta da nação do exílio e a reconstrução de Jerusalém.

Os livros contam uma história que é permeada com orações, e podemos ver, tanto líderes, quanto pessoas comuns, clamando para que Deus os socorra, oriente, salve e liberte. Porém, aprendemos mais sobre oração nesses livros se examinarmos as orações dos grandes homens daquela época.

Samuel

Jeremias 15:1 sugere que Moisés e Samuel são os dois principais intercessores na história dos judeus. Em 1Samuel 7:5-12, Samuel intercede duas vezes perante Deus pela nação, e em 1Samuel 8 e 12, ele intercede a respeito do pedido do povo por um rei. Em 1Samuel 12:23 ele se refere a sua súplica contínua pelo povo, e expressa o entendimento de que isso faz parte de seu chamado profético. E após a rejeição de Saul, em 1Samuel 15:11, ele orou a noite toda.

Davi

A história de Davi está cheia de referências a Davi *inquirindo ao Senhor*, como em 2Samuel 2:1; 5:19 e 23. Essas referências indicam a profundidade do relacionamento de oração de Davi com Deus e sua dependência Dele para orientação.

Muitas das orações registradas de Davi estão incluídas nos Salmos, mas 2Samuel 7:18-29 contém uma oração menos formal e mais pessoal. 2Samuel 12:16 descreve vividamente as orações desesperadas de Davi depois que Deus o puniu por causa do seu pecado. O Salmo 51, um dos únicos cinco Salmos que podem ser chamados de oração, foi escrito por Davi naquela ocasião.

Elias

Tanto Elias quanto Eliseu foram grandes intercessores. As orações de Elias em 1Reis 17:20 e 18:36-37 não têm precedente

na Bíblia. O grande teste no Monte Carmelo é aquele que ouve as orações. A confiança de Elias no Deus que ouve e responde orações como o Deus Vivo é que causa o momento tão dramático.

Esdras

Esdras 8:21-23 mostra que ele dependia da oração para a segurança de sua expedição, mas sua oração em Esdras 9:5-15 deve ser uma das maiores de todas as orações bíblicas. Aqui Esdras confessa pecados que não foram cometidos pessoalmente, mas dos quais se considera culpado, porque ele é parte da nação que os cometeu.

Essa é uma oração significativa, pois apresenta a ideia bíblica da confissão representativa.

Neemias

Oração constante é típico de Neemias. Há exemplos disso em Neemias 2:4; 4:4; 5:19 e 6:9. A grande oração de Neemias, em 1:4-11, é parecida com a de Esdras. Ele toma para si os pecados de Israel e os confessa como um todo. Ele não se separa do povo, mas considera-se envolvido em sua culpa.

Os doze livros de Josué até Ester nos mostram dois aspectos interessantes adicionais de oração.

Lugares especiais

Os livros históricos contêm orações que sugerem haver lugares especiais para orar. A arca da aliança indicava o local da presença de Deus, e assim, era um lugar de oração, como em 1Samuel 1 e 2Samuel 7.

Sacrifícios eram oferecidos nos “lugares altos”; assim, a oração era também feita lá, como em 1Samuel 7:5 e 1Reis 3. E quando o templo foi dedicado, em 1Reis 8, foi, em parte, como um lugar de oração.

Jejum

Esses livros do reino introduzem a prática do jejum, passar sem comida, e da oração. Usualmente, o jejum está no contexto do

choro e do luto, e do clamar a Deus por socorro.

Juízes 20:26-27 é a primeira referência a jejum. Há mais exemplos em 2Samuel 12:21; 1Reis 21:27; Esdras 8:23; Neemias 1:4; Ester 4:3,16.

A oração nos Salmos

A palavra hebraica para Salmo significa “cânticos de louvor”; mas embora somente cinco Salmos sejam especificamente intitulados “uma oração”, muitas pessoas sentem que todos os Salmos são orações. Certamente, há um versículo narrativo no final do Salmo 72 que sugere que todos os Salmos anteriores são orações.

Há Salmos de adoração, agradecimento, petição, celebração, lamentação, meditação, penitência, guerra e culto. Há Salmos individuais e coletivos; Salmos que recontam a história, e Salmos que imploram por vingança. Os Salmos expressam quase toda emoção humana possível, por exemplo, ódio, arrependimento, piedade, patriotismo, admiração, confiança, amor e devoção.

Parece que há dez tipos diferentes de oração nos Salmos. Aqui estão alguns poucos exemplos de cada tipo de oração. Leia-os e admire-se da criatividade e honestidade da oração dos salmistas.

- Orações que pedem a Deus por *bênção e proteção* – 86, 102
- Orações de *louvor e agradecimento* – 47, 68, 104, 145-150
- Orações por *livramento* – 38, 88
- Orações que *confessam fé* em Deus como Criador, Senhor, Rei, Juiz etc. – 33, 94, 97, 136, 145
- Orações de *arrependimento* e súplica por perdão – 6, 32, 38, 51, 102, 130, 143
- Orações de *intercessão* – 21, 67, 89, 122
- Orações que imploram por *vingança* – 35, 59, 109
- Orações de sabedoria ou *instrução* – 37, 45, 49, 50, 78, 104-107

- Orações que fazem *perguntas* – 16, 17, 49, 73, 94
- Orações que louvam a *Palavra de Deus* – 1, 19, 119

Considerando os Salmos como um todo, eles parecem sugerir cinco princípios gerais sobre oração.

Derramando o coração

Os Salmos parecem considerar a oração como o derramar de tudo que está no coração. Podemos ver isso em 42:4; 62:8, 102 (título); 142:2. O salmista não se coloca diante de Deus em oração com uma lista fixa e ordenada de pedidos, mas, ao contrário, ele derrama seus sentimentos e desejos, quaisquer que sejam eles!

A Mistura de temperamentos

Devido a esse derramar é que a oração é uma mistura de temperamentos. As orações nos Salmos passam de louvor à queixa, de confissão à depressão, de devoção à vingança. Há exemplos disso nos Salmos 57, 69 e 139.

O coletivo e o pessoal

Algumas das orações, como nos Salmos 60, 79, 80, são coletivas, e algumas delas são pessoais, como nos Salmos 23, 51, 63. Todavia, enquanto o 44 é claramente coletivo, “eu” e “meu” ocorrem nos versículos 6 e 15. E, enquanto o 102 parece pessoal à primeira vista, logo se torna claro que ele expressa as queixas e necessidades da nação.

De alguma forma, quase toda oração nos Salmos é tanto pessoal quanto coletiva. Elas expressam o entendimento judeu de que “na oração, a pessoa deve sempre se juntar à comunidade”.

O material e o espiritual

Apesar de que muitas das orações nos Salmos mostram preocupação com necessidades materiais, as súplicas espirituais permeiam-se também entre elas. Até esse ponto, a maior parte das orações do Antigo Testamento tem sido por problemas físicos.

Os Salmos introduzem a dimensão total das necessidades espirituais como um tópico de oração. Três preocupações espirituais podem ser vistas:

- Oração para comunhão com Deus, como no 63.
- Oração por perdão, como no 51.
- Oração para conhecimento da vontade de Deus, como no 119.

A extrema urgência

Ao longo dos Salmos há um sentimento de que Deus tem de ser forçado a ouvir. Ele necessita ser acordado, apressado, persuadido, como em 13:1-2; 28:1-2 e 44:23. Mas isso é porque as necessidades sempre são urgentes, imediatas e desesperadas, como no 70, não porque Deus seja relutante ou surdo.

Essas orações são diferentes dos diálogos de Abraão e Moisés com Deus, onde eles quase parecem conversar como iguais. Ao contrário, essas orações são mais como pedidos urgentes de crianças para seus pais em tempos de grande necessidade pessoal.

A oração nos livros proféticos

Os últimos dezessete livros do Antigo Testamento são chamados “Os Profetas”. Eles são a coleção de escritos de alguns dos profetas de Israel que viveram por um longo período. Alguns deles, como Jeremias, ministraram quando os judeus eram governados por reis. Outros, como Daniel, profetizaram durante o exílio. E Zacarias e Ageu foram diligentes quando os judeus voltaram do exílio para reconstruir Jerusalém.

A oração tem um alto significado nesses livros, especialmente os escritos depois que os judeus foram expulsos de Jerusalém e seu templo foi destruído. Por causa disso:

- Eles ficaram impossibilitados de oferecer qualquer sacrifício a Deus e, de maneira diferente, tinham de adorá-Lo por intermédio da oração.
- Eles se sentiram abandonados por Deus e O pressionaram para explicar o que havia acontecido, e para que os abençoasse novamente.

Daniel 6 ilustra como a oração foi um marco distinto dos judeus no exílio. Os inimigos de Daniel usam a oração como base e oportunidade para o seu ataque.

Esse capítulo contém a primeira menção de ocasiões especiais para orar, apesar de que o Salmo 55:17 pareça sugerir-las. Os judeus usavam Gênesis 19:27; 24:63, e 28:11 para justificar suas três horas de oração. Atos 3:1 mostra que essas ocasiões especiais para orar ainda foram usadas na igreja primitiva.

Todos os profetas eram intercessores, fazia parte de seu chamado profético. Eles eram profetas porque tinham uma unção especial do Espírito, e essa unção lhes deu:

- O direito ao acesso a Deus em oração
- O poder de lutar com Deus na oração intercessória
- A habilidade de interpretar a palavra de Deus para o povo
- O discernimento para perceber as reais necessidades do povo

Veremos o ministério geral de intercessão dos profetas na Parte Quatro, mas, além do aspecto especial da oração, os livros proféticos parecem conter quatro aspectos gerais de oração.

A oração pessoal

Embora os profetas fossem primeiramente intercessores, o que significa orar por ou em favor dos outros, não negligenciaram orar por si mesmos. Jeremias 17:14-18; 18:19-23 e 20:7-18 mostram as dificuldades especiais e as provações enfrentadas pelos profetas e ilustram como eles oravam por si mesmos quando tinham problemas.

Ouvindo a palavra de Deus

Foi na oração (ao menos, em parte) que os profetas ouviram a palavra de Deus. As promessas de Deus para Jeremias (33:3) foram uma promessa pessoal para um profeta que, desde o Pentecostes, é relevante para todos os que creem. Porém, Jeremias 42:1-7 registra que Jeremias teve de esperar dez dias em oração antes de ouvir a palavra de Deus.

Evitando o mal

Com frequência, os profetas oravam para afastar o mal presente ou o mal prognosticado. Amós 7:1-6 e Jeremias 15:1-21 ilustram esse aspecto da oração profética. Nessas passagens, os profetas ungidos dirigiam suas orações a Deus, pedindo a Ele que interviesse e desviasse o mal. Eles não dirigiam suas orações ao maligno. Estudaremos a Guerra Espiritual na Parte Sete.

O jejum

O jejum se tornou mais intimamente ligado à oração. Isaías 58:1-14 e Zacarias 7:1-7 contêm um estudo corretivo, explicando ao povo o tipo de jejum que Deus requer.

É mais fácil compreender o tipo de oração que é típico dos livros proféticos se lermos três exemplos proeminentes de orações dos profetas. Essas grandes orações ilustram a oração profética que luta e prevalece, a qual Deus espera daquelas pessoas que foram ungidas pelo Seu Espírito.

Isaías 63:7 – 64:12

Nesta oração impressionante, o profeta parece quase a ponto de dar um passo à frente e liderar a adoração do povo de Deus no exílio. Essa oração contém um salto gigantesco para a compreensão de Deus no Antigo Testamento, tendo em vista o seu apelo tanto à paternidade de Deus quanto ao Espírito Santo.

Isaías 63:16 e 64:8 são os primeiros registros de orações para *Nosso Pai*: isso é levantado por Jesus em Seu “Pai Nosso”. 63:10-11 é uma das duas únicas referências ao Espírito *Santo* no Antigo Testamento, o título que é adotado como o nome definitivo do Espírito de Deus por todo o Novo Testamento.

Daniel 9:1-27

Essa é outra confissão coletiva, ou representativa, semelhante às orações de Esdras e Neemias. Em seu jejum e oração, Daniel se identifica totalmente com todo o povo de Deus em sua maldade, ainda que ele não tivesse pessoalmente pecado. Porque ele era parte de um povo, o pecado deles era o seu pecado. Esse tipo de

oração é desenvolvido no Novo Testamento em passagens como a de 1João 5:16.

Jeremias 14:1-15:21

Essa intercessão persistente continua em luta e argumentando com Deus para evitar o mal, mesmo quando Deus disse ao profeta que parasse. Normalmente, a comunicação do julgamento de Deus é um convite para interceder por misericórdia; entretanto, essa história mostra que haverá um ponto onde Deus não se comoverá.

- Uma intercessão – 14:2-9
- A resposta de Deus proibindo a intercessão – 14:10-12
- Mais súplica, a despeito do interdito divino – 14:13
- Mais advertências de Deus – 14:14-16
- Um lamento do profeta que termina em mais intercessão – 14:17-22
- A resposta de Deus sobre condenação final – 15:1-9
- Ainda mais diálogo na oração que continua em 15:21

Essas orações revelam a profunda intimidade de relacionamento que existe entre Deus e os profetas. Superficialmente, elas se parecem com as orações diálogo usadas por Abraão e Moisés. Mas há mais intensidade, o jejum foi adicionado, e a oração é caracterizada pela batalha, prevalecedora, agonizante, e intensa, e com frequência exaustivamente intercessória.

Parte Dois

A oração no Novo Testamento

Se alguma vez já houve uma pessoa de quem se pensaria que não precisasse orar, certamente Jesus seria essa pessoa. Contudo, os quatro evangelhos deixam claro que a oração era absolutamente central em Sua vida.

A vida de oração de Jesus na terra

Os evangelhos registram os seguintes fatos sobre Jesus e a oração. Por intermédio dessas passagens podemos compreender a extensão do exemplo de oração que Jesus estabelece.

Ele orou:

- De manhã cedo – Marcos 1:35
- Tarde da noite – Lucas 6:12
- No Seu batismo – Lucas 3:21
- Após muita ministração – Marcos 1:35, 6:46; Lucas 5:16
- Por uma noite antes de escolher os doze discípulos – Lucas 6:12
- Sozinho na presença de seus discípulos – Lucas 9:18
- Em Sua transfiguração – Lucas 9:28-29
- Após a última ceia – João 17
- No Getsêmani – Marcos 14:32, Lucas 22:41
- Por Pedro – Lucas 22:32
- Por criancinhas – Mateus 19:13-15

- Em Sua crucificação – Lucas 23:34
- Após Sua ressurreição – Lucas 24:30
- Em Sua ascensão – Lucas 24:50
- Após Sua ascensão – João 14:16

Jesus também:

- Pediu a outros que orassem – Lucas 22:40
- Recomendou às multidões que orassem – Lucas 21:36
- Ensinou o povo a orar – Mateus 6:5-18; Lucas 11:1-4
- Ensinou sobre oração – Mateus 21:22; Marcos 11:24-25; Lucas 11:5-13; 18:1-14; João 14:13; 16:23-28
- Ficou irado quando o povo negociava mais do que orava no templo – Lucas 19:45-46

A vida de oração de Jesus no céu

O Novo Testamento mostra que, após Sua ascensão, Jesus ainda é um homem de oração; Ele é “O Intercessor”.

Romanos 8:34 declara: “É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós”.

E Hebreus 7:25 declara: “Por isso também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”.

Esses dois versículos revelam a atividade eterna do Cristo ressurrecto. Enquanto escrevo isso, enquanto você estuda isso, enquanto vivemos, e assim por diante até que morramos, Cristo continua a interceder por nós e por todos os que creem, em todo lugar.

Cristo ora no céu

Os versículos mostram que Jesus Cristo vive, especialmente, no céu, mais do que nos corações humanos. Se Ele vivesse principalmente na terra, no coração dos crentes, Ele não poderia estar à mão direita do Pai intercedendo por eles.

O princípio bíblico é de que *recebemos* o Espírito Santo em nossas vidas, e de que cremos no Filho de Deus que governa nas regiões celestiais, onde Ele se ocupa dessa eterna agonia em oração com o Pai.

Cristo ora pelos santos

Romanos 8:34 e Hebreus 7:25 apresentam Cristo como intercedendo pelos santos, por aqueles que vieram a Deus por intermédio Dele. Esse é um princípio importante de oração.

Uma recente intercessão na igreja tinha como objetivo a oração pelos incrédulos, especialmente para que fossem salvos. Apesar de não ser errado, a ênfase das Escrituras está em duas outras questões. Primeiro, que os que creem sejam motivados e equipados para levarem a mensagem de salvação aos que não creem, e que o evangelho seja apresentado com poder. Segundo, que os obstáculos que impedem os incrédulos de ouvir e receber a mensagem de salvação sejam removidos, e que eles sejam poderosamente convencidos do pecado. Examinaremos esse tópico nas Partes Seis e Sete.

À medida que estudamos o material bíblico de oração, deveríamos sempre procurar o objetivo da oração.

Deveríamos tentar descobrir:

- Por quem estão nos pedindo para orar
- Por que estão nos pedindo para orar por eles
- O que estão nos pedindo para orar por eles

Os ensinamentos de Jesus sobre a oração

Jesus ensinou muito sobre oração. Na verdade, Ele ensinou mais sobre oração do que sobre outro tópico, exceto dois, o Reino de Deus e finanças. Em seus ensinamentos, Jesus expressou em palavras as verdades que Sua vida demonstrou.

Aqui estão os dez princípios básicos de oração que Jesus ensinou aos seus discípulos íntimos. Podemos nos perguntar quais deles estamos seguindo e quais estamos ignorando.

Jesus ensinou Seus discípulos:

- A orar em particular – Mateus 6:5-6
- A concordar com outra pessoa em oração – Mateus 18:19
- A manter a oração pública clara e curta – Mateus 6:7-13
- A fazer pedidos específicos que estavam relacionados com as suas necessidades imediatas – Mateus 6:11; Lucas 11:3
- Que a oração eficaz estava relacionada com a maneira de eles perdoarem a outros – Mateus 6:11; Lucas 11:3-4

- Que a oração eficaz estava relacionada ao seu grau de obediência às instruções Dele e à Palavra de Deus – Mateus 7:21-27
- A orar sem cessar, a persistir nos seus pedidos, a perseverar – Lucas 11:5-13; Lucas 18:1-8
- A orar em atitude penitente e não com confiança arrogante – Lucas 18:9-14
- A orar em nome Dele – João 14:13-14; João 16:23-24,26
- A orar com fé – Mateus 21:18-22; Lucas 17:5-6

A Parábola de Jesus sobre a oração

O ensino mais claro de Jesus sobre oração é encontrado em Lucas 11:1-13 e Mateus 5:9-13. Os discípulos haviam ouvido e observado Jesus orar, e pediram a Ele que os ensinasse a orar.

Jesus respondeu à solicitação deles com:

- Uma oração para ser usada
- Uma parábola para ser entendida
- Alguns princípios para serem seguidos

A parábola do amigo insistente, nos versículos 5-8, ensina muito sobre a oração. Nessa história, Jesus, que vive para sempre para interceder por Seus amigos, revela os elementos necessários da oração perfeita.

Uma necessidade imediata

Na parábola, o homem orou porque uma necessidade urgente veio inesperadamente a um tempo muito inconveniente. Isso sugere que deveríamos começar a orar quando Deus nos apresenta uma necessidade, ou fardo, com o qual devemos lidar; então deveríamos continuar a fazer nosso pedido até que aquilo fosse resolvido. Isso implica que Deus tanto escolhe sobre o que vamos orar quanto o tempo quando começamos a orar.

Um relacionamento necessário

Na parábola, oração é a resposta amorosa do homem à necessidade de seu amigo. Um homem visitou uma amigo que, por

sua vez, visitou outro amigo. Isso sugere que a oração é uma expressão de relacionamento, e que nós deveríamos atentar principalmente à oração pelas necessidades de nossos amigos e das pessoas que conhecemos. Mas o Espírito Santo também nos habilitará para amar e identificar aqueles quem pessoalmente nós não conhecemos.

Jesus parece seguir esse princípio. João 15:3-15 mostra que os que creem são amigos de Jesus; e Romanos 8:34 e Hebreus 7:25 apresentam Jesus orando “por nós”, por aqueles que Ele salvou.

O amor evidente

Na parábola, o homem introduz em sua casa o visitante cansado e faminto. Ele não apresenta a desculpa de não haver comida, nem da hora avançada. Ele desistiu de uma noite de sono, do conforto de sua cama e arriscou a popularidade com os amigos da vizinhança para conseguir pão para o seu hóspede. Por quê? Certamente, isso foi porque ele amava aquele hóspede.

Amor, não simples hábito ou dever, deveria ser um dos principais motivos por trás da oração. O amor verdadeiro nos tira de nossas camas e nos coloca sobre nossos joelhos.

A situação de desamparo

O homem da parábola não tinha recursos próprios para suprir seu amigo. Um amor muito grande pode ser completamente impotente. Pais podem amar suas crianças doentes, mas, ainda assim, serem incapazes de ajudá-las. O homem estava desejando satisfazer ao seu amigo por si mesmo, mas não tinha nada para dar a ele.

Essa falta de recursos foi que o motivou a sair e pedir a alguém que ele acreditava ser capaz de suprir a necessidade urgente. Isso sugere que somente aquelas pessoas que reconhecem e aceitam sua própria fraqueza são as que podem receber força de Deus. Sugere também que deveríamos somente pedir a Deus suprimento para aquelas necessidades para as quais nós mesmos não temos recursos. Às vezes pedimos a Deus para

fazer coisas que somos perfeitamente capazes de fazer por nós mesmos!

Assim, Cristo intercede por aqueles que Ele salvou porque não há mais nada que Ele possa fazer. Ele deu a vida, derramou Seu sangue, ressurgiu dos mortos, subiu ao Pai e batizou Sua noiva, a Igreja, no Espírito Santo. Ele só pode fazer mais uma coisa: finalmente, Ele pede ao Seu Pai para intervir.

A oração de fé

O homem da parábola estava certo de que seu amigo ajudaria. Estava confiante de que seu amigo não se importaria de ser despertado à meia-noite. Foi essa confiança, essa fé, que o levou para a escuridão e o frio. É essa fé confiante que faz a oração resoluto. Não há razão na oração se acharmos que é pouco provável que Deus deseje ou seja capaz de satisfazer a necessidade.

Após contar essa parábola, Jesus continuou, em Lucas 11:13, a ensinar que Deus está sereno, pronto e ávido para entregar coisas boas, especialmente o Espírito Santo, para aqueles que pedem. Certamente, as promessas extraordinárias de João 14:16 deveriam levar a uma fé confiante, que ocasiona o jorrar da oração de nossos lábios.

Podemos estar certos de que Jesus tem confiança absoluta na habilidade de Seu Pai para ouvir e responder a Sua oração. Jesus sabe que Sua intercessão não é vã. Podemos estar igualmente certos de que as orações Dele por nós também serão respondidas.

A ousadia vital

Há uma reviravolta na parábola. As esperanças do homem foram destruídas. Seu amigo não o ajudaria. Essa é a finalidade da história. Oração, especialmente petição e intercessão, está cercada de dificuldades e Deus quer que sejamos ousados.

O homem tinha de ser ousado para acordar seu vizinho à meia-noite, para emprestar um pouco de pão. A palavra grega *anaidei*, em Lucas 11:8, é traduzida por *ousadia* ou *inoportunidade*, mas, literalmente, significa insolência, falta de vergonha, atrevimento ou coragem.

Precisamos de ousadia e determinação para pensar: “Preciso dessa provisão, e não serei dissuadido por nada até que a tenha obtido”. Precisamos de audácia santa, baseada na força de nosso relacionamento com Deus, de pedir-Lhe com coragem e atrevimento.

A persistência indispensável

A aplicação da parábola nos versículos 9-13 usa um tempo grego que é mais bem compreendido como “continuar pedindo, continuar procurando, continuar batendo”. Se o homem persistir em chamar seu amigo, ele obterá o pão. Se ele desistir, voltará para casa de mãos vazias.

Por isso, devemos continuar a orar audaciosamente até que recebamos a resposta de Deus, assim como Jesus continua intercedendo por nós. Nada O fará parar.

O resultado seguro

A parábola tem um final feliz. O homem recebeu os três pães. Não importa se os obteve por causa de seu relacionamento ou por causa de sua audaciosa persistência. O que conta é o pão em suas mãos.

É possível que Jesus esteja contrastando o amigo rico do versículo 8 com o Pai Celestial do versículo 13. Isso sublinha a certeza absoluta de resultado na oração. Desapontamento é impossível com o nosso amigo, o Pai. Ele nos dará coisas boas. Ele nos dará tudo que precisarmos – o Espírito Santo. Assim também, as petições celestiais de Jesus não serão frustradas. Sua noiva, a Igreja, estará pronta para as bodas.

A intercessão-modelo de Jesus

Após a última ceia, depois de haver ensinado muito sobre o Espírito Santo e a oração, Jesus orou a “principal oração sacerdotal” que está registrada em João 17. Essa oração é o exemplo mais bíblico de intercessão de Cristo. Se Mateus 6:9-13 é nosso modelo de oração, então João 17 deve ser nosso modelo de intercessão.

João 17 é, antes, três orações ao invés de uma.

- Os versículos 1-8 registram Jesus orando por Si mesmo.
- Os versículos 9-19 mostram Jesus orando por onze discípulos.
- Os versículos 20-26 são a intercessão Dele por nós.

Cinco aspectos são comuns a todas as três orações:

- Cada oração começa com uma declaração minuciosa mostrando por quem Jesus está orando – vs. 1, 9, 20
- Cada oração tem a glória como tema principal – vs. 1-5, 10,22
- Cada oração é dirigida ao Pai – vs. 5, 11, 21
- Cada oração menciona as pessoas dadas a Jesus pelo Pai – vs. 2, 9, 24
- Cada oração contém o tema da proclamação de Jesus sobre o Pai – vs. 6, 14, 26

A oração de Jesus por Si mesmo

Nessa parte de João 17, o grande clamor de Jesus era que o Filho fosse a tal ponto glorificado que poderia glorificar eficazmente o Pai. Glória tem sido definida como “uma manifestação visível de majestade através de atos de poder”. Se seguirmos esse padrão, clamaremos ao Pai para glorificar o Filho em nós, e João 16:13-14 mostra que essa é uma das funções especiais do Espírito Santo.

O Calvário e a manhã de Páscoa foram a resposta de Deus para a súplica de Jesus por glória. Sofrimento e transformação podem ser a resposta de Deus para as nossas orações.

Jesus havia revelado o nome do Pai aos doze discípulos. No Evangelho de João, com sua ênfase em revelar Jesus como o divino Filho de Deus, o nome de Deus é um tema importante. Parece que João entendeu que esse nome era *ego eimi*, o equivalente grego do nome que Deus havia revelado a Moisés em Êxodo 3:13-15. Isso significa “Eu Sou quem Eu Sou”, ou talvez, “Eu Serei quem Eu Serei”.

Na Bíblia, o nome de Deus é Sua natureza ativa. Isso significa que Jesus revelou o nome de Deus ao Se revelar como Deus. Há

aqui um mistério que nunca será totalmente revelado, nem mesmo quando Ele vier novamente em glória – Apocalipse 19:12.

Atualmente, Jesus é conhecido pelo nome *Jesus*. Ele pode também ser identificado pelos nomes *A Palavra de Deus* e *O Rei dos reis e Senhor dos senhores* – Apocalipse 19:13,16. Mas Apocalipse 19:12 mostra que Ele tem outro nome que ainda não é conhecido. Com os trezentos outros nomes bíblicos e títulos de Deus, isso é o que nós damos a entender quando oramos *em o nome de Jesus*.

Todas as vezes que oramos em Seu “nome”, antecipamos o final dessa era. Deuteronômio 12:5; Salmos 9:7-10; Salmos 20:7; Salmos 22:22 e Isaías 52:6, todos eles olham para a frente, para aquele dia, quando o nome de Deus será conhecido. Isso sugere que a obra de proclamação e revelação do nome divino de Deus deveria ser uma parte importante de nossas orações pelos outros e por nós mesmos.

A oração de Jesus pelos Onze

Essa parte da oração de Jesus em João 17 é uma extensão de Sua oração por glorificação. É na perseverança e no testemunho dos discípulos que o nome de Deus será glorificado.

Oposição é o tema-chave dessa oração. Os discípulos estão para ser deixados *no* mundo, mas eles não pertencem a ele. Eles são estrangeiros e, portanto, provocarão problemas. Jesus deu-lhes a Palavra de Deus, então, o mundo reagirá com ódio inevitável.

O versículo 11 diz: “Pai Santo, guarda-os em teu nome, que me deste”. A Bíblia Boas Novas proveitosamente traduz isso como: “Conserve-os a salvo, pelo poder do teu nome, o nome que me deste”.

É interessante ver que Jesus não ora nessa situação. Ele não ora pelo mundo e não ora para que a hostilidade cesse. Ao contrário, nos versículos 11-15 Sua oração é pela segurança dos discípulos.

Uma ideia muito comum no Antigo Testamento é que o nome de Deus tanto é o lugar como o meio de segurança. Salmos 20;

Salmos 91:14; Salmos 124 e Provérbios 18:10 ilustram tudo isso.

Atualmente, muitos que creem, oram com frequência por uma opção fácil, quando Deus quer revelar a profundidade de Seu amor em face da adversidade. Cristo não poderia deixar o mundo sem encarar o maligno. Nem nós. Isso sugere que deveríamos orar por força e segurança, mais do que pelo fim de qualquer oposição.

Jesus orou intensamente pelos Onze. Ele pediu que eles fossem separados, consagrados para o serviço, e separados na verdade. Partindo de João 15:26-27, isso deve ser uma separação no Espírito Santo, o Espírito da verdade, para o serviço.

Isso sugere que deveríamos interceder pelos crentes por quem Deus nos tem dado um peso para orar; que eles sejam consagrados no Espírito para a ação. Essa é a oração mais eficaz para evangelismo. Em vez de orar somente para que as pessoas sejam salvas, nós também oramos por aqueles que já foram salvos. Oramos para que eles sirvam a Deus mais e mais ao proclamarem poderosamente o nome de Jesus àqueles que ainda não o conhecem.

A oração de Jesus por nós

Na última parte de João 17, Cristo ofereceu duas orações por nós.

Primeiro, Ele orou para que fôssemos um. A Trindade é o modelo de unidade. É uma unidade que tem origem na ação divina, e não humana. É uma unidade visível que vai desafiar o mundo sobre a divindade de Cristo.

Jesus desafiou o mundo pela Sua óbvia unidade com o Pai. Nós também desafiaremos o mundo quando formos um com o outro, e um com o Cabeça.

Jesus também desafiou o mundo ao revelar a glória de Deus em atos de poder. Nós também desafiaremos o mundo quando agirmos de igual maneira. Isso sugere que sinais e maravilhas estão interligados à unidade. Se quisermos sinais e maravilhas, talvez devêssemos estar orando por unidade.

Segundo, Jesus orou para que estivéssemos com Ele para sem-

pre. A Noiva está orando pela breve vinda do dia das bodas. Apocalipse 22:17 diz que o Espírito e a Noiva também estão clamando “Vem”. Todavia, está a Noiva, realmente, orando assim hoje?

É uma promessa do Novo Testamento que veremos e desfrutaremos a glória de Deus após suportar o sofrimento do mundo. Cristo está apressando esse dia através de Suas constantes orações pelo aperfeiçoamento da Noiva. Ele nos chama para imitarmos esse exemplo de oração.

A oração-modelo de Jesus

A oração-modelo de Jesus em Mateus 6:9-13 e Lucas 11:2-4 é a oração mais conhecida e com frequência usada no mundo. E, mesmo assim, muita gente compreende mal a questão da oração, pois Jesus está dando uma estrutura para todas as orações mais do que uma oração pronta para ser indefinidamente repetida.

Mateus 6:5-9 estabelece a cena para a oração-modelo. Jesus não quer que oremos da maneira hipócrita descrita nos versículos 5-7. Ele não quer que oremos apenas para impressionar os outros. Ele não quer que oremos publicamente de maneira prolixa. Ele também explica que estamos nos aproximando de Deus, quem sabe realmente de todas as nossas necessidades e quem, portanto, não necessita ser ensinado sobre nossas circunstâncias.

Ao contrário, Jesus nos diz para orar “dessa maneira”. O Pai Nosso é seu exemplo de oração. “Orem assim” diz Ele, e nos oferece “o esqueleto da oração” para ser preenchido. À medida que oramos, nós mencionamos os detalhes específicos que são relevantes para a nossa situação.

Pai nosso

A oração tanto é pessoal quanto coletiva. Essa é, claramente, uma oração pessoal, a qual pode ser usada particularmente; ainda assim, do começo ao fim ela usa “nós” e “nosso”.

Esse é outro lembrete do princípio judeu de que nós devemos nos unir sempre que orarmos. Essa frase sugere que, quando orarmos, devemos nos lembrar tanto do relacionamento que temos com Deus por intermédio da fé em Cristo, quanto da comunhão

que temos com outros. Na oração, devemos dizer a Deus o que a paternidade significa para nós, e agradecer-Lhe por ela.

No céu

Nossas orações deveriam ser governadas pela compreensão de que Deus está no trono e no controle total. Podemos pedir que nos ajude a nos tornarmos mais conscientes de Sua grandeza e de Sua presença.

Santificado seja o teu nome

Essa expressão nos lembra de orar como Jesus faz em João 17, para pedir que a glória e a santidade de Seu nome sejam reconhecidas e experimentadas de maneiras específicas. Deus é um bom Pai que tem prazer em nos dar coisas boas, e Ele revela os diferentes aspectos de Sua natureza através da Sua variedade de nomes.

Quando oramos, é bom nos dirigirmos a Deus por um dos nomes que mais se apropriem a nossa oração – por exemplo, Aquele que cura, Provedor, Guia, Criador, Salvador, Pastor, e assim por diante.

Venha o teu reino

Isso nos ajuda a lembrar de orar para que Deus estabeleça Seu governo ao aumentar Sua influência, à medida que as pessoas dobram seus joelhos diante de Jesus Cristo, e enquanto nos submetemos cada vez mais ao senhorio de Cristo. Pedir que o Seu reino venha, significa pedir a Deus para reinar, da maneira Dele, nas situações e nas vidas pelas quais estamos orando.

Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu

A vinda do reino de Deus significa que as condições do céu são reveladas na terra. É claro que isso não acontecerá totalmente até que o reino venha em sua manifestação final, mas, enquanto isso, devemos orar para que a verdade revelada de Deus seja cumprida na terra, naquelas situações específicas que nos dizem respeito.

Podemos agradecer a ele pelo fato Dele querer que Sua vontade se cumpra na terra, e podemos crer que isso acontecerá à medida que orarmos.

O pão nosso de cada dia dá-nos hoje
Isso mostra que deveríamos orar pelas necessidades físicas da vida diária. É a intenção de Deus que todos os Seus filhos recebam o que precisam, mas devemos praticar qualquer ação necessária à nossa provisão.

Como o homem da parábola, oremos por necessidades que nós mesmos somos incapazes de suprir. Experimentaremos a verdade da provisão de Deus somente através da combinação de oração e ação.

E perdoa-nos as nossas dívidas

Precisamos orar pelo perdão espiritual do nosso Pai Celestial, e pelo perdão financeiro de credores humanos injustos e sem misericórdia. O perdão judicial que temos como crentes redimidos já é nosso, mas precisamos de purificação diária para manter nossa comunhão pessoal com Deus.

Como o pão de cada dia, o perdão das dívidas é alcançado por um misto de oração e ação. Deveríamos orar somente pelas necessidades que não podemos resolver por nós mesmos, ou para que Deus nos capacite a obtermos o suprimento das fontes que Ele nos tem dado.

Há alguma coisa errada em se pedir a Deus que supra necessidades, quando Ele já respondeu à oração, ao nos prover os recursos que nos supririam, e nós não tomamos nenhuma atitude. É claro que se já fizemos o que podíamos com o que Deus nos deu podemos pedir a Ele para fazer mais.

Assim como nós temos perdoado aos nossos devedores

Jesus deixa claro que nosso Pai Celestial vai recusar-nos seu perdão paterno se nós nos recusarmos a perdoar aos outros. Isso é enfatizado em Mateus 6:14-15. Obviamente Ele não quer dizer que ficaremos debaixo do julgamento ou da con-

denaço de Deus. Antes, Ele fala a respeito do perdão paterno de Deus sendo retido enquanto não aprendermos a perdoar aos outros. Ele está nos falando como filhos e filhas que podem desagravar nosso Pai de vez em quando, mas, como nosso Pai celestial, Ele nos disciplina em amor.

E não nos deixes cair em tentação;

Essa frase mostra que deveríamos pedir a Deus para nos guardar de cair em pecado e ajudar-nos a vencer as provações de nossas vidas.

Mas livra-nos do mal

Quando muitas pessoas recitam o Pai Nosso, usam uma tradução chamada “The Great Bible” (A Grande Bíblia), que é até mesmo mais antiga do que a Versão Autorizada. Inutilmente, ela se refere ao “mal” em vez de “aquele que é o mal”.

Estamos envolvidos em uma batalha espiritual, e todos necessitamos orar para que Deus nos salve dos ataques do inimigo.

Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém

A oração-modelo de Jesus termina com uma frase tirada de 1Crônicas 29:11-12, a qual traz uma mistura de louvor e triunfo. Sendo assim, podemos terminar nossa oração agradecendo a Deus pelo Seu poder, e por Sua vitória em situações específicas pelas quais oramos.

Palavras do Novo Testamento para oração

Tendo visto o ensino e exemplo de oração de Jesus, podemos agora olhar para algumas palavras do Novo Testamento para oração.

A variedade de expressões usadas para descrever a ‘oração’ no Novo Testamento é uma demonstração da riqueza de oração na vida da igreja Primitiva. Um comentarista observou: ‘A oração era a respiração da Igreja Primitiva’.

Naturalmente que exploramos o entendimento do Novo Testamento sobre a oração ao longo deste manual. Porém, 1 Timóteo

2.1 nos dá um exemplo de alguns dos tipos de oração no Novo Testamento e será útil olhar para eles de maneira rápida:

“Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens”.

Esse versículo pode ser dividido em quatro partes:

Deesis (Pedidos)

A palavra grega *deesis* traz a ideia de pedir em uma sensação de necessidade. Aqui a necessidade está no lugar mais alto, e nós vamos à presença de Deus porque estamos sobrecarregados. Em intercessão devemos identificar a necessidade, até o ponto de sentir isso por nós mesmos. Nossas orações deveriam vir daquela identificação e sensação de necessidade.

Deesis é usada 19 vezes no Novo Testamento, e, entretanto, pode ser traduzida simplesmente como ‘oração’, e com frequência tem o significado mais específico de ‘petição’, como em Filipenses 4:6. *Deomai*, que significa ‘perguntar ou ‘buscar’, denota a oração poderosa da pessoa íntegra em Tiago 5:16.

Isso nos lembra que a oração é também um pedido pelas nossas necessidades e as necessidades de outros.

Proseuche (Orações)

A palavra grega *proseuche* implica ‘perguntar na dependência de Deus para Sua provisão’. Nós devemos focar na habilidade de Deus de encontrar e atender aquela necessidade.

Proseuche é usado 37 vezes no Novo Testamento e é o termo mais geral para ‘oração’ e fazer petição para Deus, ou para o solicitante ou para outros. O verbo *proseuchomai* cobre todo aspecto da invocação, inclusive pedido, solicitação, voto ou consagração. Foi usado no grego antigo como um termo técnico para invocar uma deidade.

Enteuxis (Intercessão)

Como veremos na Parte Quatro, a palavra grego *enteuxis* (verbo *entugchano*) é um termo técnico para abordar um rei com uma

petição. Ela também carrega a ideia de representar alguém, de pedir por alguém.

Eucharistia (Ação de Graças)

Na oração da *eucharistia*, apresentamos graças a Deus para as respostas aos pedidos. Nós devíamos agradecer a Deus tanto antes quanto depois de receber. A ação de graças não influencia a vontade do Deus para abençoar, mas nos torna mais capazes de receber.

Podemos ver nas quatro divisões de 1Timóteo 2:1 uma progressão na oração:

- Você começa tendo uma sensação da necessidade
- O Espírito Santo então mostra a você habilidade do Deus de atender àquela necessidade
- Você então intercede e ora para que aquela necessidade particular seja atendida
- Finalmente, você entra em um tempo de ação de graças enquanto você tem um sentimento que a resposta foi dada.

Outras palavras do Novo Testamento para oração

O Novo Testamento também usa outro termo para oração, *aiteo*, que significa 'pedir' 'petição' ou 'exigência'. Essa é a palavra usada em 1João 3:22 que promete que os crentes obedientes podem receber de Deus tudo o que eles pedem.

Hiketeria é usada apenas uma vez no Novo Testamento, em Hebreus 5:7, e significa 'súplica'.

A palavra grega *epikaleo* também ocorre com frequência em contextos de clamar a Deus ou pelo Seu nome em oração, como em Atos 2:21.

Parte Três

O Espírito e a Oração

Quando lemos a respeito da oração de homens como Moisés, Elias, Esdras, Daniel e Jesus, muitos de nós nos perguntamos como podemos orar como eles. Queremos orar mais. Queremos orar com mais eficácia. Queremos conhecer melhor a Deus. Mas não podemos imaginar como isso acontecerá.

Sempre que fazemos a pergunta “como” a resposta bíblica é sempre a mesma. “O Espírito Santo. Ele descerá sobre você”. Em nenhum outro lugar isso é tão verdadeiro como na oração.

O espírito de oração

Vimos na Parte Um que os profetas eram os intercessores do Antigo Testamento, e declaramos isso porque eles tinham a unção necessária do Espírito.

O Antigo Testamento não declara com clareza que as únicas pessoas que intercediam eram aquelas que haviam recebido o Espírito. As únicas pessoas que ele registra intercedendo são os profetas, e, é claro, os profetas eram o maior grupo de pessoas que receberam o Espírito no Antigo Testamento.

Zacarias 12:10

Esta é a passagem do Antigo Testamento que liga mais explicitamente o Espírito à oração. “E sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o espírito de graça e de súplicas”. (Algumas versões modernas da Bíblia traduzem como “o Espírito de misericórdia e de oração”).

Ao prometer que chegará o dia quando o Espírito de Deus será derramado, Zacarias está repetindo uma promessa comum das Escrituras, da qual Joel 2.28 é o exemplo mais conhecido. No entanto, ao descrever o Espírito de Deus como “o Espírito de oração”, Zacarias está prevendo, apresentando uma verdade que é claramente vista no Novo Testamento.

João 14:13-17

Na última ceia, Jesus revela o potencial na oração e o Espírito Santo, como paralelos e inseparáveis.

Jesus faz sua maior promessa de oração nos versículos 13-14. É nesse claro contexto de oração que ele promete que os discípulos terão *allos parakletos*, outro Consolador, que estará com eles para sempre, o Espírito da verdade.

As palavras gregas *allos parakletos* significam que:

- O Espírito é exatamente o mesmo que Jesus.
- O Espírito é chamado para estar conosco e interceder ao nosso lado.

Algumas versões da Bíblia traduzem *parakletos* como Auxiliar ou Consolador, mas essas palavras não tornam clara sua função intercessória. Entretanto, agora, algumas versões modernas proveitosamente traduzem *parakletos* como Advogado, e isso transmite a ideia de que o Espírito é enviado por Deus tanto para nos ajudar como para falar por nós.

O Novo Testamento enfatiza que o Espírito atrai a atenção para Jesus ao nos ajudar a falar profética e evangelisticamente. No entanto, muitas passagens também revelam a função dele na oração: ele é o Espírito de oração que nos ajuda a orar e que ora por nós. Podemos observar isso em Romanos 8:15, 26-27; Efésios 2:18; 6:18 e Judas 1:20.

Ele nos faz clamar “Abba Pai”

Em Gálatas 4:5; Efésios 1:5 e Romanos 8:15, o Novo Testamento ensina que Jesus morreu para nos redimir e adotar-nos na família de Deus. Porque nos tornamos filhos e filhas do Pai, Deus enviou seu Espírito para nossas vidas, e é o Espírito quem

nos capacita a clamar “Abba, Pai”.

Paulo sugere que o Espírito entra em nossas vidas como o dom de adoção da parte de Deus, e que ele nos ajuda a chamar Deus pelo nome familiar íntimo que Jesus usava.

Na língua aramaica, “Abba” é a primeira palavra do modelo de oração de Jesus em Mateus 6. Isso significa que podemos viver e orar aquele modelo de oração somente com a ajuda do Espírito. Não podemos ir além da primeira palavra do Pai Nosso sem a assistência dele!

Ele vem por intermédio da oração

O Espírito é o dom de Deus para nós, e ele vem a nós para que possamos conhecer a presença de Jesus e possamos revelar a presença de Jesus para o mundo. Isso é tratado de maneira completa no livro *Espada do Espírito*. “Conhecendo o Espírito”.

Agora, por favor, lembre-se de que Jesus fez sua promessa de Lucas 11:13, sobre o Pai dar o Espírito Santo para aqueles que lhe pedirem, no contexto imediato de seu ensino sobre oração. Em Lucas 11, o versículo 13 é o apogeu, a conclusão, para a oração modelo de Jesus, para a sua parábola de oração e para seu ensino sobre a persistência.

Essa associação entre a vinda do Espírito e a oração é enfatizada por Lucas em seus dois livros, Lucas e Atos.

- Jesus estava orando em seu batismo quando o Espírito veio sobre ele - Lucas 3:21-22
- Quando seus discípulos oravam, o Espírito caiu sobre eles - Atos 1:14; 2:1-4
- Após a experiência de Damasco, Saulo passou três dias orando e jejuando; então, o Espírito o encheu - Atos 9:9-18
- Foi quando Cornélio orou, e porque ele ofereceu orações a Deus, que o Espírito foi derramado sobre ele - Atos 10:30-44

Ele nos ajuda a orar

Lembre-se de que no Antigo Testamento a palavra para intercessão, *paga*, significa “aproximar-se para suplicar”. Nós temos apresentado que os profetas do Antigo Testamento podiam interceder

a Deus porque somente eles tinham a unção do Espírito que lhes dava o direito de acesso à presença do Pai.

O acesso ao Pai

Efésios 2:18 mostra que é o Espírito quem nos proporciona o acesso ao Pai de que necessitamos. A morte de Cristo é que fez a reconciliação *possível* entre a humanidade e Deus, mas é o Espírito que nos capacita a *agarrar* a possibilidade.

Essa é a razão de Efésios 2:18 descrever nosso acesso ao Pai como “através de Cristo pelo Espírito”.

- Sem Jesus, é impossível chegarmos perto do Pai.
- Sem o Espírito, somos como qualquer pessoa, clamando ao Criador de uma grande distância, sem a garantia de que ele responderá às nossas petições.
- Com o Espírito, somos como os profetas de antigamente, habilitados para chegar perto de Deus e falar particularmente com o Pai, numa conversa face a face

A força para falar

Miquéias 3:8 mostra que o Espírito nos dá o poder de Deus para falar. O Novo Testamento desenvolve isso com sua ênfase no poder do Espírito, especialmente quando ele dá autoridade ao discurso do crente. Atos 2:4 e 1Coríntios 2:4-5 ilustram muito bem o fato.

Esse aspecto do poder do Espírito é para tornar nosso testemunho e nossa oração mais efetivos. Romanos 8:26-27 mostra que ele, particularmente, nos ajuda quando nos sentimos muito fracos para orar.

Isso significa que ele nos dá:

- A força para resistirmos às tentações naturais e demoníacas para não orarmos.
- A energia para ficarmos de joelhos e começarmos a orar.
- O poder para persistir em oração, até que recebamos a resposta de Deus.

As palavras para falar

Romanos 8:26-27 é uma passagem crítica sobre o Espírito e a

oração. Ele sabe que há vezes em que não sabemos orar. Ele sabe quando não estamos certos da vontade de Deus para uma situação e não podemos orar com clareza. E ele nos ajuda. Ele tanto participa da situação conosco quanto por nós.

Ele nos fornece as palavras para dizer. Isso funciona da mesma maneira que todos os sermões inspirados pelo Espírito. Nós fornecemos a mente e os lábios. Ele providencia as palavras. Todos os dons do Espírito, toda profecia, todo evangelismo, toda oração, seguem o mesmo modelo.

Nós nos apresentamos em fraqueza e ignorância e permitimos que o Espírito fale através de nós. Isso não é automático!

Algumas vezes, o Espírito Santo traz uma lembrança de nosso subconsciente, uma canção que cantamos, uma passagem bíblica que lemos, uma oração que ouvimos, e nos induz a usá-la na oração.

Outras vezes, ele nos leva a usar nossos processos mentais naturais e orar improvisadamente. Ocasionalmente, ele trabalha tanto em nós que somos movidos a orar sem palavras, com gemidos profundos, como se estivéssemos lutando para trazer à luz algo que não podemos compreender.

Normalmente, o Espírito nos dá os temas principais e pensamentos, e nós os preenchemos com os detalhes.

Ele ora por nós

Romanos 8:26-27 mostra que o Espírito não somente nos ajuda a orar, ele também ora *por* nós, a nosso favor. Isso significa que um intercessor divino reside dentro de nós, e é quem nos ensina a orar e quem também ora por nós, ao nosso lado.

Entugchano

Romanos 8:27 utiliza a palavra grega *entunchano* para descrever a maneira que o Espírito intercede por nós. Essa é, exatamente, a mesma palavra usada em Hebreus 7:25 para descrever a intercessão celestial de Jesus pelos santos. Essa palavra extraordinária sublinha a verdade de que o Espírito é o mesmo que Jesus, eles fazem a mesma obra para o mesmo grupo de pessoas.

Entugchano não significa que o Espírito, ou o Filho, pedem a um Pai relutante para dar algo que ele não quer dar. Literalmente, *entugchano* significa ‘preencher com’, envolvendo o sentimento de ‘estar ao redor’. Quer dizer ‘interceder por’ ou ‘pleitear a causa de alguém’.

No céu, Cristo está ao “redor” do Pai a nosso favor. Sua presença é a prova de que somos aceitos. Ele fala por nós. Ele pede por aquilo que necessitamos sempre que temos necessidade. Ele está no lugar certo o tempo todo, para apresentar uma palavra por nós, sempre que for oportuno.

Com o Espírito é a mesma coisa. Sempre que lutamos na terra, o Espírito de Deus está “ao nosso redor”, a nosso favor. Quando agonizamos em oração, ele está lá para falar por nós. Nunca temos de nos aproximar de Deus por nós mesmos. O Espírito vem conosco para agir como nosso Advogado, para expressar perfeitamente nossas mais profundas necessidades, com gemidos muito mais profundos que as palavras. Ele assegura que nossas orações estejam alinhadas perfeitamente com a vontade de Deus e garante que o Pai sempre ouve nossos pedidos mais profundos.

Ele fala conosco

Em João 14:26, Jesus prometeu que o Espírito Santo nos ensinaria e nos lembraria de tudo que ele ensinou. Em João 16:13, Jesus declara que o Espírito nos guiará à toda a verdade e nos dirá sobre as coisas que estão por vir. Através desses versículos, Jesus deixa claro que o Espírito falará a nós. Enquanto oramos, ele, tranquilamente, se comunica conosco.

Isso foi exatamente o que aconteceu no Antigo Testamento. Muitas e muitas vezes os profetas mostram que ouviram Deus falando a eles. “Veio a palavra do Senhor para” é a frase que é mais frequentemente usada no Antigo Testamento; por exemplo, Jeremias 1:11; 18:1-4, 24; Amós 3:8; 7:7; Zacarias 1:1 e 7. Jeremias 27:18 mostra que ouvir a palavra de Deus fazia parte integral da intercessão dos profetas.

O Espírito nos fala:

- *por intermédio de nossas circunstâncias* – como em Atos 16:10. Deus fecha uma porta e abre outra. Precisamos estar

sensíveis a sua orientação e seguir através das portas que ele abre.

- *por intermédio de outros cristãos* – como em Atos 6:1-6; 13:1-3; 21:11-12. Temos de permitir que nossas convicções sejam testadas por outros cristãos. Se nossos pensamentos vieram realmente de Deus, outras pessoas que estão abertas para o Espírito confirmarão sua direção.

- *por intermédio da Palavra de Deus* – tanto quando lemos as Escrituras quanto quando ele nos leva a lembrar passagens que lemos antes. Efésios 6:17 descreve essa atividade do Espírito no contexto de guerra espiritual. Colossenses 3:16 descreve a Palavra de Deus habitando “ricamente” em nós para “toda sabedoria”. Isso significa que o Espírito fala a nós por meio do entendimento amplo e profundo que temos da Palavra de Deus, e não pela seleção ao acaso ou de um verso isolado.

- *quando estamos orando* – precisamos aprender a reconhecer a maneira especial como Ele introduz Seus pensamentos diretivos em nossa mente, a fim de que possamos estar prontos para agir de acordo com eles. Muitas pessoas entendam proveitoso continuar a orar por uma situação até que atinjam o ponto onde sentem uma profunda paz interior sobre a vontade de Deus. Não é uma certeza intelectual, oriunda da mente natural, mas uma confiança prática, surgida do genuíno testemunho do Espírito Santo que nos permite agir com certeza satisfatória.

Ele nos dá uma língua nova

1Coríntios 12:10 mostra que o Espírito nos ajuda a orar ao nos dar o dom de línguas. Estudaremos isso com mais detalhes na Parte Nove.

No momento, precisamos compreender que o propósito principal das línguas é nos ajudar a orar a Deus em um nível diferente da nossa mente consciente.

1Coríntios 14:14 lembra que nós não usamos nossas mentes quando oramos a Deus em línguas, mas que oramos com nossos espíritos. Algumas pessoas se sentem desconfortáveis com

línguas porque estão muito preocupadas com os níveis conscientes de entendimento. No entanto, quando oramos em línguas, o Espírito parece usar e atuar sobre os pensamentos e sentimentos inconscientes de nossos espíritos.

O dom de línguas pode ser usado em toda área de oração, na ação de graças, confissão, petição, adoração, súplica, intercessão, guerra espiritual, louvor etc. Porém, parece haver seis área onde orar em línguas é especialmente útil.

Adoração

Orar em línguas nos ajuda a expressar amor por Jesus de maneira diferente da linguagem natural. Nós nos esforçamos para encontrar maneiras mais criativas e mais significativas de dizer “Eu te amo”. Línguas nos ajudam a expressar nosso amor por Deus quando não podemos colocar os sentimentos em palavras.

Intercessão

O dom de línguas é útil quando não sabemos o que orar. Sempre nos pedem, ou nos sentimos inclinados, a orar por pessoas, ainda que não tenhamos a mínima ideia sobre o que orar. Quando oramos em línguas, o Espírito intercede à mente de Deus através de nós.

O rompimento na oração

O dom de línguas nos ajuda a romper na oração, especialmente em oração de guerra espiritual. Quando a resposta de Deus demora a vir, e nossa fé está fraca, podemos orar com o nosso espírito. A fé que Deus tem nunca é fraca, e nossos espíritos estão mais sintonizados com sua fé do que o estão nossas mentes.

Em situações que parecem impossíveis, quando a oposição é grande ou as circunstâncias são sombrias, nossas orações podem facilmente se tornar declarações de dúvidas. Esses são tempos quando orar em línguas é mais proveitoso, porque a oração com o espírito está repleta da fé de Deus. Está cheia da confiança do Espírito de que Deus responderá à oração e derrotará o inimigo ou a dificuldade.

Lamentação

Muitos de nós temos o problema de lamentar a Deus. Como podemos derramar nossa angústia a respeito de acontecimentos como um terremoto, a queda de um avião, uma bomba terrorista, uma epidemia, um assassinato? Como podemos compartilhar da agonia de Deus? Orar em línguas pode ser um lamento significativo sobre os horrores indizíveis de um mundo que está ceifando os resultados do pecado.

Ações de Graça

Como poderia nossa linguagem natural expressar adequadamente gratidão pela cura ou conversão de um amigo íntimo? “Obrigado” não parece suficiente. Uma oração em línguas poderia ser mais oportuna. Sabemos que expressamos nossa gratidão das profundezas de nosso ser.

A preparação

1Coríntios 14:4 mostra que a oração em línguas edifica, fortalece o nosso espírito. Muitos têm tido a experiência de que a oração em línguas, regular, frequente e consistente, tem atuado como um elemento significativo em sua transformação de pessoas com testemunho ineficazes, em pessoas cujos testemunhos trazem resultados duradouros. Talvez, a oração em línguas, como o jejum, seja uma versão espiritual de ginástica corporal!

A oração no Espírito

Judas 1:20 e Efésios 6:18 descrevem crentes como “orando no Espírito”. Toda oração verdadeira é oferecida no Espírito, mas Efésios 6:18 aponta que há um aspecto da oração no Espírito que é guerra espiritual especial. Veremos isso com detalhes na Parte Sete.

Efésios 6:10-17 descreve a armadura de Deus. Efésios 6:18 descreve a atividade à qual nos engajamos quando estamos equipados com a armadura. A oração no Espírito é o nosso ponto de contato com o exército do mal. É o campo de batalha.

Em Isaías 59:15-19, o Senhor estava tão horrorizado que não houvesse ninguém para interceder sobre o mal, que ele decidiu intervir. Todavia, por favor, observe como Deus primeiro se equipou, e então aprecie as promessas feitas nos versículos 19-21!

Muitos de nós têm experimentado extensos períodos, quando o Espírito tem levado o grupo do qual fazemos parte, a orar com intensidade, autoridade, confiança e perseverança extraordinárias. Ou podemos ter experimentado um tempo de oração livre e intenso, quando o Espírito teve permissão de dirigir as orações, e quando o tempo quase pareceu haver parado. Esses são os tipos de oração que merecem o rótulo de “oração no Espírito”.

Parte Quatro

Intercessão

O entendimento usual de intercessão é simples: é orar a Deus por alguém que não nós mesmos. No entanto, isso pode indicar que a intercessão é como qualquer oração, sendo que a única diferença é que ela é orar por *outros*, com “outros” sendo o traço diferencial. Mas isso dilui sua força, porque a intercessão é um tipo forte e único de oração.

O princípio da intercessão é o de que nos colocamos entre Deus e a outra pessoa, representando-a e suplicando por sua causa. É similar ao papel de um advogado ou mediador.

Os advogados bíblicos conheciam a cultura e o temperamento tanto da pessoa que estavam representando quanto do governador a quem estavam se dirigindo, e vinham ao lado das duas partes. Eles não pareciam se insinuar ou manipular seu caminho à presença do rei, pois já eram conhecidos dele.

A mesma coisa se aplica a nós. Aproximamo-nos de Deus em intercessão por causa de nosso relacionamento íntimo com ele. Enquanto permanecemos intrepidamente diante dele, pedimos-lhe sobre as necessidades e interesses de outras pessoas.

A intercessão no Antigo Testamento

Êxodo 32:30-34:35 é um exemplo notável de intercessão bíblica. Por favor, leia a passagem cuidadosamente e retenha esses pontos, que são típicos de intercessão bíblica.

- Moisés estava envolvido numa confrontação com Deus a favor de outros.
- Ele suplicou para ver a glória de Deus.

- Foi-lhe dada uma tarefa para cumprir e uma mensagem para proclamar.
- Ele teve de persistir na intercessão
- Ele clamou pelo nome de Deus
- Houve um enorme custo pessoal
- Ele foi transformado como subproduto de sua intercessão

Paga

Paga é a palavra hebraica que é comumente traduzida como “intercessão”. É difícil traduzir com precisão, mas carrega o significado de “permanecer diante e entre” e “aproximar-se com violência”. *Paga* tem diversos usos no Antigo Testamento além de oração intercessória, e isso nos ajuda a entender a intercessão.

A fronteira

Paga é usada em Josué 19:11, 22, 26, 27 e 34 como a palavra que descreve a fronteira entre duas tribos. A tribo poderia ir até *paga* e não além. Muitas batalhas tribais eram causadas por tentativas de quebra do limite ou de empurrá-lo para trás.

Isso denota que intercessão é orar na linha de frente, e que isso envolve empurrar a fronteira até que possamos atingir o limite do que podemos fazer em oração.

Em Gênesis 18:16-33, quando Abraão havia acabado de interceder, o assunto estava encerrado. Ele voltou para casa para esperar o veredicto. Ele havia atingido a sua fronteira espiritual.

Violência

Paga é também usada em Juízes 8:21; 15:12; 1Samuel 22:17-18; 2Samuel 1:15; 1Reis 2:25, 29, 34, 46 para descrever encontros violentos, alguns dos quais terminaram em morte.

Essa é a mesma palavra que descreve nosso encontro com Deus em oração. Mostra que intercessão não é uma atividade quieta e confortável, é uma intervenção cara e com frequência uma intervenção espiritualmente violenta.

Em Jeremias 7:16, *paga* é contrastada com outras formas de oração. A Jeremias foi dito que não *palal* – orar habitualmen-

te – pelo povo. Então, ele foi instruído a não *rinnah* – chorar pelo povo em voz alta. Depois, que não *tephillah* – apresentasse súplicas ou cantasse louvores a respeito do povo. Finalmente, como para acabar o assunto, Jeremias recebeu ordens para que não *paga* pelo povo. Ele não deveria contender violentamente com Deus em favor do povo.

Jeremias 7:16 também pode ser visto como uma revelação que a oração normalmente progride de níveis mais baixos, mais gerais de oração para intercessões mais altas, mais intensivas e efetivas. Habitualmente envolve levar as necessidades para Deus, conduz a tempos de intensos apelos a Deus, desenvolve súplicas misturadas com louvor e ação de graças, e termina em intervenção violenta no reino do Espírito.

Pedir

Paga é usada para descrever a maneira mais forte de pedir, no Antigo Testamento. Ela é sempre traduzida como “rogar”. Significa pedir por algo que é desesperadamente desejado. Em Gênesis 23:8, Abraão pediu aos filhos de Hete *paga* por uma caverna. E em Rute 1:16, Rute disse a Noemi que não *paga* para que ela voltasse.

Os profetas

Os profetas eram pessoas de oração e os intercessores do Antigo Testamento e, pela sua unção com o Espírito, eles tinham o direito de comparecer à presença de Deus, o que era essencial para a sua tarefa.

- Gênesis 20:7, a primeira referência a um profeta, revela essa ligação.
- Jeremias 27:18 apresenta intercessão como parte do serviço verdadeiro do profeta.
- Êxodo 18:19 registra a sugestão de Jetro para que Moisés fizesse da intercessão sua prioridade.
- Números 27:5 mostra que Moisés acatou o conselho de Jetro.

- Isaías 59:16 revela a tristeza de Deus pela ausência de profetas que intercedessem junto a Ele.
- Joel 2:28-29 promete que um dia todo o povo de Deus profetizará, e assim, todos estarão aptos a interceder.

Os profetas do Antigo Testamento necessitavam receber a palavra do Senhor ou o Espírito do Senhor antes que pudessem profetizar. Eles não ousavam iniciar uma mensagem profética. Isso também se aplicava à intercessão.

Jeremias 27:18 mostra que os profetas que haviam recebido a palavra do Senhor eram os que deveriam estar intercedendo. Isso sugere que nós não deveríamos escolher o objeto e a ocasião de nossa intercessão. Devemos interceder somente quando Deus manda, e somente sobre aqueles problemas que Ele revela a nós pela Sua palavra ou por Seu Espírito.

A intercessão no Novo Testamento

A palavra grega *enteuxis* é normalmente traduzida como “intercessão” no Novo Testamento. No uso diário, ela descrevia uma petição a um rei sobre outra pessoa, e foi, na Igreja, absorvida para descrever a ideia de *paga* de oração do Antigo Testamento.

Enteuxis é uma palavra levemente mais carinhosa que *paga*. *Enteuxis*, ou palavras derivadas dela, ocorrem sete vezes no Novo Testamento:

- Hebreus 7:25 e Romanos 8:34 descrevem a obra de Cristo como eterno Intercessor dos santos, para cumprimento de Isaías 53:12. Vimos essa passagem na Parte Dois.
- Romanos 8:26-27 mostra a obra do Espírito Santo em intercessão como cumprimento parcial de Zacarias 12:10. Examinamos essa passagem na Parte Três.
- Atos 25:24 usa *enteuxis* no seu significado comum. Festo declarou que toda a comunidade judia intercedeu com ele, “protestando em alta voz”. Intercessão não é necessariamente uma atividade quieta, particular ou ordenada! Os judeus estavam intercedendo simultaneamente com Festo pela morte de Paulo. Isto volta à antiga ligação do Antigo Testamento entre intercessão e violência. Não há necessi-

dade de que as pessoas sempre orem ordenadamente umas após as outras, em estilo regulamentado. Deus ouve todas as nossas orações, até mesmo quando oramos ao mesmo tempo!

- 1Timóteo 4:5 reforça a ligação entre a Palavra de Deus e intercessão no Antigo Testamento. A comida era santificada pela Palavra de Deus e pela oração *enteuxis*. Alguns cristãos presumem que têm a responsabilidade geral de orar pelo mundo todo. Não é dessa maneira. Temos de nos restringir à intercessão por aqueles problemas que Deus confiou especialmente a nós. Não temos uma obrigação geral de interceder. Temos somente o dever de orar pelos problemas que Deus nos apresentou.

O resultado da intercessão em 1Timóteo 4:5 foi transformação total. A comida que havia sido considerada inaceitável se tornou santa, separada para Deus. A consagração dos santos deveria ser um dos objetivos da intercessão. Deveríamos nos comprometer com a intercessão para proporcionar a separação do povo de Deus para o serviço proveitoso.

- Romanos 11:2 se refere à intercessão de Elias em 1Reis 19:10-18, que era uma queixa sobre o comportamento de Israel. Elias esperava que sua oração resultasse em alguma ação, mas, em vez disso, ele recebeu uma revelação. Deus não iria fazer nada. Elias devia fazer alguma coisa.

Com frequência responde por maneiras que não aceitamos. Intercedemos para que Deus faça algo; e Ele responde com uma ordem para que façamos algo. Isso significa que devemos ouvir enquanto intercedemos, e estarmos prontos para receber instruções de Deus. Com frequência, essas instruções envolvem um apelo desafiador e caro para mudar.

A intercessão atualmente

A intercessão é a expressão natural de uma vida cheia até à borda com o amor de Deus. Em João 13:34-35, Jesus ensinou que deveríamos amar uns aos outros da mesma maneira que Ele nos amou. Hoje, ele expressa Seu amor intercedendo por

nós. No entanto, se vamos amar dessa maneira, a intercessão deve ser prioridade em nossas vidas.

Uma expressão de amor

Intercessão e amor são inseparáveis. Isso significa que o nível de nossa intercessão é *uma* medida de nosso amor. Nós todos descobrimos um zelo novo para orar, e novos níveis de oração, sempre que nossos filhos estão enfermos ou com problemas. Por quê? Por que nós os amamos.

Mateus 7:12; Lucas 10:25-28 e 1João 4:7-21 ordenam que amemos nossos irmãos e irmãs. Intercessão é, com frequência, o modo melhor e mais eficaz de expressar esse amor. Há um limite natural no número de pessoas que podemos ajudar de maneira prática, mas não há limite no número de pessoas às quais podemos ajudar em oração.

Essa intercessão de amor tem um efeito colateral. À medida que oramos para que outros mudem, nós mesmos somos transformados. O princípio bíblico “aqueles que perdoam aos outros receberão perdão” se aplica à intercessão. Enquanto derramamos nossas vidas em amor e intercessão santa, somos limpos, purificados e renovados.

A disciplina de intercessão traz um controle inevitável sobre nossas línguas. À medida que intercedemos para que Deus abençoe outros, e os encha com o conhecimento do Seu amor, libertando-os de prisões circunstanciais, esses pensamentos se tornam nossas atitudes e desejos naturais para os outros.

Não há nada que nos faça amar alguém como orar pela pessoa. Uma vez que começamos a interceder por uma pessoa, é difícil nos relacionarmos com ela a não ser em paz. Na intercessão, começamos a permitir que Deus solidifique Seu amor entre nós, não por compatibilidade natural, mas pela comunicação mútua de bênçãos espirituais de oração.

A identificação na necessidade

No oeste europeu, somos ensinados a confiar em nosso intelecto. A mente e o conhecimento factual se tornaram tão elevados

em nossa escala de valores, que podemos achar difícil nos envolvermos emocionalmente com as pessoas, e nos identificarmos com elas em suas necessidades. Mas não podemos ter intercessão genuína sem uma identificação real, a qual se origina no amor verdadeiro. Na verdade, a eficácia de nossa intercessão depende da intensidade de nossa identificação.

Identifique-se com a necessidade

Identificação espiritual verdadeira não é algo que vem de nossas emoções ou alma, ela vem do Espírito Santo. Identificação significa se envolver nos problemas de outras pessoas, e muitos de nós reagimos contra isso. Não queremos sentir o fardo de outras pessoas, mas temos de fazer que esses sentimentos humanos naturais morram.

Quando fazemos isso, estamos cooperando com Deus. Nosso espírito, alma e corpo estão se submetendo a Ele, e nossas intercessões estão disponíveis para que o Espírito Santo as use. Uma vez que nos submetemos desse modo ao Espírito, começamos a nos identificar sobrenaturalmente e a aceitar os sentimentos associados com a situação pela qual estamos orando.

Identifique-se com a pessoa em necessidade

A intercessão se concentra em outras pessoas. Enquanto pensamos ativamente sobre elas e nos identificamos com suas necessidades, começamos a aceitar sua dor e seu fardo. E aprendendo a orar, nossa identificação cresce e se aprofunda, e, com frequência, o Espírito Santo coloca em nós um cargo que nos leva a “termos dores de parto”.

Seja sensível ao peso de intercessão

Uma vez que sentimos uma identificação profunda com a necessidade, devemos nos agarrar a ela e orar pelo problema. Podemos não entender a necessidade com nossas mentes, quando nos identificamos com as pessoas que estão em necessidade, mas, com frequência, sentimos a necessidade em nossos espíritos e emoções.

Persevere

Do impulso inicial para intercedermos até atingirmos o ponto de intercessão efetiva, podemos levar um momento, ou muitos meses. À medida que crescemos espiritualmente, a intercessão pode começar a fluir com maior facilidade. Mas sempre haverá desafios, pois a intercessão envolve guerra espiritual.

A oração intercessória envolve persistência; orar até que aconteça uma liberação ou testemunho no Espírito de que a coisa foi “consumada”. Sempre há uma grande agonia no Espírito até que o rompimento venha. Um assunto intercessório é raramente resolvido em cinco minutos, e devemos estar preparados para perseverar, algumas vezes, por muitos anos. Devemos continuar a orar sobre o problema até que sintamos um “alívio” e o peso é tirado; isso está sempre associado com uma sensação de alegria e um sentimento de louvor e ação de graças.

Quando trazemos a oração para esse nível, há sempre resistência por parte do inimigo. Podemos ter uma sensação de peso quando começamos a orar, e guerra espiritual pode ser necessária antes que venha o rompimento. Estudaremos isso na Parte Sete.

As regiões celestiais

Lembre-se de que toda intercessão acontece nos céus. Se vamos interceder devemos entrar nas regiões celestiais.

Sabemos que Jesus vive agora nos céus intercedendo por nós. Esse tempo na terra foi, em parte, uma preparação para o ministério celestial de intercessão. Porém, Efésios 2.6 mostra que já compartilhamos as regiões celestiais, o que significa que podemos orar com o entendimento de que nosso lugar é à mão direita do Pai.

No livro de Jó, Jó realmente necessitava que alguém se sentasse entre ele e Deus para suplicar sua causa nos céus. Mesmo assim, seus amigos não intercederam ou se colocaram a seu lado quando ele estava sofrendo; ao contrário, eles o acusaram de pecado e o julgaram. Em sua solidão, Jó desejou um advogado ou mediador que intercedesse por sua causa junto a

Deus. Jó tinha muitos acusadores, mas ele necessitava de um intercessor.

Hoje em dia, há muitos ao nosso redor que estão na posição de Jó. Não têm ninguém que pleiteie sua causa a Deus e são dependentes da igreja para interceder a seu favor. Intercessores verdadeiros são sensíveis a essas situações de “Jó”, quando não há representantes.

Estágios na intercessão

Sempre há muita coisa sobre o que se orar, e, na maioria das vezes, não sabemos por onde começar; precisamos de instruções de Deus. Precisamos ouvir de Deus sobre o que é que Ele quer que oremos. Identificarmo-nos com as necessidades do mundo não é suficiente. Também precisamos ter a sensação de Deus nos chamando para orar sobre um determinado problema em um determinado tempo. A revelação da agenda de Deus para nós é o ponto inicial da oração.

Esperare pelo entendimento da vontade de Deus

Nós não necessitamos de uma revelação completa antes de começarmos a orar, porque o Espírito nos guiará e nos aconselhará à medida que orarmos. Mas temos necessidade de que uma percepção geral da vontade de Deus nos traga direção em nossa oração. Oração não é apresentarmos nossas ideias próprias a Deus, antes, é nos alinharmos à Sua vontade e propósitos.

Daniel 9:1-20 mostra como Daniel recebeu revelação de Deus antes de orar. Ele compreendeu de Jeremias 25:11-12 e 29:10 que o cativo duraria setenta anos, e soube que o tempo da liberdade estava próximo. Ele não se sentou e esperou que acontecesse. Conhecendo a vontade de Deus, voltou-se para a intercessão, uma intercessão que envolvia confissão pessoal e coletiva.

1 Reis 17:1-18.46 e Tiago 5:17-18 revelam o elo entre intercessão e profecia. Muitas das declarações proféticas de Elias a Acabe tiveram de ser sustentadas pela oração. Isso foi feito tanto antes que ele falasse com Acabe, proporcionando-lhe con-

fiança para falar, quanto depois que ele havia falado, trazendo certeza de que suas palavras eram sustentadas pela oração que prevalece. Elias trabalhou com Deus através da oração e profecia. Ele recebeu revelação, então orou, trazendo-a para a realidade, do invisível para a região visível.

Todas as mensagens proféticas não são automaticamente cumpridas. Temos a responsabilidade de orar até que elas o sejam. Algumas vezes, por intermédio de oração e arrependimento, a profecia pode ser impossibilitada de se cumprir.

Em Jonas 3:1-10, a palavra verdadeira de julgamento não aconteceu porque o povo se arrependeu e buscou a Deus. Entretanto, um século mais tarde, o livro de Naum declara que Deus destruiu o povo de Nínive quando ele se voltou para a iniquidade.

Ore a Palavra de Deus

A Bíblia é o nosso livro de oração. Ela revela a vontade de Deus, assim, nossas orações devem estar alinhadas com Sua revelação. O Espírito Santo, com muita frequência, “vivificará” um versículo ou uma passagem da Bíblia para nós, trazendo direção de oração. Isso é, provavelmente, o que Paulo quer dizer em Efésios 6:17. O que acontece é que o Espírito chama a nossa atenção para uma passagem das Escrituras que é a palavra de Deus para a situação que estamos enfrentando. Então, somos chamados para orar aquela passagem dentro da realidade até que ela se conforme à palavra de Deus.

Quando oramos as Escrituras, precisamos ter cuidado para que não peguemos um versículo fora de contexto ou usemos a razão humana dissociada do Espírito Santo.

Orar a Palavra de Deus não é, simplesmente, chegar diante de Deus com uma necessidade e, então, encontrar um versículo “apropriado” sobre ela. Deus é quem nos dá versículos especiais para serem usados em ocasiões específicas. Temos de continuar pedindo a Ele entendimento quanto a Sua vontade, e continuar esperando até que o entendimento venha. Algumas vezes, o Espírito evidencia um determinado versículo, quando

estamos lendo a Bíblia. Outras vezes, Ele nos leva, subitamente, a lembrar um versículo que lemos muitos anos atrás.

Uma vez que temos o versículo ou a passagem das Escrituras que nos dá certeza da vontade de Deus, não devemos nos desviar dele. Essas orações bíblicas dadas por Deus são particularmente importantes para as igrejas, quando todos os membros podem orar juntos concordando a respeito das necessidades.

Use os dons de revelação do Espírito

Todos os dons de revelação do Espírito operam na intercessão. Esses dons são instrumentos valiosos que o Espírito Santo nos dá para nos ajudar a entrar em sintonia, e permanecer assim, com Sua direção na intercessão.

- Línguas são uma maneira muito útil de orarmos quando não entendemos claramente como orar. Algumas vezes, recebemos uma revelação nova ao oramos em línguas, e um entendimento maior da situação quando voltamos a orar com nossas mentes.
- A interpretação de línguas é dada para nos ajudar a entender o que estamos orando, quando oramos em línguas.
- A profecia é dada para revelação e direção na oração.
- O discernimento de espíritos é dado para ajudar-nos a compreender como o Espírito Santo está nos liderando em intercessão, tanto quanto para nos dar entendimento a respeito de como o diabo está trabalhando numa situação sobre a qual estamos orando.
- A palavra de conhecimento é dada para fornecer informação específica por intermédio de revelação referente à situação sobre a qual estamos orando.
- A palavra de sabedoria é dada para mostrar como proceder na intercessão e como usar qualquer revelação. Precisamos perguntar se Deus nos deu informação para orar ou para compartilhar. Precisamos da permissão de Deus para compartilhar Sua revelação.

Assim como somos sensíveis aos ‘dons da revelação’ do Espírito, os intercessores devem ser abertos aos ‘dons do poder’ de fé, operar milagres e dons de cura. Com frequência Deus habilita os intercessores para serem os instrumentos de Sua miraculosa e sobrenatural intervenção pelas situações que eles estão orando.

Características comuns na intercessão

A oração em voz alta

Vimos que a *enteuxis* natural de Atos 25:24 envolveu um grande volume de barulho. Muitas vezes, quando somos guiados pelo Espírito, experimentamos ondas crescentes de oração. Ainda assim, nunca somos ouvidos por Deus *porque* oramos em voz alta ou de outra maneira. Somos ouvidos por Deus somente por causa da condição de nosso coração e nossa fé em Jesus Cristo.

No entanto, não devemos usar isso como desculpa para justificar timidez humana ou inibição cultural. Algumas pessoas não foram alto porque têm medo. Mas outros, com frequência, gritam na oração porque têm motivação carnal ou por hábito cultural. Essa é uma área na qual todos nós necessitamos examinar nossos corações, pois nossa motivação interior é que conta.

A oração silenciosa

Neemias 2:4-5 é um exemplo de intercessão silenciosa. Podemos orar e clamar a Deus a qualquer tempo, até mesmo quando não é apropriado orar em voz alta. Temos acesso a Deus, seja nossa oração audível ou silenciosa.

O louvor, a adoração e a ação de graças

Louvor e adoração são poderosos e eficazes em tempo de oração. Precisamos estar certos de agradecer a Deus e louvá-Lo pelo que Ele vai fazer depois de cada período de oração.

As dores de parto em oração

A morte de Cristo consumou muitas coisas para crentes que nasceram de novo, isto é, voltaram ao reino físico, por intermédio

da oração intercessória. Pela Sua vida, morte e ressurreição, Ele salvou a humanidade das garras de Satanás; Ele apaziguou a ira de Deus e libertou a humanidade do pecado, doença e morte; Ele providenciou para a integridade física, emocional e mental; Ele deu exemplo da maneira ideal de como as pessoas devem viver e morrer; e Ele deu à luz uma nova criação que poderia reproduzir a natureza divina. Mas os benefícios experimentais e o desfrute de muitas dessas coisas com frequência dependem das 'dores do parto' na oração.

Em Romanos 8:22-23, Paulo escreve sobre o gemido da criação ou dores de parto. Há um profundo anseio por toda a criação pela nova criação que está por vir.

Aqueles que têm os primeiros frutos do Espírito têm um gosto pela nova criação, e assim, gememos em oração, como se estivéssemos dando à luz, pela adoção e redenção de nossos corpos.

Isso é apresentado em Êxodo 2:23-25 quando os escravos de Israel gemiam diante de Deus por causa de sua situação; eles lembravam a Deus da diferença entre as promessas de Sua aliança e de sua experiência atual.

Sabemos o que temos experimentado no Espírito e pelo Espírito. Sabemos o que a morte de Cristo consumou e o que Deus prometeu. Então, agonizamos em oração para que essas coisas aconteçam, sejam cumpridas em nossas vidas e na vida das pessoas da igreja ao nosso redor.

Não podemos forçar esse tipo de intercessão. Ela é mais profunda do que as orações em nossa própria língua. É até mesmo mais profunda do que intercessão em línguas. Nesse tipo de oração, o Espírito Santos assume completamente o controle. Tudo o que podemos fazer é nos render ao Seu gemido no nosso interior. É uma maneira poderosa de orar.

A oração e o jejum

Examinaremos isso na Parte Nove, mas é importante notar que jejum é um auxílio à oração. É um recurso para dar poder às nossas orações. Marcos 9:29 mostra que algumas situações

não se renderão sem jejum e oração prolongados. Alguns têm sugerido que, por causa da frase, 'e jejum' não é incluída em todos os textos primitivos cobrindo esse texto, o jejum não é uma importante parte do ensino de Jesus sobre a oração. Mas Atos 10:30, 13:2-3, 14:23 e 1Coríntios 7:5 mostram que a oração com jejum foi uma parte essencial da vida da Igreja Primitiva.

O resultado

Manifestação é o fruto da intercessão. Oramos para obter um resultado. Aspiramos a uma oração 100% respondida. Devemos continuar a orar até que sintamos uma liberação em nosso espírito. Se Deus está nos chamando para persistir em oração, não devemos parar tão cedo!

Se ouvimos de Deus, e oramos a respeito do assunto, devemos esperar pelo resultado de nossa oração. Precisamos medir realisticamente nossa oração e esperar ver um resultado. No entanto, os próprios intercessores podem não ver o fruto completo. Orar é mais um ministério de "semear do que de "colher". Muitos de nós teremos de esperar até o céu antes de vermos o fruto completo de nossas orações.

Entretanto, nossas intercessões serão sempre respondidas de maneira que possamos ver, como em Marcos 9:28-29 e 1Reis 18:41-46.

Intercedendo com os outros

É importante que oremos com outros, para que a força e o poder coletivos da igreja sejam liberados. Isto também assegura que nos conservemos na linha, mantendo o foco correto e a direção, não escapando por uma tangente.

A lei da concordância

Em Mateus 18:18-20, Jesus volta ao princípio de Deuteronômio 19:15 de que um assunto é resolvido por duas ou três testemunhas: isto também é citado em 2Coríntios 13:1.

A oração de concordância é a unidade da mente e do coração concernente à vontade de Deus em uma situação. Quando ora-

mos juntos, de acordo com a vontade de Deus, Ele multiplica a eficácia de nossa oração.

Mateus 18:18 usa uma rara construção no “futuro do pretérito passivo”, “tudo o que ligardes na terra, *terá sido* ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra, *terá sido* desligado no céu”.

Isso significa que podemos orar somente para que se cumpra na terra o que já foi proposto e aceito por Deus no céu. Essa é a oração de concordância. Primeiro, descobrimos as coisas que estão planejadas e consumadas nos propósitos de Deus, e, então, oramos para que elas sejam feitas “na terra assim como no céu”, como Jesus instruiu a fazer em Mateus 6:20.

O ministério de ajuda

Intercessão é um ministério de apoio que sustenta as mãos dos líderes, assim como Arão e Hur ajudaram a Moisés em Êxodo 17:12.

Como intercessores, temos a responsabilidade especial de sustentar nossos líderes diante de Deus, e de orar e guerrear por eles. Quando oramos pelos nossos líderes, devemos ajudá-los em suas tarefas. Por exemplo, quando Arão e Hur sustentaram os braços de Moisés para cima, eles apoiaram seu chamado e sua autoridade.

Enquanto que aos líderes deve ser dado forte apoio em oração, eles devem ter cuidado para não se esquivarem de seu chamado e responsabilidade de orar.

Um líder deve ser uma pessoa de oração e conduzir a liderança em oração. Líderes precisam saber que não podem delegar oração. Têm de estabelecer um exemplo de oração.

Devemos estar certos de que manejam os cuidadosamente qualquer revelação ou discernimento que o Espírito nos dá. Infelizmente, muitas divisões de igrejas têm acontecido porque grupos de oração “separatistas”, que, inicialmente, se encontravam para orar pelos líderes, terminaram fazendo mau uso da revelação que Deus lhes deu. Eles não entenderam o seu cha-

mado para servir, e usurparam a autoridade do líder ao trazerem palavras de direção e exercer táticas manipuladoras.

Precisamos garantir que, através de nossa vida intercessória inteira, suportemos e sirvamos aqueles que lideram sobre nós.

O corpo completo

Atos 12:5-7 ilustra o poder que há no corpo de Cristo. Quando o corpo se junta para orar o poder que flui da unidade é multiplicado.

A intercessão não é um chamado ou um dom para poucos, mas um requisito básico para todo o corpo. Apesar de os profetas serem intercessores especiais do Antigo Testamento, é errado supor que há intercessores especiais hoje.

Desde Pentecostes, todos os que creem são chamados para interceder. Não há menção alguma no Novo Testamento de um dom especial ou ministério de oração – é para todos nós! Se somos parte do corpo de Cristo, somos chamados para sermos intercessores.

Parte Cinco

Ação de Graças

A oração cristã nunca deveria ser apenas a repetição de séries de pedidos. Nosso Deus pode ser um bom Pai que se deleita em dar boas coisas as suas crianças, mas a Bíblia também nos ensina que as orações deveriam incluir agradecimento a Deus por Sua generosa provisão.

Por exemplo, Filipenses 4:6 declara que pedidos pessoais deveriam ser feitos “com ação de graças”; e Efésios 5:19-20 mostra que a oração coletiva deveria ser oferecida no contexto de “dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Yadah

O verbo hebraico principal para “agradecer” é *yadah*, que, literalmente, significa “estender a mão”. *Yadah* leva ambas as ideias de contato íntimo e palavras ligadas à ação. Em português, “obrigado” é o elemento falado de *yadah*, e dar é a atividade.

Atualmente, quando agradecemos a uma pessoa, com frequência dizemos “Obrigado”, e também estendemos nossa mão para dar-lhe um pequeno presente como sinal de nossa gratidão. Esse é o agradecimento *yadah* verdadeiro.

Aqui está uma seleção de versículos do Antigo Testamento que descrevem pessoas dando graças a Deus. Nesses versículos, podemos começar a ver como, quando e por que o povo de Deus agradecia a Deus. 2Samuel 22:50; 1Crônicas 16:4-41; 2Crônicas 31:2; Salmos 6:5; 18:49; 30:4; 30:12; 35:18;

75:1; 79:13; 92:1; 97:12; 105:1; 106:1; 106:47; 119:62; 136:1-3; 140:13.

Towdah

Apesar de *yadah* ser usada em Neemias 11:17 e 12:46, *towdah* é o substantivo hebraico mais comum para ação de graças. Como *yadah*, ele implica linguagem e atividade, embora *towdah* também adicione um elemento formal. Podemos *yadah* a Deus em qualquer lugar, mas *towdah* é oferecido a Deus no contexto de adoração pública organizada.

Podemos ler sobre a ação de graças no Antigo Testamento em Levítico 7:12; Neemias 12:27-40; Salmos 26:7; 50:14; 69:30; 95:2; 100:4; 147:7; Isaías 51:3 e Jeremias 30:19.

Eucharistéo

No Novo Testamento, o verbo *eucharistéo* e o substantivo *eucharistia* são as palavras gregas comuns para “agradecer” e “agradecimento”. Essas palavras são formadas de *eu*, que significa “bom” e *charizomai*, que é entregue, “dar livremente”.

A palavra grega *charis* é a raiz de *eucharistéo*, e *charis* é com frequência traduzida como “graça”. Assim, “agradecimento” e “ação de graças” do Novo Testamento envolvem dons bons e graciosos que são dados livremente.

Isso é evidenciado em 2Coríntios 4:15, que mostra que graça causa ação de graças, que, por sua vez, leva Deus a ser glorificado. E em 2Coríntios 9:11-12, que aponta para o fato de que o dar leva à ação de graças.

De fato, *charis* é a palavra grega para agradecimento em Romanos 6:17; 1Coríntios 15:57; 2Coríntios 2:14; 8:16; 9:15; 1Timóteo 1:12; 2 Timóteo 1:3 e 1Pedro 2:19. Isso deve sugerir que “ação de graças” deveria ser o centro para aquelas pessoas e congregações que se dizem carismáticas.

Poucos exemplos de oração de agradecimento do Novo Testamento são colocados no contexto de orações antes das refeições ou na “última ceia”. Isso acontece porque uma oração de agradecimento por alimento é comumente chamada de “graça” (*charis*),

e por que, em muitas tradições cristãs, o serviço da Santa Ceia é chamado Eucaristia (ação de graças).

- *Orações de agradecimento por alimento* são citadas em Mateus 15:36; Marcos 8:6; João 6:11, 23; e Romanos 14:6.
- *Orações de agradecimento na última ceia* são encontradas em Mateus 26:27; Marcos 14:23; Lucas 22:17-19; e 1Coríntios 11:24.
- *Ações de graças a Deus em geral* são mencionadas em Lucas 17:16; João 11:41; Atos 24:3; 27:35; 28:15; Romanos 1:8; 7:25; 16:4; 1Coríntios 1:4; 14:18; 2Coríntios 4:15; 9:11-12; Efésios 1:16; 5:20; Filipenses 1:3; Colossenses 1:3; 1Tessalonicenses 1:2; 2:13; 3:9; 5:18; 2Tessalonicenses 1:3; 2:13; 1Timóteo 2:1; 4:3-4; Apocalipse 4:9 e 7:12.

A ação de graças e o louvor

Passagens como 1Crônicas 23:30; 25:3; 29:13; Esdras 3:11; Neemias 12:24, 46 e Salmos 100:4 deixam claro a associação íntima entre louvor e ação de graças.

Ação de graças é, em primeiro lugar, uma oração dirigida a Deus, que agradece a Ele pelo que Ele fez. Louvor é, essencialmente, um elogio ou exaltação a Deus que dirigimos a outras pessoas ou, ainda, que conta com a participação de outras pessoas quando dirigido a Deus.

Ação de graças agradece a Deus pelo que Ele fez. Louvor glorifica, elogia ou exalta os feitos e atributos de Deus. Quando agradecemos a Deus, falamos pessoalmente a Ele, apertamos Sua mão com gratidão. Mas outras pessoas são geralmente envolvidas quando louvamos a Deus; ou dizemos a elas como Ele é maravilhoso, ou elas ouvem e concordam quando dizemos como Deus é maravilhoso.

A ordem em Salmos 100:4 é clara. Chegamos individualmente aos Seus portões com nossa ação de graças, mas, então, entramos juntos nos Seus átrios com nosso louvor. Portanto, em nossas vidas, deve haver agradecimento e louvor.

No Antigo Testamento, há três palavras hebraicas principais que são normalmente traduzidas como louvor.

Halal está associada a fazer grande barulho, um grito de alegria, um viva ou uma exclamação. É uma palavra amplamente usada; aqui está uma pequena seleção de versículos. 1Crônicas 16:4; 23:5; 2Crônicas 5:13; 20:19; Esdras 3:11; Neemias 5:13; Salmos 22:22; 35:18; 69:30, 34; 74:21; 84:4; 107:32; 145:2; 146:2; 148:5; 149:3; Isaías 62:9; 64:11; Joel 2:26.

A expressão *hallelujah*, “louve ao Senhor”, ocorre no começo de Salmos 106, 111-113, 135, 146-149, e no final de Salmos 104-106, 113, 115-117, 135, 146-150.

Yada significa, literalmente, arremessar (como em Lamentações 3:53), mas é traduzida como louvor quando movimentos e gestos corporais, como bater palmas, dançar e levantar os braços, são usados para glorificar a Deus. É com frequência usada para descrever a maneira que o povo de Deus O louva. Por exemplo, Gênesis 29:35; 2Crônicas 7:3; 20:21-22; Salmos 7:17; 28:7; 45:17; 54:6; 67:3; 86:12; 99:3; 108:3; 111:1; 138:1; 142:7; Isaías 12:4; 25:1; 38:19; Jeremias 33:11.

Zamar significa tocar e cantar música. É usada nos títulos de Salmos 57 para especificar uma canção que é cantada com o acompanhamento musical de um instrumento de cordas. É também usada através dos Salmos para descrever louvor cantado, por exemplo: 7:17; 18:49; 27:6; 47:6; 57:7; 61:8; 75:9; 98:4; 104:33; 108:1-3; 135:3; 147:7. *Zamar* é usada três vezes fora dos Salmos; em Juízes 5:3; 2Samuel 22:50; 1Crônicas 16:9 e Isaías 12:5.

Há três palavras gregas principais que são comumente traduzidas como louvor no Novo Testamento.

Aineo quer dizer ‘mencionar com honra’ ou ‘jurar’. No grego antigo o substantivo *ainos* podia também significar querer ‘narrar uma história’. É usada para dizer louvores a respeito de Deus em Lucas 2:13, 20; 19:37; Atos 2:47; 3:8-9; Romanos 15:11; Apocalipse 19:5.

Epaineo (e a forma substantiva *epainos*) é uma forma mais forte de *aineo* e significa elogiar. Descreve o louvor de Deus em 1Coríntios 11:2,17,22; Efésios 1:6, 12, 14; Filipenses 1:11; 1Pedro 1:7.

Humneo significa ‘cantar o louvor de alguma coisa ou alguém’. A palavra *hino* é derivada dela e significa, literalmente, louvor cantado. *Humneo* é usada em Atos 16:25 e Hebreus 2:12. É usada também em Mateus 26:30 e Marcos 14:26, na Última Ceia, para descrever o cântico de Salmos 113-118 e 136, que os judeus chamavam “Os Salmos de Hallel”.

Aqui estão seis conceitos bíblicos gerais sobre louvor:

- Deus se agrada de Sua obra de criação, e toda ela, inclusive os anjos, expressa sua alegria no louvor. Veja Gênesis 1; Salmos 104:31; Provérbios 8:30-31; Jó 38:4-7; Apocalipse 4:6-11.
- A humanidade foi criada para se regozijar nas obras de Deus, e nós cumprimos isso ao aceitar os dons de Deus. Veja Salmos 40:14-16; Eclesiastes 8:15; 9:7; 11:9; Filipenses 4:4, 8.
- A vinda do reino de Deus é marcada pela restauração da alegria e do louvor. Veja Isaías 9:2; Salmos 96:11-13; Lucas 2:13-14.
- Deus é louvado tanto pela redenção como pela criação. Até mesmo no céu, o louvor eterno do povo de Deus exalta a *ambos* os dons. Êxodo 15:1-21; Salmos 24, 136; Apocalipse 4:11; 5:9-10.
- O louvor é um dever, e não deveria depender de sentimentos ou circunstâncias. Deuteronômio 12:7; 16:11-12; Jó 1:21.
- Apesar de se mencionar o louvor pessoal, ao louvor coletivo é dada muito maior ênfase. Muitas das descrições de louvor e apelos para louvor são coletivos. Salmos 22:25; 34:3; 35:18, 149:1.

Ação de graças e sacrifício

Embora Jeremias 17:26; 33:11 e Hebreus 13:15 se refiram a sacrifício de louvor, a ação de graças é identificada como um sacrifício muito mais frequente. Isso parece sugerir que o louvor vem naturalmente dos crentes, mas que a ação de graças exige mais.

Aqui estão algumas passagens que mostram a associação bíblica entre ação de graças e sacrifício. Elas mostram que o sacrifício era a maneira chave de se expressar ação de graças. Levíti-

co 7:12-15; 22:29; 2Crônicas 29:31; Salmos 33:16; Salmos 107:22; 116:17; Amós 4:5 e Jonas 2:9.

Os sacrifícios eram os presentes ofertados diretamente a Deus. No Antigo Testamento, todas as vezes que o povo se voltava para Deus, adorava-O com sacrifícios.

Os judeus ofereciam sacrifícios pessoais e nacionais, secretamente e publicamente, regularmente e quando necessidades especiais surgiam. Números 28-29 dão uma lista cheia de detalhes de sacrifícios diários, semanais, mensais e sacrifícios públicos anuais, e Êxodo 12 mostra como a Páscoa era celebrada dentro da família.

Os sacrifícios eram oferecidos como agradecimento a Deus em muitas ocasiões diferentes. A Bíblia fornece mais exemplos antes que uma lista completa, mas é claro que a ação de graças era um elemento vital nesses exemplos.

- Números 6:13-20 – na desobrigação de um homem de um voto
- Levítico 12 – depois que uma mulher deu à luz
- Levítico 14 – quando um leproso foi curado
- Levítico 8 e Números 8 – na ordenação de sacerdotes e levitas
- 1Reis 1:9-12 – nas coroações reais
- 1Reis 8:1-13 – na dedicação de templos sagrados

Somente o melhor serviria para Deus. Êxodo 10:24-26 deixa claro que os sacrifícios tinham de esgotar os recursos pessoais do adorador; deveria haver um elemento de autonegação para que o sacrifício tivesse qualquer significado. E mostra também que, porque os adoradores queriam agradar a Deus, permitiam que Ele dirigisse seus sacrifícios.

Os judeus não podiam oferecer a Deus nada que fosse obtido ilegalmente ou qualquer coisa que fosse impura. Tanto ricos como pobres tinham de oferecer a Deus o melhor que eles tinham. Eles não podiam reter o melhor para si mesmos e oferecer a Deus o restante como um “obrigado”.

Levítico 1-7 destaca cinco dos principais sacrifícios judeus.

- O holocausto, ou oferta totalmente queimada

- A oblação, ou oferta de manjares
- A comunhão, ou oferta pacífica
- A oferta pelo pecado
- A reparação, ou oferta pela culpa

Dois desses sacrifícios eram particularmente usados na ação de graças, o *holocausto* e o sacrifício de *comunhão*. Ambos ajudaram o povo judeu a expressar suas emoções de serem criaturas que pertenciam a Deus, ao Seu Criador.

O holocausto ou queima de oferendas

No holocausto “totalmente queimado”, toda parte do sacrifício (exceto a pele) era queimada como oferta a Deus: tudo era oferecido a Ele.

Isso representava a dedicação do adorador, e a aceitação da parte de Deus de tudo que o adorador tinha e era.

1 Crônicas 29:13-14 expressa essa ideia: “Agora, pois, ó nosso Deus, graças te damos, e louvamos o teu glorioso nome. Porque quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos dar voluntariamente estas cousas? Porque tudo vem de ti, e das tuas mãos to damos”.

A comunhão

Na oferta de comunhão, parte do sacrifício era queimada como oferta a Deus, e o que restava era comida pelos sacerdotes e seu povo. Esse “comer juntos” evidenciava o relacionamento vital do povo como criaturas, com o Seu Criador.

Alguns líderes pensam que isso “prefigura” o culto de “comunhão “da Igreja. Vimos que “ação de graças” é um elemento chave na última ceia, e isso tem sido seguido pelas alas da Igreja que identificam o “culto de comunhão” como “a Eucaristia”. Como esse culto é uma ação de graças pela morte sacrificial de Cristo e a promessa de Sua volta, talvez ação de graças expressasse melhor a ideia.

A ligação entre ação de graças e sacrifício é vital. Quando o povo de Deus queria agradecer ao Seu Criador e Redentor, não o fazia simplesmente com os lábios, mas oferecendo também o que tinha de melhor. Por isso, as Escrituras ensinam mais sobre

ação de graças do que *agradecer só com palavras*. Temos muito que aprender disso.

A ação de graças e a oferta

Os judeus ofertavam de três formas: por meio de sacrifícios, dízimos e ofertas voluntárias. Todas as suas ofertas eram dadas a Deus, e a ação de graças era o motivo principal por trás de todas elas.

Os dízimos

Os judeus davam seus dízimos a Deus (um décimo de sua renda anual) e isso fornecia provisão para os líderes religiosos e para os pobres. Os dízimos eram entregues de boa vontade. Duas vezes a cada três anos, o povo viajava para Jerusalém e apresentava o dízimo, com ações de graças, para os levitas. A dádiva do dízimo era uma maneira de expressar agradecimentos a Deus pela Sua provisão material através da colheita, e pelo Seu cuidado espiritual por meio dos ministérios sacerdotal e levítico.

No terceiro ano, os dízimos não eram levados para Jerusalém. Eram armazenados na própria localidade para suprir os pobres e quaisquer estrangeiros naquela área. O ensinamento bíblico sobre dízimos é encontrado em. Levítico 27:30-32; Números 18:21-32; Deuteronômio 14:29 e Malaquias 3:2-12.

Os sacrifícios e as ofertas voluntárias

Dos restantes nove décimos de seu rendimento, os judeus ofereciam a Deus sacrifícios e ofertas voluntárias. Alguns tipos de sacrifícios expressavam agradecimento pela bondade de Deus e outros suplicavam o perdão de Deus. Sempre que o povo queria agradecer a Deus, o fazia através de palavras e da dádiva de um holocausto ou sacrifício comunitário.

Ofertas voluntárias eram usadas para projetos particulares: eram *ofertas de agradecimento* especiais, ocasionais, que o povo fazia como expressão de sua gratidão pela benignidade de Deus.

Êxodo 25:1-4 registra as instruções de Deus para a coleta do material necessário para a construção do tabernáculo; e Êxodo 35:1-29 e 36:2-7 descrevem os detalhes da oferta.

- Era voluntária – 35:5
- Era específica – 35:9
- Tinha um propósito – 35:11-19
- Era divinamente motivada – 35:21-22
- Parava quando havia o suficiente – 36:3-7

A passagem deixa claro que o povo deu de boa vontade, generosamente, entusiasticamente, à medida que seus corações e espíritos eram tocados.

Uma atitude semelhante é vista em 1 Crônicas 28-29, quando Davi pediu ao povo que contribuísse para o primeiro templo; e também em Esdras 1:2-6; 2:68-69; 3:5; 7:16 e Neemias 7:70-72, quando as ofertas de agradecimentos foram feitas para o segundo templo.

1Crônicas 29 é uma das mais notáveis de todas as passagens bíblicas sobre ação de graças, e mostra a clara associação bíblica entre oração, louvor, ação de graças, sacrifício e oferta.

Algumas pessoas podem perguntar que conexão possível poderá existir entre coleta para um edifício e oração. Mas os exemplos bíblicos de ofertas de agradecimento mostram que elas eram coletadas para locais de oração, e o motivo por trás de todas elas era gratidão a Deus por tudo o que Ele fez, pelo indivíduo, pelas famílias e pela nação. O agradecimento verbalizado não era suficiente, o braço também deveria ser estendido com uma dádiva.

Orar não é sempre um calmo recitar de palavras. Orar pode envolver lutar com Deus, suar e agonizar diante Dele. Pode exigir persistência, orando, orando, orando. Pode significar jejum, não consumir comida para mostrar sinceridade genuína e para poupar mais tempo para a oração. E pode incluir a oferta, a ação de graças sacrificial que revela a profundidade de nossa gratidão de maneira extremamente prática.

A ação de graças e o apóstolo Paulo

A ação de graças atua como parte muito importante no pensamento e nos escritos de Paulo. Afirma-se que Paulo menciona o assunto de ação de graças em suas cartas com mais frequência

(linha por linha) do que outro autor grego, cristão ou pagão. De fato, as cartas de Paulo registram muitos exemplos dele mesmo oferecendo graças a Deus e também instruindo seus leitores a fazerem o mesmo.

As orações de ação de graças de Paulo

Obviamente, essas orações não são uma lista completa das ações de graças de Paulo, contudo, é instrutivo que um assunto ocorra quase tão frequentemente quanto todos os outros juntos. Paulo agradeceu a Deus:

- *Pelos companheiros crentes* - Muitas das cartas de Paulo começam agradecendo a Deus pela fé do povo para o qual está escrevendo. Por exemplo, Romanos 1:8; 1Coríntios 1:4; Filipenses 1:3; Colossenses 1:3; 1Tessalonicenses 1:2; 2Tessalonicenses 1:3 e Filemom 4. Essa expressão de agradecimento de Paulo não é uma fórmula vazia, visto que sua ausência no princípio de Gálatas parece ser deliberada.

Paulo também agradece a Deus pelos companheiros crentes em 2Coríntios 8:16; Efésios 1:16; 1Tessalonicenses 2:13; 3:9 e 2Timóteo 1:3.

Em muitas dessas ações de graças, Paulo usa palavras como “sempre” e “sem cessar”, que chamam a atenção para a importância que ele dá em agradecer a Deus publicamente pelos companheiros crentes e líderes, muitos dos quais não conhecia pessoalmente. É importante notar que essa persistência e urgência estão ausentes nos exemplos de suas outras ações de graças.

- *Por alimento* – por toda a Bíblia Paulo enfatiza a importância de agradecer a Deus pelo alimento: Romanos 14:6; 1Coríntios 10:30; 11:24 e 1Timóteo 4:3-4.
- *Por Jesus* – Romanos 7:25 e 2Coríntios 9:15
- *Pelo seu ministério* – 1Coríntios 1:14 e 1Timóteo 1:12
- *Pela vitória* – 1Coríntios 15:57 e 2Coríntios 9:15
- *Pelos dons espirituais* – 1Coríntios 14:16-18

As instruções de Paulo sobre ação de graças

Constantemente, Paulo orava por seus leitores e aconselhava-os

a fazerem da ação de graças uma atividade constante, tanto em palavras como em ações.

É impossível ler esses versículos sem concluir que a ação de graças deveria caracterizar de maneira muito especial nossas orações públicas e particulares. Por favor, veja Efésios 5:4, 20; Filipenses 4:6, Colossenses 1:12; 2:7; 3:15-17; 4:2; 1 Tessalonicenses 5:18; 1 Timóteo 2:1.

Paulo espera que nós “demos sempre graças por todas as coisas”. Ele deixa claro que é a vontade de Deus para nós darmos graças em tudo. Ele mostra que nossos pedidos de oração deveriam ser cercados de agradecimentos. De acordo com Paulo, a ação de graças deve ser uma das características-chave de cristãos comprometidos.

Parte Seis

As Orações de Paulo

O Saulo recém-convertido é apresentado a nós, em Atos 9:11, como um homem em oração. E através de todo o livro de Atos e suas cartas podemos ver que a oração foi o pilar de seu extraordinário ministério.

Várias vezes nas Escrituras, Paulo sugere que seus leitores deveriam viver da maneira que ele vivia: 1Coríntios 11:1; Gálatas 4:12; Filipenses 3:17; 4:9; 1Tessalonicenses 1:6 e 2Tessalonicenses 3:7-9. Aqueles cristãos que são sérios a esse respeito darão atenção especial a esse poderoso homem de oração, e tanto aprenderão com seus ensinamentos quanto com sua oração.

O ensino de Paulo

Em 1Timóteo 2:1-4, Paulo aconselhou que a prática de oração nas reuniões cristãs deveria incluir súplica, oração, intercessão e ação de graças. Isso deveria ser oferecido por todos os homens, especialmente por autoridades seculares e políticas.

A oração pelas autoridades

Quando Paulo nos pede que oremos *por* pessoas que exercem cargos de autoridade, ele usa a palavra grega *huper*, que significa “em favor de”, mais do que *peri*, que significa “sobre”. *Huper* é a palavra usada por todo o Novo Testamento para mostrar que “Jesus morreu *por* nós”, por exemplo, João 10:11; 1Timóteo 2:6.

Isso não só significa que devemos orar *sobre* aqueles que têm autoridade, dar graças por eles, pedir por eles, e assim por

diante; mas que também devemos orar “*em nome de*”, em seu lugar. Fazemos isso como sacerdotes, suplicando a Deus em favor do mundo, da mesma maneira que Cristo, o grande Sumo Sacerdote, ora *huper* por nós em Hebreus 7:25 e o Espírito intercede *huper* por nós em Romanos 8:26-27.

A oração para que Deus “salve”

Não há nenhum registro bíblico de Paulo orando especificamente para que os gentios incrédulos “sejam salvos”. É claro que ele queria que todos fossem salvos e orava de modo que esperava apressar a salvação deles. Todavia, em vez de orar “Deus, salve fulano”, ele orava para que os obstáculos que estivessem impedindo a salvação de fulano fossem removidos; e para que os crentes que estivessem passando a mensagem do evangelho para fulano fossem equipados, fortalecidos e motivados a testemunhar eficazmente para ele.

Em Romanos 10:1, Paulo descreve que o seu desejo mais ardente e oração a Deus era *huper* os judeus, “que eles possam ser salvos”. Esse versículo não declara que o *conteúdo* da oração de Paulo era “Querido Deus, por favor, salve os judeus”. Ao contrário, ele reporta que o *objetivo* da oração de Paulo era que os judeus “possam ser salvos”. Romanos 10:1 não apoia orações do tipo “Querido Deus, por favor, salve meu marido”.

Se desejamos que nossos amigos e parentes sejam salvos e gememos para que as pessoas em nossa área se convertam, lutaremos em oração para ocasionar sua salvação. Como Paulo, passaremos longas horas orando “a fim de que eles possam ser salvos”.

No entanto, deveríamos querer encontrar a maneira melhor e mais eficaz de produzir sua salvação. Nós não vamos querer orar de uma maneira ineficaz. As orações e os ensinamentos de Paulo sugerem que orar para que os obstáculos que bloqueiam a salvação sejam removidos, e orar para que crentes recebam poder e motivação, é um modo muito produtivo de orar pela salvação dos ímpios. Examinaremos “a oração que remove obstáculos” na Parte Sete.

A oração pela paz

Em 1Timóteo 2:1-4, Paulo ensinou que nossas orações pelo governo fossem “para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito”.

A paz é crucial para a proclamação eficaz do evangelho. Qualquer forma de guerra é um obstáculo para o evangelismo. Isso significa que deveríamos orar por paz a fim de que a obra de Deus não possa ser interrompida, e para que possamos continuar com a tarefa de testemunhar para aqueles que não creem.

A oração com perseverança

Paulo repetiu o ensinamento de Jesus sobre a necessidade de perseverar na oração. Romanos 12:12; Efésios 6:18; Colossenses 4:2 e 1Tessalonicenses 5:17 enfatizam a necessidade de orar continuamente.

A oração por prioridades

Paulo ressaltou que nossas orações devem considerar prioridades antes que coisas supérfluas. Efésios 6:18 e Filipenses 4:6-7 mostram que devemos pedir e orar por qualquer necessidade que tenhamos, seja ela material ou espiritual. Isso é repetido em Mateus 6:25-34.

Os pedidos de oração de Paulo

Em adição aos pedidos gerais de Paulo por oração em passagens como 1Tessalonicenses 5:25, a Bíblia registra sete pedidos detalhados de oração. Quatro temas são examinados nesses pedidos de oração.

Livramento

Seis vezes, Paulo pediu para que orassem a fim de que ele fosse guardado, ou livrado de uma situação que o impedia de proclamar o evangelho.

Semelhante a Cristo, Paulo não pediu para que as hostilidades cessassem, mas por segurança enquanto saía de uma dificuldade.

Isso significa que, em nossas orações, não devemos pedir por uma vida fácil. Ao contrário, devemos procurar descobrir o que Deus está fazendo e quer fazer na pessoa através das circunstâncias. Devemos nos concentrar no trabalho de Deus na pessoa, mais do que sair de cena por causa do que acontece ao nosso redor.

Paulo pediu:

- *Para ser livrado de homens perversos* – 2 Tessalonicenses 3:1-2
- *Para ser livrado de ímpios* – Romanos 15:31
- *Para ser livrado de perigos de morte* – 2 Coríntios 1:9-11
- *Para se conservar a salvo na prisão* – Filipenses 1:19-20
- *Para ser liberto da prisão como favor especial* – Filemom 22
- *Para que uma porta se abra* – Colossenses 4:3

Em todos esses versículos, o pedido de oração de Paulo foi feito a fim de que ele fosse habilitado a testemunhar mais eficazmente.

Aceitação

Em 2 Tessalonicenses 3:1-2, Paulo pediu oração para que a mensagem que ele falasse fosse recebida pelos incrédulos. E em Romanos 15:30-32 ele pediu oração para que sua mensagem fosse considerada aceitável pelos cristãos de Jerusalém.

Intrepidez

Tanto em Efésios 6:19-20 quanto em Colossenses 4:3-4, Paulo pediu oração por ousadia e intrepidez. Ele queria falar as boas-novas como elas deveriam ser faladas.

Ele sabia que seu estado normal era “temor e tremor” e que a ousadia não viria naturalmente a ele. Se Paulo necessitava da oração de pessoas para ter intrepidez, muito mais deveria isso caracterizar nossas orações de hoje.

Viagem

Paulo pediu oração, em Romanos 15:22-32, para ter oportunidade de viajar para Roma. Ele pediu isso para que pudesse levar a bênção de Cristo para os cristãos romanos.

A oração por evangelismo

Esses quatro temas nas orações de Paulo sugerem muito sobre a oração pelo evangelismo que é relevante atualmente. Se a nossa paixão é a paixão bíblica por evangelismo, como podemos orar da melhor maneira por nossos amigos e família incrédulos?

Como Paulo, sabemos que é a vontade de Deus que todos os nossos amigos sejam salvos. Nós não precisamos persuadir um Deus relutante a salvá-los. Ao contrário, se seguirmos o exemplo de Paulo, oraremos:

- *Para* que sejamos salvos das circunstâncias que impedem nosso testemunho.
- *Para* que sejamos cheios de ousadia para falar a palavra de Deus.
- *Para* que sejamos habilitados a utilizar tempo com nosso amigo não-salvo.
- *Para* que as palavras que vamos falar recebam poder do Espírito e sejam ouvidas e recebidas por nosso amigo.
- *Para* que o Espírito convença nosso amigo de seus pecados e necessidades.

Se temos um fardo por uma pessoa incrédula em particular, uma maneira bíblica e eficaz de orar pela sua salvação é:

- Ouvir a especificação de Deus sobre quem Ele quer que leve Sua prometida salvação à pessoa que está em nosso coração;
- Orar específica e persistentemente para que Deus remova os obstáculos, equipe os santos que Ele escolheu para falar para as pessoas que Ele quer salvar, e colocar poder nas palavras deles com Sua graça e favor;

É claro que Deus sempre honra nossos motivos sinceros quando oramos “Por favor, salve meu amigo”. Essas orações nunca são desperdício de tempo, mas elas podem ser um pouco vagarosas. Deus quer que avancemos em oração, que busquemos seriamente a Sua vontade e então, que oremos para que aconteça;

As orações de Paulo

Romanos 1:9; Efésios 1:16; 1 Tessalonicenses 1:2 e Filemom 4 mostram que as orações de Paulo estavam cheias de pedidos

pelos crentes com os quais ele tinha mantido contato.

Entretanto, as cartas de Paulo também contêm nove orações que ensinam muito sobre o conteúdo de oração. Oito temas ocorrem nessas orações.

Conhecimento

Sua oração mais frequente era para que os crentes fossem cheios com todo conhecimento de que Paulo acreditava que eles precisavam.

Ele orou para que eles conhecessem:

- Melhor a Jesus ao receberem o Espírito de sabedoria e revelação – Efésios 1:17
- A esperança para a qual foram chamados ao receberem esclarecimento – Efésios 1:18
- As riquezas da herança de Cristo – Efésios 1:18
- A imensidão do amor de Cristo – Efésios 3:18
- A vontade de Deus ao receberem sabedoria e entendimento – Colossenses 1:9
- Crescimento no conhecimento de Deus – Colossenses 1:10
- A justiça que vem de Deus e fossem capazes de distingui-la de sua justiça-própria – Romanos 10:1-4
- Toda coisa boa que está disponível para eles em Cristo – Filemom 6
- Até mesmo mais conhecimento para que pudessem discernir o que era melhor – Filipenses 1:9-10

Paulo usou a palavra grega *epignosis* em todas essas passagens, exceto em duas. Isso significa um conhecimento experimental completo. Ele orou para que eles experimentassem essas coisas da maneira mais completa possível.

Efésios 3:18 é uma exceção. Aqui Paulo usa *gnosis*, que significa apenas uma noção do conceito. O grande amor de Deus não pode ser totalmente conhecido, ainda que possa ser usufruído e apreciado.

A outra exceção está em Efésios 1:18a, onde Paulo usa a palavra grega *oida* para evidenciar que a esperança é o enten-

dimento presente de uma realidade futura. O que se espera vai acontecer, mas ainda não pode ser total e completamente conhecido no tempo presente.

Tudo isso sugere que, antes de começarmos a orar por uma pessoa, devemos perguntar a Deus que conhecimento essa pessoa mais precisa. Devemos, então, esperar pela resposta de Deus antes de começarmos a orar por ela.

Paulo sempre foi específico em suas orações por conhecimento. Elas variavam conforme as diferentes necessidades. Nossas orações deveriam se desenvolver na oração de verdadeira luta pelos crentes que conhecemos, para que eles conheçam, total e completamente, tudo aquilo que precisam saber para ajudá-los no seu evangelismo.

Força

Paulo orou em Efésios 3:16 para que seus leitores pudessem ser fortalecidos com poder através do Espírito. Isso era para que, finalmente, eles ficassem suficientemente fortes para que Cristo habitasse em seus corações, e isso estava vinculado à plenitude total de Deus.

Ele orou em Colossenses 1:11 para que nos tornássemos cheios do poder da força de Deus para resistirmos e termos paciência. Quando um crente está em perigo de desistir, não devemos orar para que as coisas sejam facilitadas para ele. Ao contrário, devemos orar para que o Espírito o torne forte e resoluto para continuar.

Paulo orou em 1 Tessalonicenses 3:13 para que nossos corações fossem firmados a fim de que fôssemos encontrados santos e sem falta na segunda vinda de Cristo.

Amor

Em Efésios 3:17, Paulo orou para que o amor de Deus fosse nossa raiz e fundação. E, em Filipenses 1.9 e 1 Tessalonicenses 3:12, ele pediu para que o amor de Deus fluísse acima de nossa presente experiência, e pudesse transbordar para os outros.

O amor de Deus é *agape*. É o profundo, constante e prático amor de Deus. Precisamos orar muito por isso na igreja de hoje, para que *agape* possa abundar e transbordar. Isso é o que desafiará o mundo.

Puros e sem mácula

Em Filipenses 1:10, Paulo orou para que seus leitores se tornassem “sinceros e inculpáveis” *diante dos homens*. Ele queria que Deus os fizesse *eilikrines* e *aproskopos*, isto é, puros e não contaminados pelo mundo, não ofendendo ninguém nem propiciando razão para tropeço.

Em 1 Tessalonicenses 3:13 ele orou para que eles fossem “santos e isentos de culpa” diante de Deus. Dessa vez ele orou para que eles fossem *amemptos* e *hagiosune*, inocentes diante de Deus e santos em sua conduta.

Ele pediu em Colossenses 1:10 para que suas vidas dessem prazer a Deus. Paulo não queria que eles simplesmente guardassem os mandamentos de Deus, mas que também antecipassem o desejo Dele.

E ele orou pela “perfeição” deles em 2 Coríntios 13:9. É *Ka-tartisis*, que significa ‘integridade de caráter’ e não *teleios*, que significa ‘inteiramente realizado’. A diferença entre essas palavras mostra que essa é uma oração realista, para estarmos prontos ou aptos para a ação evangelística. Não é uma oração pela nossa absoluta maturidade ou total perfeição.

Dignos

Paulo queria que seus leitores vivessem de tal maneira que refletissem o caráter e pensamentos de Deus. Assim, em Colossenses 1:10 ele orou para que eles vivessem dignamente diante de Deus, e em 2 Tessalonicenses 1:11 para que vivessem de maneira digna do chamado de Deus.

Justiça

Em Filipenses 1:11, Paulo orou para que nós fôssemos cheios

do fruto de justiça que vem por intermédio de Jesus. Em Romanos 10:2-3, para que conhecêssemos a justiça que vem de Deus.

Resultados

Paulo orou para que seus leitores frutificassem em boas obras, como em Colossenses 1:10; e para que eles fossem *energes*, poderosamente ativos, e eficazes em compartilhar sua fé, como em Filemom 6.

Glória

Em 2 Tessalonicenses 1:11-12, Paulo orou para que o nome de nosso Senhor Jesus fosse glorificado em nós, e nós Nele. Ele usa uma construção grega que evidencia a possibilidade presente dessa experiência, e a sublinha ao usar a mesma construção no versículo 10 para dar ênfase à certeza futura da glorificação de Cristo em Sua noiva.

Essas orações de Paulo não eram palavras polidas, eram pedidos dinâmicos que ele sabia que Deus atenderia! Quando seguimos seu exemplo em nossa oração, e dependemos do Espírito da mesma maneira, podemos compartilhar essa certeza e segurança. Nossas orações serão respondidas.

Parte Sete

Guerra Espiritual

A guerra espiritual envolve a totalidade de nossa vida cristã. Inclui viver uma vida santa, pregar o evangelho e orar. Alguns líderes rejeitam a visão de que a guerra espiritual nos coloca em conflito com forças demoníacas.

Eles dizem que se dirigir diretamente aos espíritos não é uma forma de oração; e que isso está fora dos limites do ensino das Escrituras.

No entanto, toda forma de oração é um ato de guerra espiritual. Toda vez que oramos e buscamos a vontade de Deus na terra, nós nos encontramos em oposição ao inimigo.

Eféios 6:10-18 é a passagem fundamental para a guerra espiritual. Ela descreve a Igreja na guerra. É sobre “nós”, não “mim”, e fornece a imagem de um exército prevalecendo e lutando no combate corpo-a-corpo. Porém, devemos esperar confrontar as forças espirituais e combatê-las diretamente. Isso é, com certeza, o que Paulo quis dizer com lutar ‘contra principados e potestades’.

A imagem é de uma companhia de soldados num confronto corpo-a-corpo na oração contra os poderes demoníacos. A oração é a questão nessa passagem. *Nós* precisamos usar a armadura de Deus para que *nós* estejamos prontos para combater o inimigo quando *nós* orarmos. 1João 3:8 mostra que essa é a vontade de Deus.

A realidade da guerra espiritual

Daniel 10:12-13 contém alguns vislumbres incomuns do funcionamento das regiões celestiais, e de como ela é influenciada

por nossas orações. Daniel, por intermédio de oração e jejum, procurou entendimento com relação a uma visão. Deus enviou um anjo poderoso para se encontrar com ele e explicar-lhe a visão; ainda assim, esse anjo sofreu oposição do “príncipe” da Pérsia. Como Daniel continuou a orar, o arcanjo Miguel foi enviado para ajudar o mensageiro de Deus, e a mensagem chegou.

A passagem mostra que:

- Seres demoníacos (aqui chamados príncipes) existem, e tentam se opor à obra de Deus
- Esses príncipes demoníacos estão associados à determinadas áreas territoriais e temporais.
- Há um elo entre a atividade celeste e a terrena. O que aconteceu nos céus afetou a situação na terra, e Daniel, por intermédio de suas orações, exerceu influência no que estava acontecendo nos céus.
- Por intermédio de suas orações persistentes, Daniel alcançou rompimento espiritual, ainda que, pessoalmente, ele não tenha visto nada da batalha.

Embora não se possa negar que a oração de Daniel era guerra espiritual, alguns líderes usam o fato de que Daniel não se dirigiu pessoalmente às forças demoníacas e principados, negando assim a necessidade de uma guerra espiritual consciente, ativa e agressiva. Eles dizem que não há necessidade de confronto direto e pessoal das forças demoníacas na oração.

Eles salientam que, em Zacarias 3:1-5, o anjo do Senhor disse: “O Senhor te repreende”, e não “Eu te repreendo”. Acontece o mesmo em Judas 9. No entanto, quando Jesus foi confrontado pelo diabo em Lucas 4:1-13 e Mateus 16:22-23, Ele não conversou nem argumentou com Satanás, Ele ordenou-lhe. E, em Mateus 12:22-29, Ele ensinou que a guerra espiritual caracterizava a vinda do Reino de Deus.

Com certeza, nós provavelmente nunca seremos chamados para confrontar Satanás pessoalmente, como Jesus fez. Nossa luta é com seus representantes, principados e poderes e outras forças demoníacas.

As passagens de Daniel e Zacarias aconteceram antes da

cruz. Eles não compartilhavam os nossos benefícios da vitória do Calvário. Ali, Jesus desarmou todo poder e todo principado e foi levantado acima deles nos lugares celestiais. Nós fomos levantados com Cristo e carregamos o poder e a autoridade que Ele nos delegou. Efésios 1:15-2.7 deixa isso bem claro.

Nós não temos poder para repreender os seres espirituais. Mas Jesus tem; e nós recebemos Dele a mesma autoridade. Como seus representantes na terra, podemos dizer: “Em nome de Jesus, eu te repreendo”.

Há necessidade de equilíbrio. Satanás pode tentar-nos a “provar” e sairmos da vontade de Deus para confrontar as forças do diabo em nossa própria força. Se “formos sozinhos”, rapidamente descobriremos a realidade da guerra espiritual que é descrita em 1 Pedro 5:8.

A guerra espiritual pessoal

Somente quatro personalidades do Antigo Testamento foram registradas como tendo sido pessoalmente confrontadas por Satanás. Com cada uma delas, Satanás usou uma arma diferente, atacou aspectos diferentes da vida da pessoa, veio com um disfarce diferente, e com um objetivo diferente. Um estudo dessas quatro batalhas espirituais nos dará uma ideia geral da maneira como as forças do inimigo buscam nos atacar hoje.

Eva

Em Gênesis 3 Satanás apareceu a Eva como o enganador, enganando-a quanto à natureza da verdadeira felicidade humana. Apocalipse 12:9 o chama de “o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo”.

Ele atacou a mente de Eva, usando de mentiras como arma, com o objetivo de fazê-la ignorar a respeito da vontade de Deus. Ele trouxe confusão ao sugerir que Eva deveria duvidar da bondade de Deus: “É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?” Isso era mentira. Deus não havia proibido que comessem as frutas de todas as árvores, somente de uma.

Satanás também tentou provocar Eva a questionar a palavra

de Deus: “É assim que Deus disse...?” “Satanás começou por levar Eva a questionar a palavra de Deus porque ele sabia que só um pequeno passo separa o duvidar da palavra de Deus do ignorar a santidade de Deus.

Finalmente, Satanás mentiu de novo: “Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”. Ele estava tentando suprimir o conhecimento que Eva tinha da vontade de Deus.

Jó

Jó 1 mostra que, naquele tempo, o diabo veio com o disfarce de destruidor, usando a arma do sofrimento para atacar o físico de Jó com o mesmo propósito de fazê-lo questionar a vontade de Deus e se apiedar de si mesmo, em vez de se gloriar na paternidade de Deus.

Satanás não empregou a arma do sofrimento como um fim em si mesmo, mas como um meio para fazer Jó questionar a vontade de Deus. Após sete dias de silêncio, o capítulo três registra os “Por quês” de Jó. A falsa suposição dos amigos de Jó era que a justiça de Deus deve sempre, e automaticamente, premiar a virtude com bênçãos duplas de riqueza e saúde, e que, por isso, o sofrimento só podia ser consequência do pecado.

Davi

O terceiro encontro bíblico com Satanás está registrado em 1Crônicas 21. Ali, Satanás vestiu o disfarce de um governante despótico para atacar Davi. Ele manejou a arma do orgulho, com o objetivo de fazer que o rei exercesse autoridade independentemente da vontade de Deus.

Satanás incitou Davi a fazer o censo dos israelitas sem qualquer palavra de Deus. Apesar da oposição inicial de Joabe o censo foi realizado.

Josué

O sumo sacerdote Josué foi a quarta personalidade do Antigo Testamento a lutar contra Satanás. Em Zacarias 3, o difamador

atacou a consciência de Josué com autocondenação a fim de levá-lo a um sentimento errado de culpa ao não satisfazer a vontade de Deus.

Ele fez isso ao levar o sacerdote a pensar que ele fora desqualificado para o serviço por causa de suas roupas sujas, quando Josué deveria estar confiando na sua justificação dada por Deus.

O ataque veio em um tempo crítico da história judia; após quarenta anos de exílio na Babilônia os judeus tinham começado a retornar a Jerusalém. O avô de Josué, Seraias, era o sumo sacerdote no tempo da captura de Jerusalém e tinha sido executado em Ribla, por Nabucodonosor, em 2Reis 25:18-21. Seu pai, Jeozadaque, tinha sido levado cativo para a Babilônia, e como Josué não é mencionado em 1Crônicas 6:15, é razoável concluir-se que ele nasceu no exílio.

Alguém deve ter sugerido que Josué não era adequado para ser sumo sacerdote porque ele era escravo, nascido no exílio, e assim profanado, razão pela qual tinha as vestes sujas; e Satanás usou isso quando veio fazer seu ataque. Maravilhosamente, a graça de Deus veio a Josué e ele recebeu vestes novas para usar.

A guerra espiritual no Antigo Testamento

O Antigo Testamento foi escrito como um registro do tratamento de Deus com Seu povo, que serviria como advertência e exemplo para nós. Há muitos exemplos de Israel lutando contra os inimigos de Deus. Atualmente, nossa batalha é espiritual, não contra a carne e o sangue, mas os exemplos de lutas físicas no Antigo Testamento demonstram princípios espirituais que nos ajudam no tipo de guerra espiritual que estamos enfrentando.

Cada batalha foi realizada com uma estratégia única, não havia plano estabelecido de batalha. Êxodo 17:9 mostra que Deus tem direções específicas para cada batalha. Precisamos nos assegurar de que recebemos nossas instruções de Deus para as guerras espirituais, e não nos movermos até que Ele nos direcione. Entretanto, há princípios distintos de guerra que precisamos saber.

A vitória depende do uso correto da autoridade de Deus

Em Êxodos 17:9, Moisés levantou a vara de Deus como um símbolo de sua autoridade. A vara representava seu chamado, mas Moisés teve de baixá-la antes de poder segurá-la da maneira correta.

As seguintes passagens bíblicas falam de nossa autoridade em Cristo:

- Lucas 10:16-20
- Mateus 28:18-20
- Mateus 16:19

A vitória depende da unidade

Moisés, Arão, Hur e Josué estavam trabalhando juntos como um time para sustentar os braços de Moisés e a vara de Deus. Não havia nenhuma disputa sobre quem seguraria a vara; não havia divisão ou competição, e essa unidade fez a diferença entre a vitória e a derrota. Quando eles apoiavam os braços de Moisés, venciam; quando os braços de Moisés baixavam, havia derrota.

Passagens como Salmos 133:1-3; Mateus 18:18-20; João 17:20-26 e Filipenses 1:27 ilustram a importância da unidade na guerra.

A vitória depende do avançar

Avançar é “um ato ou maneira de penetrar através de uma obstrução ou linha de defesa; é um passo importante no conhecimento ou na realização”. O relato da batalha de Davi contra os filisteus em 1Crônicas 14:8-17 mostra que Deus é o Deus que avança. É conveniente verificar detalhadamente a passagem.

- v. 8 - Os filisteus atacaram Davi por causa de sua unção e de sua autoridade. A resposta de Davi, ao ouvir sobre o ataque iminente, foi se dirigir para a fortaleza. Naum 1:7 e Salmos 18:2 mostram que precisamos estar em nossa fortaleza, o Senhor, em tempos de guerra.
- v. 10 - Davi consultou o Senhor. É crucial que sejamos todo o tempo dirigidos pelo Espírito Santo, mas, especial-

mente, em tempo de guerra.

- v. 11 - Davi derrotou os filisteus em Baal-Perazim, mas reconheceu que Deus é que havia avançado. Está claro que foi uma parceria.
- v. 12 - Os filisteus abandonaram os seus ídolos. Aqui estava o verdadeiro problema; a batalha era espiritual.
- v. 13 - Os inimigos se reagruparam e atacaram outra vez. Observe a persistência do inimigo. Mas falharam novamente.
- vs. 14-15 - Houve uma mudança de estratégia. Desta vez Davi teve de esperar em Deus para agir em favor de Israel.
- v. 16 - Davi repeliu o inimigo. A vitória foi completa!

Hebreus 4:14 descreve o maior avanço de todos os tempos. Precisamos tomar posse de todas as vitórias que já foram conquistadas para nós por Jesus. Precisamos falar da fé que temos, e agarrarmos firmemente cada promessa de Deus, especialmente a de Efésios 3:20, e continuar declarando-as em oração até que consigamos avançar.

A vitória

Êxodo 17:15-16 pode ser lido de duas maneiras. Primeiro, como “mãos levantadas para o trono de Deus”, significando oração, ou como “mãos levantadas contra o trono”, implicando rebelião. Ambas as interpretações nos ajudam a entender o significado de maneira completa.

Deus age tanto quando há rebelião contra Ele, *quanto* quando intercedemos, executando os juízos que Ele deixou por escrito. Deus raramente intervém diretamente. Ele usa a nós, a Igreja, para cumprir Sua vontade.

A razão pela qual estamos envolvidos em guerra espiritual é para vermos a vitória. João 12:31 mostra que Jesus veio para expulsar Satanás, e isso aconteceu na cruz. Decididamente, Jesus já venceu. A batalha entre Ele e Satanás para determinar o destino do universo já acabou. Jesus já triunfou. Colossenses 2:15 e Hebreus 2:14-15 mostram que o reino de Satanás foi declarado ilegal e ilegítimo, e que ele foi totalmente derrotado com todos os seus demônios.

Esse é um princípio bíblico importante, e é contrário a alguma prática da guerra espiritual, que parece sugerir que nós estamos em uma posição de debilidade em lugar de apreciar a vitória já completada de Cristo, em assunto de guerra espiritual.

O domínio e a vitória absoluta de Jesus Cristo sobre Satanás está realizada e totalmente garantida. Mas esse domínio é dado a nós, a Igreja, de forma que podemos caminhar na vitória de Cristo e administrar isso a nosso favor. No presente, nós estamos ‘treinando para reinar’ e no Reino futuro de Deus, viveremos e reinaremos com Cristo para sempre.

No momento, Satanás não foi aniquilado; ele se tornou totalmente sem poder, e está inoperante. Isso aconteceu: Satanás foi despido de seu poder e expulso do seu lugar no céu para sempre. Essa vitória tem sido eficaz por dois mil anos. Precisamos entender isso e começar a orar em atitude de completa vitória, não de luta ou de derrota. Ele está:

- *Derrotado* – Mateus 12:28-29
- *Destruído* – Hebreus 2:14-15
- *Expulso* – João 12:31
- *Desarmado* – Colossenses 2:15

Esta vitória tem sido efetiva por dois mil anos. Nós precisamos perceber isso e vamos para a oração com uma atitude de vitória realizada, não luta ou derrota. Daquela posição, nós podemos administrar com sucesso a vitória triunfante de Cristo no mundo, de acordo com Seu divino desejo e plano.

A armadura espiritual

Eféios 6:11-17 é a descrição clássica do equipamento dado a nós para ser usado na guerra espiritual. Quando escreveu Efésios, Paulo estava preso em Roma e, provavelmente, acorrentado a um soldado romano. Sua descrição de nossa armadura espiritual é baseada na armadura de um soldado romano, o qual estava equipado para um combate corpo-a-corpo.

A armadura de Deus representa as verdades sobre nosso estilo de vida, e vesti-la não é uma série de ações simbólicas para serem representadas. A palavra grega usada significa que nós

a colocamos só uma vez, não todos os dias, embora devamos andar dentro dela todos os dias.

O cinturão da verdade

O cinto conservava a túnica romana justa e deixava o soldado livre para se movimentar, capacitando-o, dessa forma, a enfrentar o inimigo. Então, o cinto sugere uma atitude militar, “Eu estou pronto para lutar”.

A palavra usada para verdade, *aletheia*, significa “verdade, em contraste com engano”. O que deixamos de acreditar é tão importante quanto o que acreditamos. O inimigo costuma tentar e consegue nos enganar, ao nos levar a acreditarmos em mentiras. Devemos vigiar nossa mente, enchendo-a constantemente com a Palavra de Deus.

A couraça da justiça

A couraça da justiça era confeccionada com metal moldado ao formato do pescoço e tronco do soldado, ou com linho coberto com tiras protetoras de chifre de animal. Ela dava proteção aos órgãos vitais, pescoço e tronco. A parte de trás fornecia pouca proteção, garantindo que nenhum soldado jamais se viraria para correr!

Precisamos verificar nosso coração para nos assegurarmos de que ele está correto. Temos de fazer isso numa atitude positiva de crescimento, desejando ser verdadeiros em relação a Deus e aos outros.

Precisamos saber que, em Jesus Cristo, temos uma justiça perfeita diante de Deus, para que venhamos a Ele em fé; mas temos também de andar corretamente em confissão e arrependimento. Temos o direito de usar a armadura, mas devemos usá-la de maneira correta!

As sandálias do evangelho da paz

Os sapatos dos soldados eram de sola grossa, botas com solas de pregos, presas com correias até os joelhos. Eles lhes davam estabilidade e proteção em terreno acidentado.

Nossa força, estabilidade, proteção e passos seguros estão no evangelho da paz. Ele traz reconciliação com Deus e não se firma em métodos humanos de guerra. Nós ensinamos reconciliação e não vingança, porque Jesus é o Príncipe da Paz.

O escudo da fé

Os soldados romanos usavam duas espécies de escudo. Um era um escudo pequeno e redondo para repelir os golpes enquanto lutavam com uma espada ou lança. O outro era pesado, uma prancha grossa de madeira coberta com couro tratado com óleo, para apagar o breu flamejante das extremidades das flechas dos inimigos.

Esses escudos maiores davam proteção total ao soldado na batalha. Nós precisamos de proteção contra as flechas violentas das tentações sedutoras de Satanás. A fé é que fornece essa proteção completa; fé nas promessas de Deus.

Uma das maneiras pelas quais os soldados se protegiam era colocarem-se juntos e apertarem-se com seus escudos. Quando nos juntamos e levantamos barreiras defensivas contra o inimigo, há maior proteção. Devemos olhar uns pelos outros. Cada instrução de Efésios 6 é para o corpo todo e não somente para crentes individualmente.

O capacete da salvação

Os capacetes romanos eram feitos de couro grosso coberto com metal, ou metal temperado, fortes o suficiente para suportar ataques de espadas que penetrariam crânios desprotegidos. A “espada” de Satanás é a dúvida e desencorajamento. Deus nos dá a proteção da esperança, encorajamento e perseverança.

A espada do Espírito

Os soldados romanos carregavam dois tipos de espada. A primeira era grande e de lâmina curta e plana, que requeria ambas as mãos para manejá-la, e a segunda era uma espada curta ou punhal, para o combate corpo-a-corpo. Efésios 6 se refere à espada menor e mais curta. Nós temos uma espada espiritual-

mente eficaz dada pelo Espírito Santo. Hebreus 4:12-13 mostra que ela é uma arma poderosa e precisa nas mãos do crente.

O verdadeiro propósito da armadura

Eféios 6:18 mostra que o verdadeiro propósito da armadura era equipar o soldado para o combate. A oração é o combate. A oração não é apenas outro pedaço da armadura, senão a analogia seria prejudicada. A oração também não é um desenvolvimento da espada do Espírito. A oração nos habilita a usar a armadura. A oração é o campo de batalha. A Bíblia Good News na versão inglesa se aproxima mais do original com “Faça tudo isso em oração”.

Em Isaías 59:15-19, o Senhor estava tão horrorizado de que não houvesse ninguém para interceder, que Ele resolveu intervir. Todavia, preste atenção nas coisas com as quais primeiramente se equipou.

A oração de guerra

Nas seções anteriores sugerimos que a oração efetiva em favor do não salvo consiste de dois elementos principais: primeiro, que os mensageiros humanos sejam equipados; e, em segundo lugar, que os obstáculos que impedem sua salvação sejam removidos. Essa segunda parte é oração de guerra.

Jesus usou a frase comum judia “mover uma montanha” e revestiu-a com novo poder e aplicação. Nos escritos judeus, um grande professor, um que explicasse satisfatoriamente as dificuldades das Escrituras, era descrito como aquele que movia a montanha.

Essa frase é baseada em Isaías 40:1-5, onde foi dito ao profeta para preparar o caminho do Senhor. Entre outras coisas, Isaías teve de derrubar as montanhas de dificuldades que estavam obstruindo a revelação ampla da glória de Deus. “Mover montanhas” é sugerido em Isaías 2:11-16 e seu complemento de “eliminação” em Lamentações 3:65-66. A ideia aparece também em Zacarias 4:7.

Antigamente, quando um monarca oriental queria viajar a

lugares distantes de seu reino, costumava enviar um grupo de homens, com seis meses, até um ano de antecedência, para preparar o caminho. Esses homens melhoravam pontes, reparavam estradas, arrancavam árvores e faziam geralmente tudo que podiam para facilitar a viagem e a chegada do monarca.

João Batista era o preparador do caminho do Senhor, mas também o eram os 72 em Lucas 10. Eles foram adiante de Cristo, em pares, a todas as cidades e lugares que Ele estava para visitar. Jesus usou a ideia de mover montanhas, desenvolvendo-a em três passagens paralelas, Mateus 7:20, Marcos 11:22-24 e Lucas 17:5-6.

A fé de Deus

O entendimento correto de Marcos 11:22 é crucial. Muitas traduções sugerem que Jesus disse: “Tende fé em Deus”. Mas “tende a fé de Deus” é a tradução literal do grego. Poderíamos até mesmo dizer, “Tende fé na fé de Deus”.

A fé de Deus é absoluta. Ele é totalmente autoconfiante. Ele sabe que pode atingir o que quer que queira fazer. Mover montanhas não é um problema para o Criador do Céu e da Terra. Quando temos uma centelha da fé de Deus em nós, ou quando cremos em sua fé, a oração de guerra se torna simples. Jesus nos prometeu que podemos aprender a confiar na fé de Deus. Essa é a maneira que podemos ter a mesma confiança que Deus tem em Sua palavra.

Mateus 17:20 e Lucas 17:5-6 mostram que não precisamos de muita fé para mover montanhas, mas só de um pouco do artigo genuíno. É a qualidade, e não a quantidade, que conta. Por si mesma, nossa fé não pode atingir nada, Deus é quem move as montanhas. Nossa fé somente nos liga ao grande poder de Deus.

Paulo prometeu, em 1Coríntios 12:9, que o Espírito Santo daria o dom da fé de Deus para algumas pessoas. Então, Paulo continuou a recomendar a seus leitores que fossem zelosos, ou desejassem intensamente o melhor. A fé está no topo da lista.

Há cinco estágios na oração de guerra.

Conhecendo a vontade de Deus

Essa oração é inútil sem a certeza absoluta do conhecimento da vontade de Deus. Tempo deve ser passado ouvindo a vontade de Deus. Devemos receber dele a identificação das montanhas de dificuldades que são os obstáculos impedindo que a glória de Deus seja vista, e que a pessoa seja salva.

Precisamos perguntar ao Pai que circunstâncias, fatores, pessoas, atitudes, são as que impedem que a obra de Deus se desenvolva e cresça em uma pessoa. Cada uma das passagens mencionadas sugere um tipo particular de obstáculo a ser removido.

- Marcos quer dizer que relacionamentos pessoais, especialmente onde há falta de perdão, podem ser uma barreira.
- Mateus sugere que a dificuldade de expulsar demônios pode requerer esse tipo de intercessão.
- Lucas, se tomada com outras passagens sobre a figueira e a amoreira, sugere que essas árvores que parecem boas, mas não têm frutos, são candidatas prontas para serem arrancadas. Cristãos hipócritas e infrutíferos são sempre o grande obstáculo para pessoas se tornarem cristãs.

A ordem com autoridade

Os versículos não dizem “Quem orar a mim”, mas “Quem falar à montanha”. Essa oração é dirigida ao obstáculo, não ao Pai. É intercessão *paga* do Antigo Testamento, violenta: “Seja tomado”; “Seja lançado ao mar”; “Mude-se daqui”; “Seja arrancado”.

Isso é estranho para alguns por causa de sua falta de experiência na prática apostólica de pronunciar comandos autoritários no ministério. Cristãos da Igreja Primitiva, e um número crescente hoje, falaram diretamente a olhos, membros, tempestades, demônios, febres e corpos sem vida “no nome de Jesus”, e ordenaram que fossem mudados. Nós sempre clamamos “Faça algo”, mas Deus responde de volta, “Não, faça você”. Esse é o segredo da cura de Naamã, das pescas milagrosas, da abertura do mar Vermelho e do imposto do templo pago por Pedro.

Essa autoridade executiva que Cristo deu aos 72 em Lucas

10:1-16 é nossa para ser usada atualmente. Na prática, isso significa, que, se o obstáculo impedindo a conversão de João é revelado na oração como um colega cínico, seria correto interceder da seguinte maneira: “No nome de Jesus, eu ordeno que você não impeça que João ouça o evangelho”. Às vezes, seria até mesmo correto ordenar ao obstáculo que seja removido do local de trabalho.

Recebendo a fé de Deus

A fé produzida em casa é suficiente para esse tipo de oração. A confiança dada por Deus de que as coisas vão acontecer é necessária. Quando o Espírito Santo dá seus dons da fé de Deus, devemos aceitar o fato como já tendo acontecido.

Crer não é ter uma esperança fraca de que algo poderia, ou poderá acontecer, por exemplo: “Eu creio (mas não estou realmente certo) que Tiago chegará hoje”. Crer é saber com certeza de que acontecerá: “Eu creio (ele me prometeu, e lá está ele andando em direção a mim) que o Tiago virá hoje”.

Continuar falando

O tempo grego usado significa que devemos continuar dizendo para o obstáculo: “Levante-se e atire-se ao mar”. Não é um comando único. Perseverança, com oração, é necessária.

O resultado visível

A construção das frases “será feito”, “moverá”, “obedecerá”, enfatiza a certeza do cumprimento. Lucas usa o tempo grego que se refere a um tempo anterior ao comando, por exemplo, “teria obedecido”, e isso sublinha o fato de que aqui está para acontecer um resultado visível dessa oração de guerra.

Quando conhecemos a vontade de Deus, recebemos a fé de Deus, e continuamos a declarar com autoridade, não pode haver dúvida sobre o resultado. A montanha mais alta, a árvore mais profundamente enraizada, o obstáculo mais sólido, tudo tem de ir. O caminho será feito plano para que a glória de Deus seja vista.

O campo de batalha da mente

Tudo que dissemos sobre o papel da oração na guerra espiritual é parte da maior e principal batalha para a mente. Em 2Coríntios 10:4-6, Paul revela a verdadeira natureza da guerra espiritual. É ‘para trazer todo pensamento (ou convicção segura na mente) cativo para a obediência a Cristo’.

É claro que nós somos seres racionais e que nossas ideias têm consequências. Toda batalha espiritual com o diabo tem a ver com nosso pensamento porque nossos pensamentos influenciam nossa escolha, que em última instância afeta nossas ações e nossos sentimentos. Então Satanás sempre ataca nossas mentes. Ele desova ideias falsas na área de ciência, filosofia, política ou religião.

Em última instância, o maior ataque vem na forma de engano relativo ao ser, natureza e integridade de Deus. Leia novamente as formas da batalha espiritual esboçadas que Eva, Jó, Davi e Josué, o sumo sacerdote, enfrentaram. Você rapidamente observará que cada uma dessas batalhas era contra o espírito de mentira e engano.

Além do mais, a última arma de guerra para o crente é a Verdade de Deus e Sua Palavra que é a única coisa que lida com ‘o mentiroso e pai da mentira’, Satanás.

Misturar oração com entendimento e proclamação da Verdade dará a você uma sensação profunda de percepção da verdade e discernimento do engano. Você poderá ser capaz de colocar abaixo as fortalezas em que Satanás envolve a sua mente – tanto em você mesmo quanto nos outros.

Parte Oito

O Jejum

Na Parte Quatro vimos que, nas Escrituras, a intercessão está relacionada a profecia; e na Parte Cinco observamos a associação entre ação de graças e sacrifício. Nesta seção, examinaremos a ligação bíblica íntima entre oração e jejum.

As palavras hebraicas para “jejuar” e “um jejum” são *tsum* e *tsom*, e elas significam passar sem comida e bebida. A frase hebraica *inna napsó* também se refere a jejuar, mas literalmente significa, e é comumente traduzida como “afligir a alma”.

Tsum e *tsom* são usadas em Juízes 20:26; 1Samuel 7:6; Esdras 8:23; Ester 4:16; Isaías 58:3-6; Jeremias 14:12; Joel 2:15, e em muitos outros lugares também.

Inna napsó é usada em Levítico 16:29-31; 23:27-32; Números 29:7; 30:13; Salmos 35:13 e Isaías 58:3-10.

O verbo grego *nesteuo* significa literalmente “não comer” e é normalmente traduzido como “jejuar”. *Nesteuo* e *nesteia*, “um jejum”, são usados, por exemplo, em Mateus 6:16-18; Lucas 18:12; Atos 13:2-3; 27:9.

O jejum no Antigo Testamento

Sob a lei do Antigo Testamento, havia somente um jejum compulsório que acontecia a cada ano, no Dia da Expição. Podemos ler a respeito disso em Levítico 16:29-34 e 23:27-32.

Zacarias 8:19 mostra que, depois que os judeus retornaram do exílio, quatro outros jejuns compulsórios também foram observados. Ester 9:31 pode também ser interpretado como implicando o estabelecimento de outro jejum regular.

Havia também jejuns voluntários ocasionais. Algumas vezes eram individuais, como em 2Samuel 12:22. Outras vezes eram coletivos, como em Juízes 20:26 e Joel 1:14.

No Antigo Testamento, jejum adicionado à oração:

- Expressava pesar – 1Samuel 31:13; 2Samuel 1:12; 3:35; Neemias 1:4; Ester 4:3; Salmos 35:13-14
- Expressava *arrependimento* – 1Samuel 7:6; 1Reis 21:27; Neemias 9:1-2; Daniel 9:3-4; Jonas 3:5-8
- Expressava *humildade* – Esdras 8:21; Salmos 69:10
- Suplicava por *socorro* e *orientação* – Êxodo 34:28; Deuterônimo 9:9; 2Samuel 12:16-23; 2Crônicas 20:3-4; Esdras 8:21-23
- *Podia ser em favor de outros* – Esdras 10:6; Ester 4:15-17

Isaías 58:3-4 mostra que, com o passar do tempo, alguns judeus começaram a pensar que o jejum, automaticamente, fazia que Deus os ouvisse. Mas Isaías 58:5-12 e Jeremias 14:11-12 relatam como os profetas declararam que o jejum era inútil sem um estilo de vida espiritual. Jejum não é um tipo de greve de fome para obtermos de Deus o que queremos!

Alguns jejuns do Antigo Testamento eram por razões erradas e eram abominação aos olhos do Senhor. Mas há, entretanto, notáveis exemplos no Antigo Testamento quando nações, cidades e indivíduos se voltaram em jejum para o Senhor, e Deus os honrou.

Em 2Crônicas 20:3, Josafá proclamou um jejum em Judá e o Senhor trouxe um poderoso livramento. O povo se preparou por intermédio do jejum, que também envolveu arrependimento verdadeiro e o voltar-se para Deus em intercessão; e então, pelo louvor, eles obtiveram a vitória.

Jonas 3:5 mostra como os ninivitas se arrependeram e jejuaram em resposta à profecia de julgamento de Jonas. Quando Deus viu isso, em Sua misericórdia, salvou a cidade.

Apesar de o jejum ser uma maneira apontada por Deus de se vir a Ele em oração, em determinadas circunstâncias, 2Samuel 12:15-18 mostra que não é uma fórmula para se ter uma oração respondida.

O jejum no Novo Testamento

A morte e ressurreição de Cristo cumpriram totalmente o Dia da Expição do Antigo Testamento. Isso significa que agora não há razão legal para o jejum.

Colossenses 2:13-23 sugere que qualquer ação por motivos legais, rituais ou cerimoniais são agora desnecessários porque Jesus cumpriu toda a lei. Portanto, o jejum ritual foi abolido, pois ele questiona a obra acabada de Cristo, agora que vivemos pela graça.

Isso não significa que não devemos jejuar. Significa que não devemos jejuar para sermos justos ou como um dever legalista. Jesus não condena o jejum em Mateus 5-7, mas, ao contrário, condena o jejum por motivos errados. Na verdade, Ele instrui Seus seguidores como jejuar.

Jesus esperava que Seus seguidores jejuassem

Ainda que não tenhamos registros de Jesus ordenando a Seus discípulos que jejuassem, Suas palavras em Mateus 6:16-18 devem significar que Ele esperava que Seus seguidores o fizessem.

Além disso, Lucas 5:35 mostra que Jesus sabia que Seus seguidores jejuariam, e ele parece endossar essa prática. Seria estranho Jesus falar dessa maneira, se jejum não fosse parte da disciplina contínua do viver cristão.

Em Lucas 5:35 (e Marcos 2:20 e Mateus 9:15), Jesus falou sobre o tempo quando Ele não estaria mais com Seus discípulos, e disse que esse seria um tempo para jejuar.

Como Jesus não está mais fisicamente presente entre nós, esse deve ser o tempo apropriado para que Seus seguidores jejuem a fim de verem cumpridos os propósitos de Deus.

O jejum de Jesus no deserto

Lucas 4:1-14 descreve o longo jejum de quarenta dias de Jesus, que parece lembrar e cumprir os jejuns de Moisés e Elias em Êxodo 34:28 e 1Reis 19:8.

Jesus estava fazendo duas coisas no deserto:

- Ele estava se preparando para o ministério
- Ele estava lutando contra o diabo

Se o jejum era uma parte importante para Jesus com relação a essas duas tarefas, quanto mais nós necessitamos aprender o valor e o poder de jejuar atualmente!

Antes do jejum de Jesus no deserto, Lucas O descreve como “cheio do Espírito”. Após o jejum, relata que Jesus está “cheio do poder do Espírito”. Esse é um exemplo importante para nós.

O Espírito levou Jesus ao deserto onde não havia comida. Lá Ele jejuou, e isso foi uma ação direcionada pelo Espírito, não uma obrigação legal. Significava que, quando Jesus se encontrou com Satanás, Ele estava totalmente cheio de poder e preparado pelo Espírito para derrotá-lo.

O jejum na Igreja Primitiva

A Igreja Primitiva, como apresentada em Atos, parece ter valorizado o jejum, porque ele teve grande importância na sua vida e prática. Poucas decisões a respeito de liderança ou direção da Igreja foram tomadas sem oração e jejum. Por exemplo, eles jejuaram:

- *Quando escolheram missionários* – Atos 13:2-3
- *Quando indicaram líderes* – Atos 14:23
- *Como parte de seu ministério* – 2Coríntios 6:5; 11:27

Partindo disso, parece que o jejum deveria tomar um lugar voluntário em nossas vidas coletivas e particulares. Tanto como indivíduos, quanto como igrejas, devemos redescobrir o propósito do jejum e restaurá-lo ao seu devido lugar em nossas vidas.

O que o jejum não é

Jejum não é ascetismo

Ascetismo, ou autonegação rigorosa e anormal, não é uma prática bíblica. Ela causa dano ao corpo e desonra o Senhor que criou o corpo para ser o templo do Espírito Santo

Ideias ascéticas entraram na Igreja por intermédio de filosofia

grega errônea, e de algumas formas de gnosticismo, que consideravam o corpo como sendo cheio de pecados e, portanto, um obstáculo para a vida do Espírito. Isso levou ao jejum excessivo, vigílias incessantes e outras formas de autoabuso físico. Colossenses 2:23 oferece a posição bíblica.

Em sua melhor forma, a tendência para o jejum excessivo é zelo mal empregado; na pior, ele pode ser completamente demoníaco. O ascetismo é com frequência encontrado em religiões pagãs, entre cultos e em práticas ocultas. Precisamos de alimentação própria e sono a fim de sermos fortes e saudáveis para Jesus.

Essas passagens oferecem discernimento bíblico relevante: Levítico 19:28; Deuteronômio 14:1; 1Reis 18:28.

Jejum não é automortificação

O jejum não tem valor como um meio de lidar com a inclinação para o pecado em nossas vidas, na carne. Ele não nos faz santos. Podemos lidar com a carne somente no poder do Espírito à medida que matamos aquelas obras da carne que estão associadas com a velha maneira de viver não-cristã.

Na verdade, esse tipo de jejum satisfaz a carne, que se deleita em ostentar e externar as formas da chamada espiritualidade.

Quando Jesus ensinou ao povo como jejuar, disse que isso deveria ser feito em segredo. No entanto, apesar do jejum não tratar com a carne, não é errado jejuar a respeito de algum aspecto do pecado em nossas vidas. Mas o que nos muda é o arrependimento e a consagração que vêm pelo Espírito, não o jejum em si mesmo.

Jejum não é uma forma de mérito pessoal

É tolice pensar que pelo jejum, ou por outra ação, obtemos o favor de Deus, recebemos Sua graça, ou O forçamos a nos abençoar ou a responder às nossas orações. A graça de Deus é livremente dada. Ele responde às nossas orações somente através de Jesus Cristo e porque Ele cumpriu a obra na cruz.

Jejum não é um meio de autoengrandecimento

Os fariseus tinham um relacionamento ostensivo com o jejum, como com todas as outras práticas religiosas. Eles chamavam atenção, de maneira muito forçada, para seu jejum de duas vezes por semana. Eles eram exibicionistas espirituais. Mas Jesus condenou isso, em Mateus 6:16-18, e falou das recompensas do jejum que viriam somente para aqueles cujos motivos eram corretos.

O que é jejuar

O jejuar pode ser bom por motivos de saúde, especialmente no ocidente, onde as pessoas consomem demasiada comida.

O jejum também pode beneficiar outros. Se todo crente na Inglaterra ficasse sem uma refeição por semana, e contribuísse com o dinheiro poupado (por volta de duas libras) para as missões mundiais, a contribuição missionária dobraria.

Mas as razões principais do jejum são espirituais. Jejum tem tudo com buscar a Deus. É principalmente um ministério dirigido ao Senhor. Há duas razões espirituais principais para jejuar:

Uma expressão de pesar pelo pecado

2Samuel 1:11-12 mostra que jejuar é uma expressão de pesar e luto. O jejum pode ser uma reação natural, mas também pode ir além disso, tornando-se uma maneira de se chegar à presença de Deus para expressar nossa profunda preocupação e pesar sobre uma série de coisas, como em Neemias 1:4.

Neemias estava devastado por causa do estado da nação. Os muros de Jerusalém estavam derrubados e a herança de Deus, em ruínas. Assim, Neemias jejuou e lamentou diante de Deus. O jejum dessa maneira é legítimo e podemos experimentar a bênção de Mateus 5:4.

Podemos reagir da mesma maneira em qualquer situação séria, concernente à nação, ao estado da Igreja, ou a algum problema pessoal que nos afronta.

Na Bíblia, o jejum desse tipo está com frequência ligado ao

pesar pelo pecado e ao se humilhar diante de Deus e de Sua misericórdia. Jejuar não é “fazer penitência” pelo pecado, mas ele se origina em um entendimento pessoal da seriedade do pecado.

Uma expressão de seriedade para com Deus

Ao longo de toda a Bíblia, o jejum está ligado à oração. Jejuar simplesmente não é suficiente. O propósito completo do jejum é propiciar mais tempo para orar e mostrar a seriedade de propósito na oração.

Quando jejuamos, dizemos para Deus: “Senhor, esta situação que me traz de joelhos diante de ti, me preocupa mais do que meu corpo necessita de comida e nutrição”.

O jejum é poderoso porque vimos a Deus num nível profundo de seriedade. Essa determinação é aquela que Deus honra, e no jejum ela toma uma nova dimensão. Isaías 58 fala de cadeias espirituais, não somente físicas ou sociais, sendo quebradas por intermédio do jejum pelo poder do Espírito Santo.

Essa grande manifestação de poder espiritual também pode ser vista quando tiramos tempo para orar e jejuar por nossos ministérios. Após um período de oração e jejum há, normalmente, maior poder e unção, especialmente com dons espirituais, que podem resultar em novo progresso pessoal.

Uma bênção

Jesus prometeu que o Pai recompensaria quem O buscasse de maneira sincera e exclusiva. Mateus 6:18 mostra que isso inclui jejuar à maneira de Deus.

Há algo poderoso sobre o jejum que, se feito com coração puro e motivos corretos, nos leva para mais perto de Deus. Tiago 4:10 e Isaías 40:31 ilustram esse princípio.

Quando jejuar

De certa maneira, nós não decidimos quando jejuar, Deus decide. O chamado para o jejum vem como um desejo profundo, dado por Deus, de buscar ao Senhor em oração e jejum. Algu-

mas vezes, a prontidão para jejuar virá de repente, pelo Espírito, mas, normalmente, vem como resposta a uma situação ou necessidade. Mas quando o Espírito nos impulsiona, sabemos que o tempo para jejuar é chegado.

Aqueles que se comprometem a jejuar como uma disciplina regular em determinados dias, ou a intervalos regulares, precisam estar certos de que estão realmente sendo direcionados pelo Senhor. De outro modo, o jejum não será mais do que uma prática ritualística externa.

Como jejuar

Aqui estão alguns pontos práticos a serem considerados:

- Comece com jejuns curtos de um a três dias de duração. Jejuns longos podem ser perigosos e precisam ser considerados com precaução. Lembre-se de que a questão principal é buscar a Deus e não apenas ficar sem comida. Jejum rigoroso pode nos desviar de Cristo; assim, devemos estar certos de que ouvimos ao Espírito e não ao nosso entusiasmo.
- Nunca fique sem água em um jejum. O corpo humano pode sobreviver várias semanas sem comida, mas somente poucos dias sem água.
- Dores de cabeça podem ocorrer nos primeiros estágios de um jejum e são causadas pela falta de cafeína e de proteínas. Isso pode ser minimizado pela redução gradual de consumo nos dias anteriores ao jejum.
- Jejum parcial, ficar sem certas refeições ou tipos de comida, pode ser tão efetivo quanto jejum total. Este é o jejum de Daniel 1. Jejuns parciais são especialmente eficazes para aqueles que têm uma rotina de trabalho pesada, e acham difícil jejuar completamente.
- Lembre-se, a comida é um dom de Deus. Tempos de festejar podem ser tão espirituais quanto tempos de jejuar. Devemos nos assegurar de que nosso jejum não nos leve a um desequilíbrio nutricional.

Parte Nove

Línguas

Ao longo deste livro temos nos concentrado nas diversas maneiras de orar. Tudo isso envolve falar com o Pai, por intermédio do Filho, no Espírito, numa linguagem que nos é familiar.

Entretanto, línguas (a palavra grega é *glossolalia*) são orar ao Pai, por intermédio do Filho, no Espírito, numa linguagem que não conhecemos nem aprendemos.

O que é o dom de línguas?

Um milagre

As línguas ocorrem quando oramos a Deus em uma língua que nunca aprendemos, e isso deve ser um milagre! Línguas são um fenômeno sobrenatural, é o Espírito Santo nos fornecendo palavras que não podemos entender, a fim de que possamos falar ao Pai com mais eficácia.

Importante

Alguns líderes evangélicos acusam os pentecostais de considerarem muito o dom de línguas. Eles sugerem que o dom de línguas é de menor relevância, uma aberração coríntia escondida aqui e ali na metade de um versículo. Outros têm argumentado que o fenômeno de línguas cessou com o período apostólico, e não deveria ser desejado ou praticado atualmente. Ainda assim, há cinco passagens importantes nas Escrituras que precisam ser examinadas. Elas deveriam ser lidas mais cuidadosamente: Marcos 16:15-20; Atos 2:1-13; Atos 10:44-48; Atos 19:1-7; 1Coríntios 11:2-14;40. Isso sugere que de-

veríamos acreditar na manifestação contemporânea de línguas e encorajar aqueles que têm o dom de praticá-la.

Uma linguagem

As línguas são uma linguagem dada pelo Espírito Santo, o qual, então, capacita o crente a pronunciar palavras. Não são apenas sons. Sons podem preceder as palavras, como acontece no desenvolvimento de todas as línguas; mas a linguagem, com a sintaxe apropriada, vem rapidamente depois.

Um sinal

Em Marcos 16:17, Jesus disse que as línguas seriam um dos cinco sinais que acompanhariam os que pregassem o evangelho.

Isso significa que as línguas exercem o papel de trazer não-cristãos para a fé em Cristo. Paulo enfatizou isso em 1Coríntios 14:22, e também foi visto no Pentecostes, quando o louvor e o mistério das línguas fizeram parte do desafio à multidão.

Uma evidência

Em Atos 10:4-48, as línguas são aceitas como uma evidência de que a casa de Cornélio havia recebido o Espírito Santo. A pessoa que não foi cheia do Espírito Santo, por Jesus, não falará em línguas. A oração em línguas é reservada àqueles que foram cheios pelo Espírito.

Um dom de Deus

1Coríntios 14:5 ensina que as línguas são um dom disponível a todos os crentes para aumentar suas orações e adoração; e que também é um dom dado para a igreja, a fim de edificá-la na adoração e desafiar aos que não creem.

Pela maneira como esse dom é recebido e desenvolvido, podemos ver que o dom de línguas é um produto de cooperação divina e humana. Por nós mesmos, não podemos inventar uma língua; e Deus, por sua vez, não impõe uma língua contra a nossa vontade. Nós fornecemos as cordas vocais, respira-

ção, língua, palato, dentes e lábios; o Espírito Santo fornece as palavras. Nós movemos nosso mecanismo da fala e, como o Espírito sugere as palavras, nós as pronunciamos. Volume, velocidade, começar a falar e parar, tudo está sob nosso controle.

Novas e outras

O dom é descrito como “novas” línguas em Marcos 16:17 e como “outras” línguas em Atos 2:4. Em grego, é *kainos* e *heteros*, que significa nova, não no sentido de nunca haver sido ouvida antes, mas nova para nós, diferente da linguagem que estamos acostumados a usar.

Angélico

Uma determinada língua não precisa ser necessariamente uma linguagem humana conhecida. 1Coríntios 13:1 sugere a possibilidade de que ela possa ser uma linguagem angélica.

Fogo

Atos 2:3 descreve “línguas de fogo”. No Antigo Testamento caiu fogo sobre o altar do templo recentemente construído, para queimar a oferta, demonstrando assim sua aceitação por Deus. As línguas são dadas aos cristãos de hoje para equipá-los para o ministério e acendê-los para a ação.

Esse dom tem sido um gatilho que impulsiona muitas pessoas para a devoção e serviço sobrenaturais, e é com frequência uma experiência consciente de confiança.

Orar sem cessar

Em João 4:14, Jesus quis dizer que a água viva que Ele daria, a qual entendemos ser o Espírito, jorraria continuamente dentro dos crentes. Isto faz referência ao Salmo 36:9 e Isaías 58:11.

Seria muito sugerir que o dom de línguas é uma faceta dessa fonte interior borbulhante, oferecendo luz e louvor a Jesus? Orar audivelmente em línguas seria, então, o ajuste do volume, para permitir que o borbulhar interior e duradouro seja ouvido.

Mal-entendidos comuns

Não é uma mensagem de Deus

Muitos consideram demais as “mensagens em línguas”, mas 1Coríntios 14:2 é claro: o dom de línguas é dirigido pelo próprio Deus, não é propriedade humana. Línguas são uma maneira de orar, não um meio de comunicação. Quando usamos o dom, dirigimo-nos a Deus. Isso significa que qualquer explanação ou interpretação de línguas será em forma de oração ou louvor. Seremos nós falando com Deus, não Deus falando conosco.

Isso não quer dizer que a interpretação de línguas não possa ser usada por Deus para comunicar uma mensagem. Por exemplo, a frase: “Oh!, Deus cumpridor de promessas, nós louvamos teu santo nome”, pode ser a palavra exata para ajudar alguém que está em luta contra uma promessa que ainda não se cumpriu. No entanto, a interpretação teria sido, corretamente falando, uma oração de louvor para um Deus que cumpre promessas, não uma mensagem de Deus para nos lembrar de que Ele cumpre Sua palavra.

Não é uma habilidade linguística

O dom de línguas não era, e não é, um atalho para a comunicação no trabalho missionário. As línguas não eram necessariamente a linguagem do povo para quem os discípulos estavam pregando. As multidões do dia de Pentecostes ouviram os discípulos louvando a Deus em suas próprias línguas, mas quando Pedro pregou, ele usou sua língua nativa.

Não é uma anormalidade psicológica

Línguas não são uma exclamação do subconsciente. Não são resultado de sugestão, nem estão ligadas à esquizofrenia, catalepsia ou histeria. De fato, a falta de entusiasmo em línguas significa que pode haver um desapontamento para aqueles que estão procurando uma emoção espiritual em vez de uma ajuda para a oração mais profunda.

Não é um milagre de audição

Alguns sugerem que o milagre de línguas não acontece na boca da pessoa que fala, mas no ouvido daquela que ouve. Isso seria um milagre notável, mas a Bíblia nunca sugere isso. Na verdade, o oposto é verdadeiro, porque tal milagre faria o dom de interpretação desnecessário.

Não é um dom limitado

Alguns, que corretamente julgam que “Todos?”, perguntas de 1Coríntios 12:29-30 pressupõem a resposta “não”, continuam supondo incorretamente que isso significa que o dom de línguas não é para todos, mas somente para uns poucos.

Mas 1Coríntios 12:27-30 se refere à estrutura do ministério na igreja. Enfatiza a pluralidade do ministério ao se ouvir nove categorias diferentes de ministério. Paulo quis dizer que “não” é uma resposta a essas duas perguntas: “Deveriam todos os crentes fazer orações em línguas publicamente durante a adoração coletiva da igreja?” E “Deveriam todos os apóstolos, profetas e professores, e assim por diante, ter um ministério público de milagres, cura, línguas etc.?”

O “não” de Paulo não sugere que somente um número limitado de crentes estarão aptos a orar particularmente em línguas. Parece-me que 1Coríntios 14:5 mostra que é possível que todos orem em línguas. Isso é confirmado em Marcos 16:17.

Não é um ato involuntário

Alguns ainda entendem que o dom de línguas é “estático”, que não podemos controlá-lo, que só oramos em línguas quando Deus nos “faz” orar em línguas. Mas temos o controle total sobre o fenômeno. Por isso é que as línguas podem ser suprimidas.

Podemos ajustar o volume e variar a velocidade. Muitas pessoas podem orar em línguas sem fazer barulho. As palavras são formadas de maneira usual, com a língua se movendo rapidamente, mas os lábios não se abrem, impedindo assim, que o

som seja ouvido. Infelizmente, algumas pessoas “murmuram em línguas” e isso é que dá a impressão de que o dom é involuntário.

A edificação da igreja

1Coríntios 11-15 contém ensino detalhado sobre a adoração pública de uma igreja local. Esses capítulos salientam o centralismo da santa comunhão, o lugar das mulheres, a primazia do amor e a necessidade dos dons espirituais, inclusive orar em línguas, para serem exercitados nos cultos de adoração de uma igreja local.

- O verbo-chave do capítulo 14 é *oikodomeo*. Ele é comumente traduzido como “edificar”, mas é mais bem interpretado como “construir”. Podemos entender melhor pela frase “construir juntos a fim de edificar”. Se desejamos a edificação da igreja, devemos dar atenção especial a 1Coríntios 14. Os seguintes princípios sobre o uso do dom de línguas na adoração coletiva são retirados desse capítulo.
- A pessoa que faz uma oração em línguas publicamente durante uma reunião é edificada.
- É desejável e possível que todos usem esse dom em público.
- Uma interpretação não é uma tradução. O verbo grego *diermeneuo* significa “explicar de maneira completa”. Isso é usado em Lucas 24:27 para descrever a explanação de Cristo sobre as Escrituras. A palavra “interpretação” dá a impressão de que uma língua é traduzível, mas a interpretação é a “essência” da língua comunicada pelo Espírito.
- Juntas, a oração em línguas seguida da interpretação edificam a igreja local.
- A atenção deve ser concentrada na interpretação, pois é esse o elemento que edifica a igreja local.
- A oração em línguas não deve ser trazida durante a adoração sem uma interpretação.
- Aqueles que receberam o dom de línguas devem orar pelo dom de interpretação.
- Nós não devemos ser desequilibrados e orar somente com a mente, ou só em línguas. Na adoração pública deve haver

o equilíbrio da oração com a mente e da oração em línguas, cantar louvores com a mente e cantar louvores em línguas.

- Nós escolhemos se oramos em línguas ou em nossa língua natural.
- A oração em línguas pode ser uma expressão de ação de graças.
- A oração em línguas é um sinal para os não-crentes.
- Nossa razão para orar em línguas deve ser para beneficiar a igreja, não para chamar a atenção para nós mesmos.
- O dom de línguas não deve ser suprimido.
- Uma oração em línguas deve ser falada *euschemonos* (1Co-ríntios 14:40). Em muitas versões da Bíblia isso é traduzido como “decentemente”, mas pode ser mais bem entendido como “graciosamente”. Uma língua não deve ser “tagarelada”, mas vagarosa e belamente liberada para que todos possam ouvir.

Algumas pessoas pensam que uma interpretação faz que a língua falada soe redundante. “Para que a língua?”, dizem. “Por que não apenas a interpretação? Há duas respostas:

Em primeiro lugar, apesar de os dois dons formarem uma unidade completa, cada elemento tem uma função única. A língua é um sinal para os que não creem porque é uma manifestação sobrenatural óbvia; e a explicação edifica a igreja. Juntas, elas glorificam a Deus.

Em segundo lugar, os dons são apresentados no contexto de ensino do “corpo”. Cada dom requer outro para ser completo. Isso sublinha a questão de que ninguém é totalmente completo. A interpretação precisa de uma língua, e a língua pede uma interpretação. Juntas, elas são completas.

Línguas no evangelismo

Marcos 16:16-17 enumera cinco sinais que demonstram aos não-crentes a verdade da palavra proclamada, e revelam discernimento do poder e da glória do Deus vivo. O dom de línguas é um desses sinais que são dados para uso no evangelismo verdadeiro.

1Coríntios 14:22 deixa claro que o dom de línguas é um sinal para aqueles que não creem. Ali, Paulo revela que orar em línguas é uma parte da adoração cristã que, de maneira particular, desafia os incrédulos.

Alguns líderes reservam a oração em línguas só para reuniões de cristãos. Eles acham que orar em línguas constrangerá os incrédulos, e baseiam isso na concepção de que as referências em 1Coríntios 14:21 e Isaías 28:11-12 mostram que línguas são um sinal “contra” os não-cristãos.

Mas o fato de que os samaritanos não costumavam ouvir a Deus não significa que Deus não falasse com eles. Todos os sinais de Marcos 16 podem ser, e com frequência são, rejeitados por aqueles que os observam, mas essa não é uma razão para não usá-los no evangelismo.

Cristãos que receberam esse falso ensino sobre o dom com frequência declaram terem sido ofendidos pelo uso de línguas, até mesmo por aquelas que são calmas, graciosas, ordenadas e cheias de adoração! Entretanto, o uso correto de línguas e interpretações sempre intriga e surpreende os incrédulos.

O uso de línguas no evangelismo é especialmente usado como um sinal. Elas demonstram que um Deus sobrenatural apareceu; elas repelem o maligno; elas permitem que orientação vital seja recebida. Em benefício do mundo, o uso de línguas deve ser redescoberto.

O uso de línguas

O dom de línguas pode ser usado em qualquer área da oração, em ação de graças, confissão, petição, adoração, súplica, intercessão, louvor etc. No entanto, parece haver seis áreas onde, se estivermos vivendo no Espírito, línguas serão usadas naturalmente, tanto pessoalmente, quando oramos por nós mesmos, quanto coletivamente, quando estamos juntos.

Na adoração

Quando estamos adorando, o dom de línguas nos ajuda a expressar amor por Jesus melhor do que por mera linguagem hu-

mana. Nos relacionamentos humanos, lutamos para encontrar uma maneira mais significativa e criativa de dizer “Eu te amo”. Em nosso relacionamento divino, o dom de línguas faz isso de maneira mais bela e mais oportuna do que a arte humana jamais poderia alcançar.

Na intercessão

O dom de línguas é especialmente valioso na intercessão quando não sabemos o que orar. Romanos 8:26 promete que o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza. Sempre nos pedem para orar por uma pessoa e não temos nenhuma ideia de suas necessidades. Essa é uma ocasião na qual o dom de línguas é mais proveitoso. O Espírito intercederá por intermédio de nós, de acordo com a mente de Deus.

Progresso

O dom de línguas ajuda a atingir progresso espiritual. Vimos “oração de guerra” na Parte Sete, e línguas podem ser usadas desse modo “guerreiro”.

Respostas à oração com frequência demoram a vir, devido à oposição demoníaca ou porque Deus está imprimindo paciência e perseverança às nossas vidas. Quando nossa fé está fraca por causa da demora, devemos orar em línguas. A fé de Deus nunca está fraca, e nosso espírito é que está em sintonia com esse tipo de fé.

Nas situações impossíveis, quando a oposição é grande ou as circunstâncias são lúgubres, nossas orações podem facilmente se tornar declarações de dúvida. É nesses momentos que o dom de línguas é tão útil. A oração em línguas está repleta da fé de Deus. Está cheia de sua autoconfiança.

Lamento

O dom pode ser usado para expressar tristeza. Muitos de nós temos problemas em lamentar a Deus. Como podemos derramar nossa angústia sobre acontecimentos como um terremoto, a queda de um avião, uma bomba terrorista? Como compartilhar

a agonia de Deus? A oração em línguas pode ser um lamento significativo sobre horrores indizíveis de um mundo que está colhendo os resultados do pecado humano e do julgamento divino.

Ação de graças

Como poderia nossa língua expressar gratidão adequada pela conversão de uma criança voluntariosa ou a cura de um amigo querido? “Obrigado” parece muito pouco. Oração em línguas é muito melhor. Sabemos, então, que dissemos “obrigado” de maneira própria. O dom de línguas ocupa um lugar especial na ação de graças.

Preparação

O dom de línguas edifica. É experiência de muitos que a oração em línguas, regular, frequente e consistente, tem funcionado como elemento significativo na transformação de pessoas com testemunhos ineficazes, naqueles cujos testemunhos trazem resultados duradouros.

Orar em línguas é recomendado quando sabemos que uma conversa específica ou reunião acontecerá, e não temos certeza de como proceder. Esse dom é para aquelas ocasiões quando não vemos com clareza a vontade de Deus. Devemos orar em línguas, concentrados na pessoas a quem vamos encontrar.

Parece que podemos enfocar, ou dirigir, nossa oração em línguas. Oramos com nosso espírito, e a direção é com a nossa mente. Podemos enxergar a pessoa com os “olhos de nossa mente” e, então, começar a orar por ela em línguas. Muitos têm experimentado que essa disciplina, com a oração em sua própria língua e jejum, trazem resultados que, de outro modo, não seriam percebidos.

Línguas coletivas

Alguns críticos do dom de línguas consideram que 1Coríntios 14:23 proíbe a congregação de cantar e orar em línguas. No entanto, esse versículo se refere mais a um grande número de pessoas, todas oferecendo diferentes orações em línguas, uma

após a outra, do que a todas elas orando ou cantando a mesma oração, ao mesmo tempo, em suas linguagens celestiais.

Em 1Coríntios 14, Paulo sugere que deveria haver somente umas poucas línguas consecutivas, e que as línguas deveriam ser interpretadas ou explicadas de alguma maneira. Ele não faz comentários sobre línguas coletivas.

Muitas congregações passam do cantar uma determinada canção em sua própria língua para o cantar em línguas. Quando isso acontece, as pessoas estão expressando o tema da canção ou do hino em suas línguas celestiais.

Algumas pessoas sugerem que a palavra hebraica *selah*, que aparece com frequência nos Salmos, representa a pausa congregacional para permitir que os músicos toquem a “música tema” relevante para o Salmo. Talvez cantar em línguas, cantando com o espírito, seja a *selah* em uma reunião.

Quando as pessoas cantam ou oram juntas em línguas, há uma unidade dada por Deus para o louvor e a oração. Quando duzentas pessoas cantam em línguas, não há duzentas canções diferentes, cada uma necessitando de interpretação própria, isso seria o caos. Ao contrário, uma só canção está sendo cantada de duzentas maneiras diferentes; e isso é maravilhoso.

O mesmo acontece quando a congregação ora conjuntamente em línguas. Há somente uma oração sendo proferida em uma variedade de maneiras e linguagens.

Começando a orar em línguas

A oração em línguas é somente para aqueles que foram cheios com o Espírito Santo. Aqueles que desejam receber esse dom, devem acreditar com certeza que existe algo como orar em línguas. Poderia ser útil pedir a um amigo que desse uma demonstração de como orar em línguas, especialmente se estivermos preocupados com o problema de perder o controle.

Também precisamos crer que o dom de línguas é para nós. Algumas pessoas pensam: “Se Deus quer que eu fale em línguas, Ele cuidará para que eu fale”. Deus não dá inesperadamente esse dom para uns poucos que não pedem por ele, mas,

normalmente, aqueles que recebem são os que continuaram a pedir.

Devemos pedir ao Espírito Santo que nos dê esse dom e devemos recebê-lo pela fé. Fé não é persuadir-nos sobre a veracidade das línguas. Fé é deixar a veracidade das línguas nos persuadir.

O que estou para sugerir pode parecer algo mecânico, mas temos de começar em algum lugar. Tanto o Espírito Santo quanto nós temos uma parte na oração em línguas. Atos 2:4 declara: “e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem”. O Espírito Santo não fornece lábios ou fôlego como sua parte no pacote. Eles são nossa responsabilidade. Temos de parar de falar em nossa língua natural – porque ninguém pode falar duas línguas ao mesmo tempo – tomar fôlego e confiar no Senhor, e, então, adaptarmos nossos lábios à palavra que está sendo formada.

Então, começamos a falar aquela palavra, confiando que o Espírito nos dará as seguintes. Alguns começam imediatamente com uma língua completa. Outros ficam várias semanas num estágio elementar. Muitos agonizam durante meses, pedindo com persistência, buscando e batendo, antes que orem em línguas. Paciência, perseverança e obediência são as chaves para a fé e a maturidade.

Tão logo recebemos esse dom, dúvidas começam a aparecer diante de nós. O maligno semeia descrença numa tentativa frenética de silenciar as orações que fluem de nossos lábios.

Ele obtém sucesso com duas mentiras. Primeiro: “Você está inventando”. Todos os que falam em línguas já ouviram essa mentira, contudo, poucas pessoas possuem a habilidade de criar uma nova língua. O dom de línguas é para muitos a primeira experiência de ouvir Deus falar através deles. É sempre mais natural e “cotidiano” do que eles esperavam.

A segunda dúvida será: “Não é uma língua, é uma confusão de palavras”. Todos sofreram a agonia dessa mentira. A verdade é que muitas das línguas estrangeiras soam como confusas para aqueles que não as entendem!

O melhor conselho é buscar afirmação com um líder que fale em línguas. Ele ou ela deverão guiar você nos primeiros sons hesitantes até a completa maturidade na sua língua de oração dada por Deus.

Parte Dez

Rumo à Oração Eficaz

A oração é a medida de nosso estado espiritual. Quando não temos desejo ou paixão para orar há algo de errado com nossas vidas espirituais. Cada crente tem a responsabilidade de cultivar um estilo de vida de oração como parte do desenvolvimento de nosso relacionamento com Deus.

A oração não é pesada quando flui de nosso relacionamento com Deus. O desejo de orar se origina somente na paixão por Jesus que o Espírito inspira em nosso interior. É somente à medida que orarmos com a ajuda do Espírito Santo que poderemos compreender verdadeiramente como orar com eficácia, em todas as áreas da oração que já examinamos neste livro.

O que é oração eficaz?

Tiago 5:13-18 é uma passagem importante sobre a oração efetiva. Ela nos fala que nossas orações podem atingir tanto quanto as de Elias.

Nós todos podemos nos tornar tão efetivos quanto Elias na oração se aprendermos a nos mover com o Espírito Santo. No entanto, necessitamos tirar nossos olhos de nós mesmos e dos outros, e olharmos somente para Deus.

Elias não era diferente de nós. Mas muitos de nós consideram “guerreiros de oração” como sendo algo especial. Reservamos as realizações e as exigências da oração para um grupo “especial” de cristãos, e perdemos a realidade de que a oração eficaz é para todos os crentes. É vital que compreendamos que a oração efetiva não depende de nossa habilidade ou especiali-

dade, mas do poder de Deus por trás dela. Nunca se esqueça de que a oração não muda nada. Deus é quem muda tudo através da oração.

Deus está levantando intercessores que responderão ao chamado para um estilo de vida de oração. Por intermédio de nossas orações Deus pode mudar o destino de nações e abrir ou fechar os céus de acordo com Sua Palavra. Ezequiel 22:30 mostra que é necessária somente a oração de um homem ou mulher para Deus mudar uma situação.

Tiago 5:16 é um versículo importante, mas quase todas as versões da Bíblia o traduzem de maneira diferente. Ele contém quatro importantes palavras gregas. Três delas são claras, mas uma delas é mais difícil de traduzir.

Está claro que:

- A pessoa que está orando é *dikaios*, reta, justa, sem preconceito ou parcialidade
- A oração é *deesis*, rogando, suplicando, implorando, resultante de uma profunda necessidade ou desejo
- A oração é descrita como *ischuo*, forte, robusta, prevalecedora contra os inimigos, capaz de produzir resultados.

Então, há uma quarta palavra, *energeo*. Isto significa liberar poder, operar efetivamente em, trabalhar em. A dificuldade é que não está claro se Tiago 5:16 significa uma, algumas, ou todas essas coisas:

- A pessoa está orando vigorosamente por causa do trabalho de Deus nela.
- Através das orações da pessoa, Deus está trabalhando vigorosamente na necessidade que está sendo apresentada
- Por intermédio das orações de outros, Deus está trabalhando vigorosamente na pessoa
- Deus está trabalhando nas orações da pessoa, tornando-as ativas.

Na sua maneira mais simples, o versículo pode ser traduzido literalmente como “A súplica de uma pessoa reta é forte em seu efeito interior”. Podemos ampliar isso para “A oração suplicante, feita por uma pessoa reta, originária de uma necessidade sen-

tida, e como resultado do trabalho de Deus, tem grande poder para vencer inimigos, para produzir resultados e para trabalhar a vontade de Deus em relação a ela”.

É difícil resistir à conclusão de que Tiago 5:16 sugere que um resultado é produzido na pessoa por intermédio de suas orações, o qual alinha essa pessoa à vontade de Deus, como no caso de Elias.

Esse versículo importante contém quatro princípios de oração eficaz.

Um senso de necessidade

Há duas palavras gregas principais para oração. *Proseuche*, que significa pedir, dependendo de Deus pela provisão; e *deesis*, que significa pedir a partir de um senso profundo de necessidade.

Proseuche é a palavra mais comum usada para oração no Novo Testamento, e ela enfatiza a razão pela qual nós oramos; dependemos de Deus e na oração estamos olhando para Ele.

Entretanto, em Tiago 5:16 a palavra usada é *deesis*. Isso evidencia a necessidade que está nos levando a orar. Por intermédio dessa escolha de palavras, o Espírito Santo está revelando o princípio importante de que a oração eficaz surge de um sentimento de profunda necessidade.

Orar com eficácia não é desfiar uma longa lista de pedidos; é orar pelas poucas necessidades que o Espírito de Deus colocou no nosso mais profundo interior.

Nós todos sabemos como orar quando temos necessidade! Uma mulher cujo filho está envolvido em um grave acidente não precisa de nenhum impulso para orar ou qualquer ensinamento sobre oração; ela ora com todo o seu ser. Ela está totalmente identificada com as necessidades de seu filho.

Se nós permitirmos, o Espírito Santo pode nos ajudar a sentir as necessidades de outra pessoa, de maneira tão pessoal e forte como as nossas próprias. Deus se identifica profundamente com as necessidades das pessoas, e Ele está procurando cristãos que estão preparados para pensar e sentir dessa maneira.

Uma pessoa reta

Provérbios 15:29 ensina que a retidão é um princípio vital de oração, pois nós não podemos viver defectivamente e orar eficazmente. A oração flui do coração do justo, mas o Salmo 66.18 e Isaías 59:1-2 mostram que o pecado bloqueia nossas orações.

Entretanto, não devemos nos sentir condenados e sentir que temos de esperar até que tenhamos atingido a perfeição, antes de poder orar com eficácia. Deus não exige perfeição pura, mas corações que não se apegam ao pecado ou tentam poupá-lo.

Precisamos silenciar o inimigo que diz que não somos dignos de orar, lembrando-o, e a nós mesmos, de que o sangue de Jesus nos limpou de nosso pecado. Jesus é a nossa justiça e é por meio de Sua graça e perdão, não de nossa atuação, que oramos a Deus.

A obra de Deus

Ainda que tenhamos sido salvos somente pela obra de Deus, não havendo nada que possamos fazer para salvar a nós mesmos, uma vez que fomos salvos, podemos exercitar nossa salvação em parceria com Deus. Vemos essa parceria na oração.

Algumas pessoas reconhecem o poder, o conhecimento, o amor e a sabedoria de Deus e pensam que não há necessidade de orarmos. Outras veem a ênfase bíblica na oração e pensam que suas orações podem mudar o mundo. Ambos os grupos estão equivocados, pois Deus escolheu trabalhar através da oração.

A oração pressupõe ação. Não é suficiente crer na oração como um princípio ou uma teoria. Devemos orar de verdade. Mas a oração é a operação efetiva do próprio Deus. Quando oramos estamos sendo apanhados na atividade do Espírito Santo.

Há duas palavras gregas importantes para o poder de Deus em ação. *Dunamis*, que significa força inata ou poder potencial; e *energeia*, que significa poder ativo em ação.

Dunamis é o poder ainda não liberado. Como a dinamite, uma vez detonada, ativa o poder latente e se torna *energeia*, poder em operação. A oração é a operação efetiva de Deus. É

Sua *energeia* trabalhando. Nossas orações nunca podem ser poderosas; ao contrário, o Deus Todo-poderoso é quem trabalha através de nossas orações. Por causa disso é melhor falar sobre oração eficaz do que sobre oração poderosa.

Isso também explica porque o diabo odeia tanto as orações, e trabalha tão duramente para impedi-las. Quando oramos, liberamos o Deus onipotente para trabalhar na situação, e em nós.

Oração eficaz é o poder de Deus em ação. Nós só podemos experimentar seu poder por meio da oração quando oramos. Se nós não orarmos Seu poder não será liberado, mesmo sendo Deus tão poderoso como é.

E oração efetiva tanto é o resultado quanto os resultados da ação de Deus. A oração verdadeira é sempre “no Espírito”, ela vem da operação de Deus. Não quer dizer apenas que Deus está pronto ou esperando para operar quando oramos, mas, na verdade, que Ele está nos incentivando a orar, que está em ação em nossas orações, e em ação em nós por intermédio de nossas orações.

Finalmente, essa parceria divinamente santa e humana é um mistério, mas é a chave para a oração efetiva.

A capacidade de resultados

Tiago 5:16 nos mostra que a verdadeira oração eficaz causa mudanças. Faz uma diferença. A realidade de que Deus trabalha fortemente por intermédio das orações de Seu povo deveria nos motivar em nossas orações.

A palavra grega *ischuo* é usada para significar saúde robusta, derrotando inimigos, força efetiva, grande força, atingindo resultados etc.

Oração não é apenas uma conversa com Deus, é também uma confrontação com Deus contra o inimigo. A oração tem consequências. Deus obtém resultados por intermédio da oração de crentes retos. Quando oramos vemos Deus trabalhar energeticamente, trazendo saúde, vencendo inimigos, mudando acontecimentos.

A oração não respondida

Algumas pessoas estão preocupadas com o que elas chamam de “orações não respondidas”. Elas acreditam que Deus ouve seus pedidos e não dá resposta. No entanto, parece-me que conquanto pareça haver orações que Deus não responde, todas as orações que Ele ouve são respondidas, ainda que não da maneira como desejamos!

Isaías 59:1-2 mostra que Deus nem sempre ouve as orações daqueles que estão separados Dele pelo pecado. Algumas vezes, graciosamente, Deus ouve a oração de um pecador, como em Lucas 18:9-14. Mas não há promessa bíblica quanto a ouvir e responder às orações de uma pessoa que não está “em Cristo”.

1João 3:21-22 sugere que o pecado de um crente significará que ele é incapaz de se aproximar de Deus confiadamente. E Tiago 4:2-3 mostra que motivos corretos são importantes na oração.

A história do “espinho” de Paulo em 2Coríntios 12:7-10 é significativa. Por três vezes, Paulo orou para que o espinho fosse removido, e Deus não o removeu. Mas a oração de Paulo não ficou sem resposta. 2Coríntios 12:9 deixa claro que Deus falou com Paulo. A resposta de Deus era um lembrete sobre a suficiência completa da graça de Deus. Deus nos ama e sabe o que é melhor para nós; isso significa que Sua resposta sempre será diferente da nossa petição. Mas será uma resposta.

As promessas maravilhosas de 1João 5:14 e João 15:7 têm sido mal interpretadas por alguns que consideram a oração como sendo algum tipo de loteria espiritual. Devemos apreciar que essas promessas sejam condicionais. Elas são para aqueles que estão habitando em Cristo e fazendo pedidos de acordo com a vontade de Deus.

É claro que isso não significa adicionar “se for da tua vontade” ao final de cada oração. Lucas 22:39-45 conta a história de um momento de suprema tentação na vida de Jesus. A questão a ser decidida era: que vontade seria cumprida, a do Pai ou a do Filho?

Essa primeira metade do versículo 42 sugere que Jesus, confrontado com a taça da ira de Deus contra a humanidade (com a qual Ele tinha se identificado totalmente), desejou ardentemente não ter de suportar a cruz. Naquele momento, Jesus foi tentado com o desejo humano do perdão sem a cruz e da graça sem o julgamento de justiça.

A oração na segunda parte do versículo 42 deve ser o apogeu de toda a Bíblia, talvez o momento mais importante na História. Jesus não podia se alinhar à vontade de Deus, mas podia se submeter a ela; por isso disse: “Contudo, não se faça a minha vontade, e, sim, a tua”.

Nenhum de nós jamais enfrentará uma batalha de oração como a do Getsêmani, mas somos chamados para nos submetermos à vontade do Pai, e fazemos isso em oração. Essa submissão pode significar que “nossa vontade” não será feita, mas nunca pense que isso sugere que nossas orações não foram respondidas.

Seis passos para a oração eficaz

Sabemos que a oração flui de nosso relacionamento com Deus. Por isso é impossível reduzir a oração a uma série de regras ou a uma fórmula. Mas podemos tirar alguns princípios básicos para ajudar a desenvolver nosso relacionamento de oração com Deus. Lembre-se, eles são indicadores, não regras.

Deus quer que peçamos

Tiago 4:2 e João 16:24 mostram a importância de se pedir a Deus. Essa é a oração de petição, ou oração de súplica. Nós devemos *pedir* a Ele. Com frequência, tentamos resolver as coisas em nossas mentes e confiar em nossa habilidade humana. Em vez disso, devemos pedir ao nosso Pai celestial.

Algumas pessoas demoram a pedir a Deus porque elas têm uma imagem falsa de Deus. Elas O veem como uma figura rancorosa que está muito distante. Como isso é falso! Ele deseja nos dar coisas boas e nos exorta a pedir a Ele.

Uma das ideias mais tristes que alguns têm do verdadeiro cristianismo é a noção de que Deus não é amigável ou favoravelmente disposto em relação às pessoas. A verdade é que podemos vir diretamente a Jesus Cristo. Ele intercede por nós e amorosamente nos representa diante de nosso Pai celestial.

Imagine todas as coisas que Deus tem prontas para nos dar, e pense no que aconteceria se somente as pedíssemos a ele. Onde estaríamos? Quem seríamos? O que seríamos? Se encontrássemos nossos filhos furtando dinheiro de nós, certamente nos sentiríamos feridos, porque sabemos que têm somente que pedir, para que possamos dar a eles. Quanto mais ainda isso se aplica ao nosso relacionamento com nosso Pai celestial?

Peça com intrepidez

Temos visto que há uma riqueza de ensino sobre a oração em Lucas 11:1-13. O homem que acordou seu vizinho à meia-noite para tomar pão emprestado o conseguiu por causa de sua ousadia. Isso é evidenciado em Hebreus 4:16.

A palavra grega *anaidei* em Lucas 11:8 é traduzida como “intrepidez” ou “importunação”, mas ela literalmente significa falta de vergonha, insolência ou coragem.

Precisamos de intrepidez e determinação para pensar: “Preciso dessa provisão, e não serei dissuadido por nada até que a tenha obtido”.

Precisamos de audácia santa, baseada na força de nosso relacionamento com Deus, no conhecimento confiante de Sua vontade e na segurança de que somos bem-vindos a Sua presença, para pedirmos a Ele com coragem e destemor.

Precisamos de audácia para pedir coisas grandes a Deus, como em Salmos 2:8. Não devemos nos sentir intimidados ou limitados pelas insinuações de nosso inimigo quanto à frequência com que nos aproximamos do trono de Deus, e ao que pedimos quando chegamos lá.

Peça de acordo com a vontade de Deus

Quando oramos, não devemos expressar nossos direitos ou pon-

tos de vista. Precisamos nos identificar com a vontade de Deus, e orar para que ela se cumpra. Se não estamos orando a vontade de Deus numa situação, estamos orando nossa própria vontade. Tiago 4:3 mostra que é por causa disso que muitas orações parecem ficar sem resposta.

Orar de acordo com a vontade de Deus envolve não somente os pedidos, mas também os motivos. Podemos pedir pela coisa certa com o motivo errado.

Orar não é tentar persuadir a Deus a fazer nossa vontade, mas ter a certeza de que nos alinhamos à vontade Dele. Isso não significa juntar um “se for da tua vontade, Senhor” ao final de uma lista de petições egoístas!

Algumas pessoas ensinam que devemos esperar as respostas “sim” e “não”, ou “espere” para as nossas orações. Tal ensino pode ter nascido de uma luta para identificar a vontade de Deus em uma situação. Mas a razão de não sabermos a vontade de Deus se deve simplesmente a nossa indolência.

1 João 5:14-15 mostra que a resposta de Deus é sempre “sim!” para pedidos que são feitos de acordo com Sua vontade, e esse deve ser o objetivo de *todas* as nossas orações. Devemos almejar conhecer a Deus e a Sua vontade tão bem que, a qualquer tempo, poderemos pedir e estarmos confiantes de uma resposta positiva.

Orar no nome de Jesus não é uma fórmula mágica, mas o reconhecimento de que nossa autoridade na oração está sendo exercida em alinhamento com a vontade do Pai. E João 14:13-14 mostra o que acontece quando oramos dessa maneira! Quando oramos com a autoridade de Jesus, é como se Jesus estivesse orando.

Romanos 8:26-27 ensina que o Espírito Santo intercede por nós de acordo com a vontade de Deus. Se não sabemos qual é a vontade de Deus em uma situação, podemos orar em línguas e o Espírito Santo orará sua vontade através de nós.

Peça com fé

Tiago 5:15 identifica a oração de fé. Uma oração de fé realiza mais do que muitos anos de oração sem ela. Infelizmente, nossa fé é um tanto fraca.

Não podemos esperar receber a não ser que creiamos, e Jesus nos ensinou em Marcos 11:24, a crer que já recebemos quando oramos. Essa é a oração da fé. Tiago 1:6-8 nos ajuda a entender o que isso significa na prática.

Há duas questões principais quanto a crer em Deus:

- Ele é capaz?
- Ele deseja?

Em Marcos 9:14-29, a habilidade de Jesus foi trazida à questão porque Seus discípulos tinham sido incapazes de curar um jovem com um espírito mudo. Mas nunca há nada de errado com o poder de Deus, somente com a nossa falta de fé.

Marcos 1:40-45 trata do desejo que Deus tem de abençoar. Muitas pessoas que estão lutando com feridas e desapontamentos culpam Deus de má vontade. Como o leproso, elas dizem: “O Senhor poderia me ajudar, se tão-somente quisesse”. Mas a resposta de Jesus em Marcos 1:41 resolve o problema.

Esse é o nosso desafio hoje. Devemos crer Nele e, pelas nossas orações de fé, demonstrar que Ele tanto deseja quanto é capaz de responder em tempo de necessidade.

Peça com persistência

Vimos que há diferentes tipos de oração e cada uma delas tem seus próprios princípios particulares. A oração de persistência é um exemplo claro. Diferente da oração de fé, ela é oferecida repetidamente até que a resposta seja experimentada.

É de importância vital, como a parábola em Lucas 18:1-8, não desistir quando nossas orações parecem estar ficando sem respostas. Devemos avançar, pois o Juiz que é bom e disposto certamente julgará nossa causa.

Em Apocalipse 5:8 e 8:4, as orações dos santos sobem como incenso diante de Deus. Isso é um encorajamento para continuarmos a orar, porque essa oração pode ser a última requerida antes que as taças estejam cheias e a promessa de Oséias 10:12 seja obtida.

Ore com criatividade

Ao longo deste livro vimos muitos aspectos diferentes da oração e

muitas maneiras diferentes de orar. Não é uma atividade monótona e uniforme. Em nossa leitura regular da Bíblia, faremos bem se observarmos os variados exemplos de oração que examinamos. Devemos estar certos de que nossas vidas de oração refletem uma variedade semelhante.

Precisamos conferir se não estamos ignorando orações silenciosas e em voz alta, intercessão ou ação de graças, guerra ou louvor, confissão ou petição, línguas ou súplica.

É muito fácil ficarmos imobilizados numa rotina de oração, usando sempre as mesmas palavras e estilo. Precisamos ampliar nossas orações e nos tornarmos mais criativos em nossas vidas de oração. Quem sabe o que Deus fará através de nossa oração?